

Seleção de contos para o encontro do Módulo 2
Grupo Traçando
Rio, 22 de maio de 2025

**A ficção científica como cenário
para discutir o agora**

Autores canônicos de ficção científica: inspiração para brasileiros

Isaac Asimov: "Primeira Lei"

Ray Bradbury: "Máquina de voar" (ficção retrofuturista)

Autores brasileiros

Berilo Neves: "A vingança de Mendelejeff"(1929) influência *pulp*

Domingos Carvalho da Silva: "Águas de Nagasáqui" (1963) geração GRD/ Primeira Onda

Jerônimo Monteiro: "Um braço na quarta dimensão"(1964) influência *pulp*

Dinah Silveira de Queiroz: "Os possessos de Núbia"(1969) Geração GRD/ Primeira Onda.

Rubens Teixeira Scavone: "Especialmente, quando sopra outubro" (1971) período entre as duas ondas

Marien Calixte: "O visitante" (1977) período entre as duas ondas

Jorge Luiz Calife: "A morte do cometa"(1985) Segunda Onda, autor de F.C. *hard*

Braulio Tavares: "Mestre-de-armas" (1989) Segunda Onda

Marcelo Cortez: "Pássaros na lua" (2019)

Juliane Vicente: "Luna" (2019)

Diego Mendonça: "Paragon" (2019)

Maurício Schames: "www.com" (2019)

Primeira Lei

Mike Donovan ficou olhando para sua caneca vazia de cerveja, sentiu-se entediado e achou que já tinha ouvido demais. E disse, em voz alta: — Se vamos conversar sobre robôs incomuns, certa feita conheci um que desobedeceu à Primeira Lei.

E como isso era completamente impossível, todos pararam de falar e voltaram seus olhares para ele.

Donovan lamentou sua língua comprida de imediato, e mudou de assunto: — Ouvi uma boa piada ontem — ia dizendo, casualmente — sobre...

MacFarlane interveio, da cadeira ao lado da de Donovan: — Quer dizer que conheceu um robô que machucou um humano? — Era do que tratava a desobediência à Primeira Lei, é claro.

— De certa forma — respondeu Donovan. — Mas ouvi uma piada a respeito...

— Conte-nos a respeito dele — ordenou MacFarlane. Alguns dos outros começaram a bater suas canecas sobre a mesa.

Donovan tentou contar da melhor maneira possível. — Aconteceu em Titã, cerca de dez anos atrás — disse, pensando depressa. — Sim, foi em 25. Tínhamos recebido recentemente um carregamento de três robôs de modelo novo, especialmente projetados para Titã. Eram os primeiros modelos MA. Nós os chamávamos Emma Um, Dois e Três. — Estalou os dedos, pedindo outra cerveja, e ficou olhando, sério, o garçom se afastar. Vejamos, o que vinha depois?

E MacFarlane continuou: — Estive lidando com robótica toda a minha vida, Mike. Nunca ouvi falar de nenhuma série MA.

— Isso porque tiraram os MAS das linhas de montagem imediatamente depois... depois do que vou lhes contar. Não se lembram?

— Não.

Donovan retomou, apressadamente: — Pusemos os robôs para trabalhar de imediato. Vejam, até então a base tinha estado totalmente inútil durante a estação das tempestades, que dura oitenta por cento da revolução de Titã em torno de Saturno. Durante as

nevascas terríveis, não se poderia achar a base mesmo que ela estivesse a cem metros de distância. As bússolas não adiantam nada, porque Titã não tem campo magnético.

“Os robôs MA, entretanto, eram equipados com vibrodetectores de desenho novo, de modo que podiam determinar a direção da base através de qualquer obstáculo, o que significava que a mineração poderia se estender durante todo o período de revolução. E antes que você diga alguma coisa, Mac, os vibrodetectores também foram tirados do mercado, e é por isso que nunca ouviu falar deles.” Donovan tossiu. “Segredo militar, compreende?”

E prosseguiu: — Os robôs trabalharam bem durante a primeira estação das tempestades, e então, começando a estação calma, Emma Dois começou a fazer coisas. Ficava andando pelos cantos e sob os engradados, e precisava ser atraída para fora. Por fim, saiu da base e não voltou. Concluímos que tinha um defeito de fabricação, e continuamos o trabalho com as outras duas máquinas. Mesmo assim, ficamos com falta de mão-de-obra, ou robô-de-obra, e, ao fim da estação calma, alguém precisaria ir a Kornsk, e me ofereci como voluntário, para arriscar a ir sem um robô. Parecia seguro o suficiente; as tempestades só eram esperadas para dois dias depois, e eu estaria de volta depois de vinte horas no exterior.

“No dia da volta, a uns dezesseis quilômetros da base, o vento começou a soprar, e a atmosfera ficou mais densa. Pousei meu carro imediatamente antes que o vento o esmagasse, virei-me para a base e comecei a correr. Podia percorrer bem aquela distância sob a baixa gravidade, mas será que podia correr em linha reta? Essa era a questão. Meu suprimento de ar era grande, e as resistências de meu traje eram satisfatórias, mas dezesseis quilômetros através de uma tempestade titânica é uma infinidade.

“Quando a torrente de neve transformou tudo num crepúsculo escuro e viscoso, obscurecendo até mesmo Saturno, e tornando o Sol apenas uma pintinha pálida, parei e inclinei-me contra o vento. Havia um pequeno objeto escuro bem à minha frente. Mal conseguia discerni-lo, mas sabia o que era. Era um cachorrinho-da-tempestade; a única coisa viva que podia suportar uma tempestade titânica, e a mais maligna coisa viva em qualquer lugar. Eu sabia que meu traje espacial não poderia me proteger, se aquilo se dirigisse contra mim, e, com aquela má iluminação, eu precisava esperar para poder disparar à queima-roupa, ou era melhor não atirar. Um tiro perdido, e o animal me alcançaria.

“Recuei lentamente, e o vulto me acompanhou. Aproximava-se, e eu estava erguendo meu explosor, com uma oração, quando um vulto maior se ergueu diante de mim de repente, e eu até cantarolei de alívio. Era Emma Dois, o robô MA perdido. Nunca parei para imaginar o que tinha acontecido ou me preocupar com o porquê.

Só pude dizer: 'Emma querida, pegue aquele cachorrinho e leve-me de volta para a base'.

"Ela olhou-me como se nada tivesse ouvido e pediu: 'Senhor, não atire. Não atire'.

"E saiu correndo rumo ao cachorrinho-da-tempestade.

"Pegue o maldito cachorrinho, Emma!", gritei. Ela pegou o cachorrinho, mesmo. Apanhou-o *e continuou andando*. Gritei até ficar rouco, mas ela nunca voltou. Deixou-me ali para morrer na tempestade."

Donovan fez uma pausa dramática. — É claro, vocês conhecem a Primeira Lei: um robô não pode causar dano a um ser humano, ou, por inação, permitir que um humano sofra dano! Bem, Emma Dois acabara de sair correndo com aquele cachorrinho-da-tempestade e deixou-me ali para morrer. Violou a Primeira Lei.

"Felizmente, saí daquela ileso. Meia hora depois, a tempestade amainou. Fora só uma lufada prematura, e apenas temporária. Isso acontece, às vezes. Disparei para a base, e a tempestade começou realmente, no dia seguinte. Emma Dois retornou duas horas depois de mim, e, é claro, o mistério então foi explicado, e os modelos MA foram retirados do mercado imediatamente."

— E qual exatamente — quis saber MacFarlane — foi a explicação?

Donovan olhou para ele, sério: — É verdade que eu era um ser humano em perigo de morte, Mac, mas, para aquele robô, havia algo que vinha primeiro, mesmo antes de mim, antes da Primeira Lei. Não se esqueça de que eles eram de uma série MA especial, e esse robô MA em particular estivera procurando esconderijos por algum tempo antes de desaparecer. Era como se esperasse que algo especial — e particular — fosse acontecer. Aparentemente, algo de especial acontecera.

Os olhos de Donovan voltaram-se para cima, reverentemente, e sua voz estremeceu. — Aquele cachorrinho não era cachorrinho nenhum. Nós o chamamos Emma Júnior, quando Emma Dois o trouxe. Emma Dois *precisava* protegê-lo de minha arma. O que é a Primeira Lei comparada aos sagrados laços do amor maternal?

Obs.:

Em nota, o autor diz que escreveu este conto como uma piada e não deve ser levado a sério.

Máquina de voar

No ano 400 d.C., o Imperador Yuan reinava próximo à Grande Muralha da China, a chuva enverdecia a terra que se preparava para a colheita, havia paz e o povo que vivia em seus domínios não era nem feliz e nem infeliz em demasia.

De manhã bem cedo, no primeiro dia da primeira semana do segundo mês do novo ano, o Imperador Yuan bebia chá e abanava-se com um leque para se defender da brisa morna que soprava, quando um servo atravessou correndo as pedras vermelhas e azuis do piso do jardim, gritando: — Imperador, imperador, um milagre!

— É verdade — disse o imperador. — A temperatura está realmente agradável esta manhã.

— Não, não, um milagre! — disse o servo, fazendo uma rápida reverência.

— E este chá está muito saboroso, isso certamente é um milagre.

— Não, não, majestade.

— Deixa-me adivinhar, então. O sol se levantou e um novo dia nasceu sobre nós. Ou o mar está azul. *Isso*, sim, é o maior de todos os milagres.

— Majestade, um homem está voando!

— O quê? — O leque do imperador se deteve.

— Eu o vi no céu, um homem voando com asas. Ouvi uma voz chamando lá de cima, e quando olhei, lá estava ele, um dragão nos céus com um homem na boca, um dragão de papel e bambu, das cores do sol e da grama.

— É muito cedo — disse o imperador —, e tu acabas de despertar de um sonho.

— É cedo, mas eu vi o que vi! Vinde, e vós vereis também.

— Senta-te aqui comigo — disse o imperador. — Bebe um pouco de chá. Deve ser uma coisa estranha, se realmente for verdade, ver um homem voando. Tu precisas de tempo

para pensar sobre isso, tanto como eu preciso de tempo para preparar-me para tal visão.

Beberam o chá.

— Por favor — disse o servo, finalmente. — Ele pode ir embora.

O imperador ergueu-se, pensativo. — Agora podes mostrar-me o que viste.

Caminharam por um jardim, atravessaram uma touceira de capim, uma pequena ponte, um bosque, e subiram uma pequena colina.

— Lá! — disse o servo.

E no céu, tão alto que quase não se ouvia o som de seu riso, havia um homem; o homem estava envolto em papéis coloridos e bambus, formando asas e uma linda cauda amarela, e deslizava no ar como a maior ave de um universo de aves, como um dragão novo em uma terra de velhos dragões.

Do alto, o homem gritou para eles, e sua voz foi trazida pelos frescos ventos da manhã: — Estou voando, estou voando!

O servo acenou para ele. — Estás sim, estás sim!

O Imperador Yuan não se moveu. Em vez disso, olhou para a Grande Muralha da China, que começava a se delinear por entre a neblina que envolvia as verdes montanhas, como uma esplêndida serpente de pedra majestosamente estirada por todo o país. Aquela muralha maravilhosa que desde tempos imemoriais os protegia de hordas de inimigos e preservava a paz, havia muitos e muitos anos. Viu a cidade começando a despertar, aconchegada por um rio, uma estrada e uma montanha.

— Escuta — disse ao servo. — Alguém mais viu esse homem voador?

— Fui o único, majestade — disse o servo, sorrindo para o céu e acenando.

O imperador tornou a olhar para cima por um momento e disse: — Chama-o para mim.

— Ei, desce, desce! O imperador quer ver-te! — gritou o servo, pondo as mãos em concha em torno da boca.

O imperador olhou para todos os lados enquanto o homem voador descia no vento da manhã. Viu um fazendeiro, que madrugava em seus campos, olhando para o céu, e assinalando o lugar onde ele estava.

O homem voador pousou, com um farfalhar de papel e um rangido de bambus. Dirigiu-se cheio de orgulho para o

imperador, desajeitado em seus atavios, e finalmente fez uma reverência diante do velho.

— O que fizeste? — perguntou o imperador.

— Voei pelos céus, majestade — respondeu o homem.

— O *que* fizeste? — repetiu o imperador.

— Acabei de vos dizer! — gritou o homem voador.

— Tu não me disseste absolutamente nada. — O imperador estendeu sua mão delicada e tocou o lindo papel e a estrutura do aparelho, semelhante à de um pássaro. Tinha um cheiro fresco de vento.

— Não é belo, majestade?

— Sim, é belo demais.

— É único no mundo! — O homem sorriu. — E fui eu que o inventei!

— É o *único* no mundo?

— Posso jurar!

— Quem mais sabe disso?

— Ninguém. Nem mesmo minha mulher, que iria pensar que o sol me enlouqueceu. Ela pensou que eu estava fazendo um papagaio de papel. Levantei-me durante a noite e caminhei até os penhascos distantes. Quando a brisa da manhã começou a soprar e o sol se ergueu, reuni toda a minha coragem e saltei do penhasco. E voei! Mas minha mulher não sabe de nada.

— Melhor para ela, então — disse o imperador. — Vem comigo.

Caminharam de volta até o palácio. O sol brilhava alto no céu, e o cheiro da grama era refrescante. O imperador, o servo e o homem voador detiveram-se no imenso jardim.

O imperador bateu palmas. — Guardas!

Os guardas vieram correndo.

— Prendei este homem.

Os guardas agarraram o homem voador.

— Chamai o carrasco — disse o imperador.

— Mas o que é isto? — gritou o homem, atônito. — O que foi que eu fiz? — começou a chorar, e a linda armação de papel rangeu.

— Eis um homem que construiu uma determinada máquina — disse o imperador — e é ele quem nos pergunta o que foi que criou. Ele mesmo não sabe. Basta que tenha criado, sem saber por que o fez ou para que serve esta coisa.

O carrasco chegou correndo com um afiado machado de

prata. Ficou parado, com os braços nus e musculosos prontos, o rosto coberto por uma imaculada máscara branca.

— Um momento — disse o imperador. Dirigiu-se até uma mesa próxima, sobre a qual havia uma máquina que ele próprio criara. O imperador pegou uma minúscula chave de ouro que trazia em seu pescoço. Enfiou a chave na pequena e delicada máquina, deu-lhe corda e ela se pôs em movimento.

A máquina era um jardim de metal e pedrarias. Quando começou a funcionar, pássaros cantaram em pequenas árvores de metal, lobos atravessaram florestas em miniatura, e homens e mulheres minúsculos correram de um lado para outro, do sol para a sombra, abanando-se com leques diminutos, escutando pequenos pássaros de esmeralda e parando junto a fontes incrivelmente pequenas mas murmurantes.

— Não é lindo? — perguntou o imperador. — Se tu me perguntasses o que eu fiz, eu poderia responder muito bem. Fiz os pássaros cantarem, fiz florestas sussurrarem, coloquei pessoas andando por essa terra, apreciando as folhas, as sombras e o canto dos pássaros. Foi isso que eu fiz.

— Mas, imperador — implorou de joelhos o homem voador, com as lágrimas correndo-lhe pelo rosto —, eu fiz algo parecido! Encontrei a beleza. Voei no vento da manhã. Olhei para baixo e vi os jardins e as casas adormecidas. Senti o cheiro do mar e pude até mesmo vê-lo, além das montanhas, das alturas onde estive. Voei como um pássaro. Oh, não posso explicar como é lindo lá em cima, no céu, com o vento à minha volta, o vento me soprando ora como uma pena, ora como um leque, o cheiro que o céu tem de manhã! E a gente se sente tão livre! *Isto é lindo, imperador, isto também é lindo!*

— Sim — disse o imperador com tristeza. — Sei que deve ser verdade. Porque senti meu coração voar contigo pelos ares e pensei: Como será? Qual será a sensação? Como serão os lagos distantes vistos de tão alto? E minhas casas e meus servos? Parecerão formigas? E as cidades ao longe, ainda adormecidas?

— Poupai-me, então!

— Mas há momentos — disse o imperador, mais tristemente ainda — em que devemos abrir mão de uma beleza se desejamos preservar a pequena beleza que já temos. Não é a ti que eu temo, mas a um outro homem.

— Que homem?

— Um outro homem que, vendo-te, construirá um aparelho de papel colorido e bambu, como este. Mas esse outro homem terá um rosto cruel e um coração cruel, e a beleza desaparecerá. É a esse homem que eu temo.

— Por quê? Por quê?

— Quem é que pode dizer se um dia um homem assim, em um aparelho de papel e caniços como esse, não voará pelo céu para deixar cair grandes pedras sobre a Grande Muralha da China? — perguntou o imperador.

Ninguém se moveu ou disse uma palavra.

— Cortai-lhe a cabeça — disse o imperador.

O carrasco brandiu seu machado de prata.

— Queimai o papagaio e o corpo do inventor, e enterrai juntas suas cinzas — disse o imperador.

Os servos retiraram-se para obedecer.

O imperador voltou-se para seu servo pessoal, que havia visto o homem voando. — Guarda segredo. Foi tudo um sonho, um triste e lindo sonho. E diz ao fazendeiro no campo distante, que também viu, que será melhor para ele considerar que foi apenas uma visão. Se algum dia essa história se espalhar, tu e o fazendeiro morrerão na mesma hora.

— Vós sois misericordioso, imperador.

— Não, não sou misericordioso — disse o velho. Do outro lado do muro do jardim, viu os guardas queimando a linda máquina de papel e bambu, que tinha o cheiro do vento da manhã. Viu a fumaça escura que subia para o céu. — Não, estou apenas confuso e amedrontado. — Viu os guardas cavando um pequeno buraco para enterrar as cinzas. — O que é a vida de um homem comparada a um milhão de outras? Preciso me consolar com esta idéia.

Pegou a chave que trazia na corrente presa ao pescoço e mais uma vez deu corda no lindo jardim em miniatura. Ao longe, viu a Grande Muralha, a cidade pacífica, as plantações verdes, os rios e os regatos. Suspirou. O delicado mecanismo escondido do pequeno jardim foi acionado e começou a movimentar-se; pequenos homens caminharam pelas florestas, pequenos animais de lindas pelagens brilhantes atravessaram clareiras iluminadas pelo sol, e por entre as pequeninas árvores voaram fragmentos de canto e cores brilhantes, azuis e amarelos, voando, voando, voando naquele pequeno céu.

— Oh — disse o imperador, fechando os olhos. — Olhai os pássaros, olhai os pássaros!

A VINGANÇA DE MENDELEJEFF

BERILO NEVES

Em Neves (1901-1974) temos um dos primeiros best-sellers da FC nacional — e certamente o nosso primeiro escritor a se dedicar sistematicamente ao gênero, produzindo quase quarenta histórias de FC e buscando empregá-la como um artifício de sátira social. Seus contos saíram em revistas e jornais nas décadas de 1920 e 30, e foram compilados nas coletâneas A Costela de Adão (1929), que teve oito edições, A Mulher e o Diabo (1932) e Século XXI (1934).

Neste conto, saído de A Costela de Adão, encontram-se alguns dos elementos característicos da produção de Berilo Neves: o protagonista que dialoga com um cientista estrangeiro de passagem ou vivendo no Brasil; o paralelo determinista entre o comportamento humano e os movimentos microbiológicos. Mas o conto afasta-se um tanto da típica história de Neves pelo seu conteúdo mais sensacional e menos sarcástico, fazendo-o aproximar-se de uma pulp fiction com direito a cientista louco e a máquinas apocalípticas. Contos de catástrofe, como este, ambientado no Rio de Janeiro, são relativamente raros na FC brasileira. É possível que em “A Vingança de Mendelejeff” haja alguma influência do romance de Sir Arthur Conan Doyle, A Nuvem da Morte (The Poison Belt), de 1913, que possui premissa semelhante.

A primeira impressão que tive do Dr. Mendelejeff não foi, positivamente, das mais simpáticas. Ele era alto, esguio, anguloso e cheio de tics nervosos. Uma barba muito densa e negra escondia-lhe a boca e dava-lhe à fisionomia uma estranha severidade. Era nesses pelos escuros que uma grande parte de suas palavras se perdia e de tal modo que todos os seus discípulos desejavam que raspasse, um dia, aquela barba hostil, em benefício da clareza e eficácia de suas aulas. . .

Russo de nascimento, passara uma grande parte da vida em Paris, onde estudara com o velho Berthelot nos últimos anos de atividade do grande químico. Era tido na conta de sábio e fazia parte de grande número de institutos e academias científicas do mundo. Viera contratado pelo governo para fazer conferências públicas, que abrangiam todos os maravilhosos progressos da química moderna. Em conse-

quência, porém, de uma denúncia que o revelara como anarquista perigoso, o governo resolveu rescindir o contrato que assinara, e o sábio Mendelejeff encontrou-se, de repente, sem recursos, sendo forçado a arranjar alguns alunos com os quais iniciou um curso particular.

Quando conheci o sábio russo, era avultada a frequência ao seu curso de química. Instalara-se lá para as bandas do Derby Club e tinha pedido licença ao governo para montar, naquele local, uma grande usina gasogênia com os capitais que, segundo afirmava, lhe enviara a Sociedade Protetora dos Químicos, de Moscou. Aprendi com ele muito da ciência a que Berthelot dera nova base e novos rumos, e regozijava-me, intensamente, pela boa escolha que fizera há dois anos. Mendelejeff era um espírito revolucionário, senão em política (nunca falamos nesse assunto) ao menos em ciência. Para ele, a química era uma nova divindade capaz de realizar todos os milagres imaginados pelo cérebro humano. Muitas vezes, depois que saíam os demais alunos, eu me deixava ficar no seu gabinete ouvindo-lhe teorias científicas em que perpassava um clarão de genialidade ou de loucura.

— A civilização moderna — dizia-me o sábio — é obra exclusiva da química. Sem a química não teríamos os explosivos com que se abrem estradas na montanha e se aplainam os acidentes do terreno. As indústrias, a começar pela metalurgia, tudo devem à ciência de Lavoisier, e o conforto humano ainda seria igual ao da Idade Média se não aparecessem, na terra, homens como Berthelot e Ostwald. A vida é um fenômeno químico, uma série de reações que têm como maravilhoso laboratório o nosso corpo. Cada alimento lançado pela via gastrointestinal é reduzido a pasta, macerado, comprimido e depois atuado pelos ácidos, pelos sucos, pelos líquidos orgânicos, que os reduzem, transformam, modificam, para serem, enfim, incorporados ao sangue e transformados em substância celular. Que é a respiração senão um fenômeno químico em que o sangue venoso se oxigena para poder alimentar as células? A harmonia química é tão universal que, enquanto os homens e os outros animais consomem oxigênio e exalam anidrido carbônico, as plantas libertam oxigênio e consome o gás carbônico. . . Em última análise, que é a vida? Uma oxidação. Desapareça o oxigênio da face da terra, e imediatamente se terá produzido a maior catástrofe que se pode imaginar: tudo morrerá envenenado. Ora, o grande, o imenso reservatório de oxigênio é a atmosfera. Mas, a atmosfera não é intangível como se supunha; os alemães, durante a guerra,¹ tiravam da atmosfera o azoto de que precisavam para o fabrico de explosivos.

¹ I Guerra Mundial

Dele extraímos, hoje, em pequena quantidade, é certo, o oxigênio com que fazemos a solda autogênica, e enchemos os balões que prolongam a vida dos moribundos. . . Que será de nós quando um homem descobrir um meio bastante eficaz para fixar ou transformar o oxigênio da atmosfera? Esse homem terá nas próprias mãos a sorte do mundo!

Enquanto falava, o sábio animara-se gradativamente. Os seus olhos brilhavam, fosforescentes, como os dos gatos na escuridão. Esfregava as mãos, nervosamente, uma na outra, e todo o seu corpo era como uma pilha elétrica. Temi que fosse ter um acesso de loucura, e olhei instintivamente para a janela por onde, em caso de perigo, poderia fugir.

— É como lhe digo, meu caro discípulo — continuou, numa incontida exaltação, o químico Mendelejeff —, o oxigênio é a grande fonte vital do Cosmos. Já viu uma bolha de ar em uma gota de sangue, ao microscópio? É um fenômeno digno de ser cantado pelos mais alevantados gênios poéticos do mundo. Vêem-se todos os glóbulos da gota de sangue correrem, sedentos de oxigênio, para a pequena bolha de ar. É um atropelo infernal, uma luta de egoísmos vitais que se entrecrocavam como os dos homens, nos campos de batalha ou nos naufrágios. Todos os glóbulos querem viver, assegurar a existência pela absorção do oxigênio divino. Como é bela essa tragédia muda no espaço infinitesimal de uma gota de sangue! Há mais filosofia numa lâmina de microscópio do que em toda a obra de Augusto Comte!

— Que vamos estudar amanhã? — indaguei, muito de indústria, para desviá-lo da exaltação do assunto.

— A nitroglicerina e os explosivos de base nítrica.

Despedi-me, impressionado com o entusiasmo de Mendelejeff. “E dizer-se que um sábio dessa estatura é anarquista!” pensei, de mim para mim.

A noite, sonhei que eu era um glóbulo vermelho e que me agitava com outros glóbulos, disputando um pouco de oxigênio existente na bolha de ar perdida na gota de sangue em que nos achávamos. Foi uma luta tremenda, que me fez suar copiosamente e acordar com uma sensação de horrível dispneia. Saltei da cama e corri para a janela, que abri de par em par. Aspirei o ar da manhã a plenos pulmões, mas foi como se tivesse permanecido de janela fechada. Ia abrir a outra janela quando entrou no quarto, com a fisionomia transtornada, o meu velho criado Anacleto.

— Doutor, a cozinheira está sem fôlego. Diz que dormiu ontem logo depois do jantar e amanheceu com uma dor no peito. Manda-lhe pedir que lhe dê um remédio, senão sabe que não escapa.

Corri ao quarto da cozinheira. Estava realmente com a face arroxeada, cianótica, como a dos moribundos. Esforçava-se por respirar profundamente, procurando dar um ritmo certo à respiração.

— Já sofreu de asma? — perguntei-lhe.

— Nunca, doutor. Foi esta noite que senti a falta de fôlego. Só pode ter sido do jantar.

Fiz-lhe uma fricção de álcool em todo o tórax, e dei-lhe um antiespasmódico qualquer.

— Prepara o café, Anacleto. Preciso sair já.

— Não tem pão, doutor. O homem da padaria voltou da porta com falta de ar.

— Com todos os diabos, Anacleto! Então, todo mundo, hoje, está com falta de ar?

Vesti-me apressadamente e tomei um ônibus para a cidade. Notei que não havia, naquela manhã, o movimento de costume. O ônibus ia quase vazio, mas, em compensação, as ambulâncias da Assistência Pública cruzavam pela Avenida Beira-Mar.

— Houve algum desastre? — indaguei ao condutor do ônibus. — Tanto carro da Assistência. . .

— Dizem que há uma porção de gente com falta de ar. Nunca vi coisa assim. Olhe. . . o chofer vai ter uma síncope.

O condutor correu para o guidão do carro e fez que este parasse instantaneamente. O motorista descaíra para um lado, todo roxo, como se estivesse atacado de súbito mal.

Fosse ou não impressão, o fato é que eu mesmo estava imensamente nervoso, sentindo que o ar me faltava cada vez mais. Tomei um táxi e fiz correr para o Derby Club.

Aquela hora, o gabinete de Mendelejeff estava inteiramente deserto. Apenas um rumor surdo, de máquinas em movimento, chamou a minha atenção para as novas instalações que o sábio ia inaugurar no princípio do mês vindouro. Estaria Mendelejeff experimentando as suas máquinas gasógenas? Dirigi-me para lá. Depois de subir uma escada de pedra achei-me no pavilhão central onde estavam as grandes máquinas transformadoras. Um ruído semelhante ao de uma cachoeira fez-me voltar a cabeça para um lado. Lá estava o químico, que

contemplava a saída de grandes volumes de água de um tubo lateral. "Para onde iria tanta água?" perguntei a mim mesmo.

O sábio, ao ver-me, fez um gesto de desagrado.

— Que veio o senhor fazer aqui?

— Eu? . . . Sim, professor. . . Vim aqui por causa. . . da falta de ar!

— De quê?

— Da falta de ar. . .

Ele saltou bruscamente para perto de mim, e depois, como tomado de súbita ideia, correu à porta por onde eu entrara, trancando-a a chave. Voltando-se, disse:

— Já que o senhor descobriu o meu segredo, vai morrer.

Encarei-o, tomado de forte surpresa. Estaria louco? Com os olhos brilhantes, e a boca crispada em contração tetânica, disse-me:

— Está vendo essa máquina? É um aparelho fixador de oxigênio. Aquela outra ali é uma geradora de hidrogênio. Estou retirando vinte milhões de metros cúbicos de oxigênio do ar e transformando-o, com o auxílio do hidrogênio, em água. Isso quer dizer que, se não soprarem ventos muito fortes, dentro de três horas todo o Rio de Janeiro será um imenso cemitério. Ah! Ah! Ah! E dizer-se que ainda há homens que atiram bombas nos presidentes de Estado sendo muito mais simples matar uma cidade inteira à fome. . . de oxigênio. Os dois milhões de cadáveres do Rio vão boiar na água feita com o oxigênio que lhes devia dar vida. . . Não é bonito, isso?

Num relance compreendi todo o plano diabólico do químico. E um calafrio de horror correu-me a espinha dorsal.

— Mas não se lembra de que, no meio desses dois milhões de pessoas, há milhares de criancinhas sem culpa alguma? E mulheres indefesas? E doentes dignos de lástima? Que vai ganhar o senhor com essa hecatombe formidável?

— Que ganha a serpente mordendo o homem que a pisa? A mim pisaram-me! Eu mordo! É só.

Riu-se, de novo, com uma alegria diabólica. Com certeza enlouquecera.

— Olhe: a estas horas, o Rio oferece um espetáculo digno de Dante. Dois milhões de pessoas esmagam-se nas ruas, asfixiadas sem saber por quê. São os glóbulos vermelhos à caça da pequenina bolha de ar. . . Lembra-se da história que lhe contei, meu caro discípulo? É precisa-

mente isso. Imagine as cenas dantescas daquele inferno sem fogo! Ah! Ah! Que bela ideia! Quantos amigos ou irmãos não se estarão matando, a esta hora, por causa de um mesmo tubo de oxigênio, perdido, por acaso, no fundo de alguma farmácia de subúrbio! Sim! Porque o oxigênio em estoque no interior da cidade, esse há de estar servindo ao Presidente da República e aos Ministros de Estado. . . para lhes prolongar a agonia. Não terão tempo de saber por que morrem. Os mais sábios hão de notar que a atmosfera é azoto puro, mas nunca, nunca saberão onde está a causa do fenômeno inédito. Eis aqui a causa, meu caro! Dentro de algumas horas a atmosfera estará irrespirável: puro azoto, o gás inerte, o gás covarde, que não dá vida a ninguém. Morrerão todos os animais, desde o Presidente da República ao micróbio aeróbio. Ora, veja a ironia do destino: só escaparão os anaeróbios, isto é, os que vivem, precisamente, ao abrigo do ar. Ai temos o germe do carbúnculo com plena saúde enquanto morrem, roxas de asfixia, as mulheres mais lindas da cidade!

E o sábio anarquista riu-se perversamente. Ouvindo falar em mulheres, lembrei-me da minha linda Edith que, àquelas horas, deveria estar morrendo, no Flamengo. . . Dezesete anos em flor, assassinados por aquele louco! Não, não era possível que se consumasse o crime monstruoso! Era preciso salvar a cidade e, com ela, a minha pequenina e frágil noiva. . . Eu, também, estava dispnéico, apesar do oxigênio da usina escapar um pouco pela frincha dos tubos mal ajustados.

— Professor! — disse-lhe eu, pondo na voz uma doçura suplicante. — Salve-me ao menos a mim. Olhe que é perigoso ficar sem um ajudante na manobra desse fixador gigantesco. . .

— Eu? Está louco. Não tenha receio pela minha sorte. Eu sei o destino que me reservo. . . Olhe: por enquanto alimento-me com este tubo de oxigênio. . .

Notei que ele aspirava, frequentemente, um pequeno tubo de aço. Era oxigênio concentrado em alta pressão. Uma ideia súbita varou-me o cérebro, como uma bala.

— Oxigênio concentrado? E é respirável?

— Com o calor da mão, ele se dilui no espaço. . .

— Pelo amor de Deus, professor, dê-me um tubo desses! Um só, um só! É para salvar a minha noiva, juro-lhe que é para a minha noiva!

Comecei a chorar como uma criança. O sábio pareceu comover-se com aquela amargura imensa.

— Está bem — disse, depois de alguns minutos de hesitação. — Vou dar-lhe um tubo, mas ele só teria capacidade para fazer viver uma pessoa durante cinco horas. É o tempo em que todo o Rio será um cemitério.

Tirou do bolso um frasco de metal e atirou-mo de longe. Apanhei-o, sôfrego, e respirei-lhe, um pouco, o conteúdo. Sentindo reanimarme, corri para o carro. Ele lá estava, à esquina da rua.

— Para a cidade, chofer, e a toda força!

Ninguém me respondeu. O chofer estava morto. Um movimento de horror abalou-me o corpo. Retirei o cadáver do carro e atirei-o para um canto, como um trapo velho. Era preciso salvar a noiva! Lembrei-me do tempo em que guiava o meu pequeno Ford de modelo antigo, e saí como um louco pelas ruas afora, rumo à cidade. Esta parecia, como dissera Mendelejeff, um imenso cemitério. Cadáveres pontilhavam o caminho, uns no meio da rua, outros à porta das casas, como tolhidos pela asfixia. Alguns davam a impressão de que ainda tinham um resquício de vida. Ao passar pela Rua Mariz e Barros um braço trêmulo agitou-se no ar, chamando-me. Era um guarda-civil moribundo.

De quando em quando, era preciso aspirar o tubo pois a atmosfera estava irrespirável! Além disso, tive que despender uma grande parte do oxigênio que trazia, para alimentar o carburador do carro. O resto poderia dar à minha Edith uma hora de vida. Era o tempo, talvez, de voltarmos ao laboratório de Mendelejeff. Quando cheguei à casa da noiva senti que as minhas esperanças eram muito tênues. Logo na sala de jantar, encontrei, moribunda, minha futura sogra.

— Dona Lulú, dona Lulú!

Dei-lhe a respirar um pouco de gás. Ela reanimou-se, aos poucos.

— Que há, que há? Estou viva?

— Está sim! — disse-lhe eu, numa grande alegria. — Olhe aqui: trago, neste tubo, o remédio para salvar a Edith. Onde está a Edith? Diga! Onde está a minha noiva?

— Que remédio é esse?

— É o contraveneno do ar pesteadado. É a vida, é a vida. Vou. . .

Não tive tempo de concluir. A minha sogra arrebatou-me, ferozmente, o tubo da mão, e, saltando da cadeira em que estava, deu-me um terrível soco nos olhos.

Cego e atordoado, senti que me invadia, lentamente, o veneno do azoto. . . E as minhas células começaram a morrer, uma a uma, com os glóbulos vermelhos da gota de sangue. . .

CAUSO, R. de S. (org.). Os melhores contos brasileiros de ficção científica. São Paulo: Devir, 2007. p. 65-74. (Texto de 1963)

ÁGUA DE NAGASÁQUI

DOMINGOS CARVALHO DA SILVA

Este é certamente um dos contos notáveis da Primeira Onda da Ficção Científica Brasileira — aquele período especialmente fértil iniciado em 1958 e terminado em 1971. Tanto que, após sua publicação em Além do Tempo e do Espaço: 13 contos de Ciencificação (1965), seu autor foi convidado por duas editoras a produzir todo um volume com novos contos, A Véspera dos Mortos, publicado pela Editora Coliseu em 1966 — um volume que misturava, proporcionalmente, contos de ficção científica e contos de suspense. A última publicação do conto foi no D. O. Leitura N.º 10, de março de 1983, com ótimas ilustrações da artista nipo-brasileira Yvete Kô.

A preocupação que “Água de Nagasáqui” expressa pertence a esse momento da FC nacional — o temor da guerra atômica e dos efeitos da radiação, mas narrados dentro de um estilo muito brasileiro de história “contada” e do qual transparece um tom sóbrio e melancólico. Como em muitas narrativas da ficção científica nacional, o protagonista abandona um outro mundo, em busca de uma vida simples — o “sonho brasileiro” — mas desta vez impossível de se realizar, com o estigma mortal que ele carrega.

Membro da Academia Paulista de Letras, Domingos Carvalho da Silva nasceu em Portugal em 1915 e mudou-se para o Brasil em 1924. Foi um dos principais nomes da “Geração de 45” na poesia brasileira, e colaborador constante do “Suplemento Literário” de O Estado de S. Paulo. A Véspera dos Mortos foi sua única investida no campo da literatura em prosa. Ele faleceu em abril de 2003.

“Minha vida é muito mais complicada do que uma novela

policial” — disse-me o japonês ao erguer-se da mesa do carro-restaurante. E acrescentou: “Um dia contarei tudo ao senhor.”

Ora, nós nos conhecêramos apenas meia hora antes, naquele trem da Alta Paulista. Conversáramos sobre vários assuntos e eu lhe dera algumas informações profissionais sobre parcerias agrícolas. Dos problemas da parceria tínhamos passado aos do cinema e destes aos da novela policial. Hoje estou certo de que a vida de Takeo pode servir de tema a uma novela comovente.

Trocamos os nossos cartões de visita e dois ou três anos correram sem que eu tivesse notícias do nipônico. Mas um dia fui surpreendido por uma longa carta, de difíceis garranchos que alinhavam uma língua mista e quase indecifrável.

Corri os olhos pelas garatujas e joguei, desanimado, a carta ao fundo de uma gaveta. Meio ano depois, ao ter notícia do estranho fato que estava celebrizando o cemitério de S. José do Abacateiro, e recordando que o japonês me falara sobre tal localidade ainda não mencionada nos mapas do Estado, corri à gaveta e iniciei a leitura, tradução e decifração daquelas vinte folhas fechadas pela assinatura de Takeo Matusaki.

I. “NASCI EM CHIMABARA”

Não foi fácil arrumar em frases claras o emaranhado de palavras que se acotovelavam no papelório do nipão. Na verdade re-escrevi a carta, aproveitando-lhe as idéias e as informações e omitindo alguns elementos desnecessários, inclusive o meu nome, que se repetia na abertura de todos os parágrafos, estropiado mas reconhecível. A versão que aproveitei é a que tem início na linha seguinte.

“Nasci em Chimabara, cidade plantada no lado oriental de uma ilha perto de Nagasáqui*, e tinha onze anos quando o Impe-

* A grafia atual da cidade japonesa é “Nagasaki”, mas Domingos Carvalho da Silva tinha predileção pelo aportuguesamento de palavras estrangeiras, então, tendo isso em mente e por recomendação de seu filho Eduardo Sérgio Carvalho da Silva, deixamos esta e outras palavras japonesas na grafia que ele imaginou. [N do E]

rador entrou na guerra mundial. Nessa época morávamos na ilha de Quio-Chu, em Facuoca, e meu pai exercia o ofício de mecânico. A guerra não o deixou em casa: seguiu como mecânico de viaturas. Então eu e minha mãe fomos para a casa de uma tia, em Omura, subúrbio de Nagasáqui. Lá vivemos alguns anos e eu ia crescendo enquanto meu pai servia nas ilhas do Pacífico.”

II. O COGUMELO

Apesar de tudo a vida era agradável. As notícias da guerra eram sempre boas e na escola falava-se todos os dias de incríveis atos de heroísmo. Mas houve em nossa vida aquele momento em que ouvimos um estalo, e tivemos a impressão de que a terra se fendera de cima a baixo. Um clarão iluminou o céu, do lado de Nagasáqui, e depois um enorme cogumelo de fumo se plantou, frondoso, sobre a terra e foi subindo vagarosamente.

Os dias seguintes foram marcados por uma chuva de boatos e tudo era confuso. Hiroshima também fora destruída. Eu e outros meninotes começamos então a nos aproximar das cinzas de Nagasáqui, embora tal coisa fosse ferozmente proibida.

Renovavam-se os avisos: ninguém deveria chegar perto da cidade arrasada. Ninguém deveria beber a água dos riachos e das fontes da região. E nós, que ouvíamos as recomendações, jurávamos não beber tal água. Mas a verdade é que — como vocês ensinam — ninguém pode dizer “dessa água não beberei”...

III. OS FRUTOS DA MORTE

As semanas e os meses correram e as cautelas foram relaxando. Nos matos apareciam animais deformados, arbustos diferentes, e nas árvores surgiam frutos jamais vistos. As mães recomendavam: “Não comam esses frutos”; mas o fruto proibido é uma tentação em qualquer parte, e a água proibida não era menos tentadora. Por isso bebi água de muitas fontes e comi frutos espantosos. Nada me

aconteceu, embora tenham morrido alguns rapazes que beberam e comeram. Outras causas os mataram, naturalmente.

Alguns meses depois do armistício meu pai voltou incólume, apesar dos lança-chamas. Lamentou os parentes mortos em Nagasáqui e resolveu procurar emprego em lugar distante. Achou-o, graças a um camarada de campanha, em Iocoama, o grande porto a meia hora de Tóquio. Seguimos para lá, mas, para não passarmos por Hiroshima, embarcamos em Nacatso e fomos por mar até Osaca. Lá, apanhamos um trem e passamos por Quioto, Nagoia, Ocasaki, Odaúra, e pronto: estávamos em nossa nova terra. A viagem foi belíssima, apesar da tristeza geral e das tropas de ocupação.

Um mês depois meu pai teve de ir a Camacura e levou-me para que eu visse o Daibutsu. Devo dizer que éramos budistas da seita Xin-Xu, fundada pelo venerável Shinhran. Logo depois fomos conhecer a grande capital do Império. Passamos por Canagaua e Canasáqui e chegamos a Chinagaua, o primeiro subúrbio. De lá meu pai dirigiu o caminhão para Tacanaua e já estávamos na cidade imensa. Ainda me lembro do deslumbramento com que vi a avenida das Lanternas, tão falada na escola!

A vida ia correndo bem, mas em fins de 46 meu pai começou a queixar-se de sintomas estranhos. Dois meses depois estava num hospital e morreu em princípios de 47. As explicações dos médicos não foram nada claras, mas um enfermeiro deu-nos o diagnóstico terrível, com um neologismo não menos maligno: o senhor Matusaki foi *nagasaquiado*.

IV. LUTO NO ASILO

Ficamos na maior penúria e comecei a fazer alguns serviços no cais, para que minha mãe não passasse fome. Essa responsabilidade não pesou sobre os meus ombros muito tempo. Como o marido, ela começou a definhar e, antes do fim da primavera, fechou as pálpebras.

Ninguém estranhava que pessoas vindas da ilha de Kio-Shu morressem e, por isso, eu também tinha medo que chegasse a minha vez. Não sem algum pânico, corri para Tóquio na esperança de que certa família amiga me acolhesse. Mas o que essa pobre família — cujos homens tinham morrido, quase todos, nas Filipinas e em Sumatra — pôde fazer por mim foi recolher-me a um asilo, nos arredores da cidade. Eu já era, porém, taludo e fiquei lá menos de dois anos.

Não foi um estágio tranqüilo. Quando lá cheguei, nem todos os meninos eram saudáveis. Alguns tinham vindo de Hiroshima ou arredores e houve mesmo dois ou três que morreram no primeiro ano de minha permanência. Nos três ou quatro meses seguintes morreram mais três, que eram, aliás, meus companheiros de dormitório. E quando saí de lá, para ocupar um emprego de ajudante de mecânico em Chinagaua, deixei mais dois na enfermaria. Para mim, o pó da morte já se havia espalhado por todo o país, e todos nós seríamos *nagasaquiados* em poucos anos. Esta idéia começou a atormentar-me como uma obsessão na oficina do Sr. Susumo Udihara, em Chinagaua.

V. A TERRA DA UIARA

Às vezes aparecia na oficina o senhor Minesako Udihara, filho mais velho do patrão, e o seu assunto predileto era uma terra distante e cheia de rios, do outro lado do mundo, onde tinha morado alguns anos. Ele nos garantia que naqueles rios — principalmente no *Pararaparema*, aparecia uma moça bonita como uma gueixa, que morava na água. Era a Uiara. Ele mesmo tinha visto uma e soube, por ela, que os homens mais antigos daquele país tinham ido da Terra do Sol Nascente para lá! Naquele país de árvores altas ninguém morria do mal de Nagasáqui.

Trabalhei muito na oficina Udihara e transformei-me num mecânico hábil. Mas o idoso Susumo não tinha o dom da imortalidade: em fins de 49 adoeceu e poucos dias depois os seus calca-

nhares se uniam. O seu filho mais velho, senhor Minesako, já tinha a essa altura voltado para a terra dos grandes rios e por isso a oficina foi fechada. O casal tivera outro filho — Asami — que jazia no bojo de um submarino, no fundo do mar de Coral. É verdade que cheguei a assumir a direção da oficina, mas logo tive a amargura de ver que a viúva Udihara, a idosa senhora Mieko, começava a encorujar.

Desde que chegara a Chinagaua, eu residia na casa de uma família xintoísta, que dava pensão. Meu companheiro de quarto era um jovem jogador de *baseball*, o cristão Akeda. Era bonito ver, sobre a mesma mesa, uma miniatura do Daibutsu ao lado da imagem do mártir São Paulo Miki. Mas o dono da casa, senhor Sugano, nos reprovava e atribuía às crenças “estrangeiras” as desgraças nacionais. Tudo acontecera porque tínhamos abandonado o culto da deusa Amaterasu, do deus Izanági e dos Kami. Pois bem: o atlético cristão Akeda morreu uma semana depois do enterro do senhor Udihara. E, ao pensar nesse e em outros mortos, eu ri muitas vezes da ingenuidade com que minha mãe me proibira de beber água ou comer frutos dos arredores de Nagasáqui. Eu bebera e comera e os outros iam morrendo...

VI. O ESQUELETO

Em março de 50 deixei Chinagaua, no mesmo dia em que a senhora Mieko era levada para um hospital da cidade. Minesako falara muito daquele grande país cheio de sol e uiaras, que ficava do outro lado do mundo. Comecei a cuidar dos papéis para a grande viagem e para fugir do mal de Nagasáqui. Tinha algum dinheiro e arranjei uma pensão perto do centro de Tóquio. A obtenção da licença para viajar e do visto era, porém, demorada, e por isso arranjei um novo emprego, para me agüentar durante a espera.

Por várias razões gastei quase um ano e meio até que tudo se formalizasse. Viver durante esse tempo foi, porém, um alívio

para mim, pois, se no primeiro ano tudo correu bem na pensão, nos últimos três meses tinham morrido dois pensionistas. O fato e a *causa mortis* alertaram as autoridades sanitárias e eu mesmo — com outros hóspedes — fui submetido a longo exame clínico. Mas o meu estado de saúde era aparentemente ótimo — disseram-me.

Um dia, finalmente, recebi o passaporte e demais documentos para a viagem. Na véspera do embarque apanhei a volumosa mala, já pronta, e fui a Yokohama despachá-la. Voltei a Tóquio para passar a última noite na pensão. Ao chegar, tive uma notícia triste, mas já esperada: o dono da pensão, senhor Mizumoto, morrera no hospital.

No dia seguinte, ao amanhecer, eu me preparava para sair, com a minha mala de mão, quando a pensão foi invadida por policiais e médicos. Em Yokohama o navio me esperava, mas nada pude fazer: fui levado com mais cinco pensionistas para um hospital. Fomos submetidos a vários exames e quando meu dorso foi submetido à radioscopia, o médico soltou um brado de espanto: "O esqueleto deste homem parece feito de luz fluorescente!"

VII. A GRANDE VIAGEM

Nada me perguntaram, nem ao mesmo o nome.

Meteram-me numa ambulância, talvez para que, confinado em alguma cela de cimento, eu acabasse os meus dias. Mas as poucas peças de ferramenta que eu tinha na mala mudaram o programa. Após meia hora de viagem arranquei as dobradiças da porta da ambulância e, na primeira parada, forçada por um cruzamento com o leito da estrada de ferro, desci tranqüilamente. Três horas depois o *Osaka Maru* levantava ferros em Yokohama e fazia-se ao largo. Num dos seus camarotes de classe geral eu repousava com este esqueleto radioativo que continuava a luzir dentro de mim.

VIII. COMPANHEIROS

Éramos quatro no camarote e cada um tinha um destino. Só eu não sabia o que fazer depois de saltar em terra. O destino de Iojiro — um de nós — era S. José do Abacateiro, um arraial entre algodais.

— Lá é bom. Há banqueiros patricios que emprestam dinheiro para comprar terra.

— Como é que você sabe?

— Eu já estive lá. Comprei terra que tinha mais dois donos: João e José. João matou José e foi morto por Antônio, filho do mesmo José. Antônio foi preso e eu fiquei com a terra.

Fizemos camaradagem e afinal Iojiro convidou-me para trabalhar no sítio dele:

— Há sempre serviço de mecânico — explicou.

E havia. Ele tinha um trator, um jipe e algumas máquinas agrícolas. Colhemos uma safra, entrou dinheiro e tudo ia bem. Um dia ele foi montar um baio, meteu o pé no estribo, e não teve força para alçar o corpo. Encarei-o: estava pálido. Foi enterrado daí a dois meses e então apareceu Joaquim, filho do defunto João, com uns papéis e soldados. Tomou a terra, o rancho e tudo mais, e eu só pude fugir com o jipe e minhas ferramentas para Bauru.

IX. AMOR FATAL

Viver só é muito triste. É mais triste ainda quando matamos aqueles com quem convivemos. Na escola de Omura o professor me ensinara que o rei Midas transformava em ouro tudo o que tocava. Mas eu transformava em defuntos todos os parentes e amigos. Pensei no entanto que poderia casar, desde que não tivesse a esposa sempre ao meu lado.

Lídia Tsurayuki, uma nissei, era em pouco tempo minha noiva. Fui buscá-la a Guaraniuva e casamos. Não consegui, porém, convencê-la de que deveríamos ter quartos separados e

comer em horas diferentes. O caso de Lídia foi, realmente, o de um amor fatal: quando eu esperava que ela me desse, em breve, o meu primeiro nissei, o seu sangue começou a desfazer-se em água. Tudo foi questão de alguns dias e, então, desesperado, resolvi vingar-me em alguém.

X. RÁDIO-HOMICÍDIO

Voltei à roça de Inojiro, entreguei o jipe a Joaquim e pedi-lhe perdão e um emprego. O caboclo vivia feliz com a mulher e um filho pequeno, e também com o trator e as máquinas de Inojiro Mizikame. Transformei-me na sombra da família, sempre serviçal e dedicado. Era enxadeiro e mecânico, moço de recados e copeiro. Em seis ou sete meses o extermínio começou. Adoeceu primeiro o menino, mas quando me arrependi já era tarde: nem o Buda de Camacura nem S. Jacob Sisai, de minha nova devoção, me ouviram. Atrás do menino foram os pais e a esse tempo já os empregados e agregados começaram a adoecer. Foi então que se espalhou por aqui a lenda de que sou bruxo, feiticeiro e envenenador, de que mato com mau-olhado e com suco de ervas más. Ninguém mais se aproxima de mim, mas sei que, a qualquer momento, cairei na ponta de uma faca ou varado por uma bala.

XI. ASSASSÍNIO PÓSTUMO

✂ A conclusão desta história não poderia estar na carta de Takeo Matusaki. Eu a acrescentarei. Certa manhã o corpo do japonês — disse um jornal — apareceu cortado a faca e chamuscado pelo fogo. Enterram-no em S. José do Abacateiro, e alguns meses depois o zelador do cemitério morria anêmico, evidentemente *nagasaquiado*. Ao redor da campa de Takeo as plantas que não secaram mudaram de aspecto. Sob a terra, o seu esqueleto continuava — e continuará — a matar, muito embora o seu espírito maligno já tenha sido convenientemente esconjurado por aqueles

que estão seguros de que Matusaki foi a própria encarnação do Diabo, o Diabo em carne e osso, ou pelo menos o esqueleto do Diabo.

UM BRAÇO NA QUARTA DIMENSÃO

JERÔNIMO MONTEIRO

Quem leu "O Copo de Cristal", de Monteiro (1908-1970), primeiro publicado em *Tangentes da Realidade* e recentemente traduzido para o inglês, reconhecerá neste "Um Braço na Quarta Dimensão" o seu alter ego e sua companheira, Car (a esposa de Monteiro, Carmen), agora às voltas com um homem comum, dotado de um dom — ou maldição — extraordinário. Um conto sobre paranormalidade, em que o hipnólogo e pesquisador do paranormal, André Carneiro (presente neste volume com um conto sobre hipnotismo), é citado como a pessoa a quem o narrador pretende levar o assombroso caso com o qual se depara acidentalmente. Num momento de ironia, o narrador de Monteiro afirma: "Não acredito muito em ficcionistas." "Um Braço na Quarta Dimensão" foi escrito em 1964 e apareceu primeiro no único livro de contos do autor, *Tangentes da Realidade* (1969).

Pioneiro da ficção científica, da radionovela, e da ficção de detetive no Brasil, Monteiro foi também um dos nomes centrais do Primeiro Fandom Brasileiro.

Agora já não vou tanto ao mar. À medida que a gente se vai tornando caçara, deixa de ter aquele interesse cidadão pelo banho de mar. Para quem mora nas cidades grandes e vem à praia nos fins de semana ou durante as férias para fugir por horas ou dias às mandíbulas trituradoras do asfalto, o mar é atração irresistível: é preciso ir ao mar, tomar banho com qualquer tempo. Mas para a gente que mora à beira da praia, já a atração do banho de mar não é tão grande. As ondas estão ali mesmo. A qualquer momento pode-se mergulhar nelas. É só querer. Fica-se exigindo, para isso, dias muito bonitos, com muito sol, ou "disposição", ou companheiros que nos transmitam entusiasmo. E cada vez se vai menos à água.

Acontece com todos e comigo também aconteceu. Só vou ao banho de mar uma vez ou outra. No entanto, quando nos mudamos para

Mongaguá, ir à praia era uma espécie de ritual matutino. Eu gostava de fazer isso bem cedo. Pelo verão, às 5 horas, antes de o sol nascer, já andava pela praia. Coincidia o meu horário com o dos pescadores nossos vizinhos (quando resolvem pescar, o que não é frequente: um dia o vento é do sul, não serve; outro dia é do norte, é ruim; outro dia é do leste, não dá nada; outro dia é do oeste, nem vale a pena) que puxavam a canoa, colocavam dentro dela a rede de “arrastão”, varavam a arrebentação e puxavam, depois, penosamente, a grande rede para colher três ou quatro quilos de peixes mofinos — trabalho cansativo e antieconômico que as mais das vezes nem dá para pagar as despesas. Mas nem por isso eles se queixam: “crentes”, isto é, adeptos de uma seita religiosa mista de umbanda, espiritismo e protestantismo que os manda aceitar tudo o que Deus dá, inclusive lhes recomenda “não trabalhar além do necessário para comer seu prato de feijão”. Assim é que grande quantidade de caiçaras por este litoral afora passa a maior parte de seus dias sem fazer coisa alguma. Mas cantam dia e noite, em solo e em coro, cânticos religiosos de sua seita, louvando a Deus e exaltando a Sua obra. Cada dia há mais “crentes”, porque não se inventou ainda religião mais condizente com sua natural indolência, tanto mais que, de acordo com os sadios preceitos da seita, só os “crentes” é que vão para o céu e contam com a ajuda divina. Todos os outros vão para o inferno.

Mas não é disso que desejo falar. São coisas, estas, que interessam aos sociólogos (e, porventura, aos patriotas) mas não aos contadores de histórias. Estava dizendo que há alguns anos atrás costumava ir à praia muito cedo. Foi por isso que notei a regularidade com que aquele homem miúdo passava todas as manhãs. Regularmente, pelas 6 horas, vindo do lado de Solemar, em direção a Mongaguá, ele passava rápido, beirando a franja das ondas. De tamancos, calça puída, camisa solta, chapéu de palha na cabeça, lá ia ele, balançando o braço direito, porque não tinha o esquerdo; a manga da camisa, vazia, lançada para trás, ao vento. Era miudinho, de cara fechada. Os tamancos, plac-plac pela areia molhada, surgia ao longe, passava e sumia na distância. Mesmo quando os pescadores estavam lidando com o barco e as redes, ele não parava nem diminuía o rito do andar. Não se interessava pela pescaria, que sempre atrai os curiosos que passam. Nada o detinha, nem lhe fazia virar a cabeça ou olhar para os lados.

Durante muito tempo, meses, vi repetir-se a passagem do homenzinho, fascinado por sua curiosa figura. Depois, fui rareando as idas

à praia e acabei, ao fim de dois anos, não indo mais, pelo menos pela manhã. Continuo a levantar-me muito cedo, mas prefiro instalar-me à máquina ao nascer do dia e fazer meu serviço até à hora do almoço. A tarde é gasta em coisas variadas e, à noite, deito-me cedo, “escandalosamente cedo”, para os amigos de São Paulo que me visitam.

Já me tinha esquecido do homem-sem-braço quando, um dia, ele me apareceu ao portão de casa:

— Boa tarde. O Ernesto me disse que o senhor tem um serviço de pintura para fazer. . .

— É verdade. O Ernesto não vem?

— Não, senhor. Não pode vir. Tem que terminar um serviço grande lá na Vila Marina. Ele mandou eu vir, se o senhor quiser. . .

Mandei-o entrar e mostrei-lhe qual era o serviço: um longo muro que eu queria caiado e mais uns móveis, armários e prateleiras da copa e cozinha que era preciso repintar em branco. Seu Zé viu tudo, pensou, deu o preço e garantiu que faria serviço perfeito.

Acreditei porque o Ernesto, o melhor pintor da zona e meu amigo, não me mandaria seu Zé para o substituir se este não fosse um bom pintor.

Toda a nossa conversa resumiu-se em poucas palavras. Seu Zé, sempre de cara amarrada, não falava muito.

No dia seguinte veio com seus pincéis, espátulas e um ajudante, seu parente, que lhe servia de braço esquerdo: fazia tudo o que exigia dois braços, como desmontar móveis, virar as peças, colocá-las na posição conveniente, mudar latas de tinta de um lugar para outro.

Seu Zé não sorria e muito menos ria. Falava apenas quando era necessário, empregando o menor número de palavras, que eram ditas com rapidez e aspereza. Zangava-se quando o ajudante não o entendia da primeira vez. Não era fácil trabalhar com ele. Mas, bom pintor, seu serviço era limpo e bem acabado.

Senti renascer o velho interesse que tivera por ele naqueles tempos em que ia à praia, de madrugada, e ele passava rapidamente, batendo os tamancos. Continuava a mesma figura: tamancos, calças velhas, camisa solta, chapeuzinho de palha. Isto, por fora.

E por dentro? Era o que me tentava. Sentava-me perto dele a vê-lo trabalhar; fazia uma ou outra pergunta ocasional, como quem usa a ponta do dedo para ver se a água já está quente. Mas, nada. Difícil. Seu Zé não pertencia ao tipo dos conversadores, tão comum nas praias.

Em geral, ai de quem se mete a puxar conversa com o caixara que está fazendo um serviço!

E, naturalmente, seu mutismo, sua relutância em comunicar-se com seus semelhantes, fazia-me cada vez mais curioso, dava-me mais vontade de conhecer coisas de sua vida. Que o fizera assim fechado? Que acontecera ao seu braço esquerdo?

Mas, ai de nós, que não dirigimos nada, não encaminhamos nada segundo os nossos desejos. As coisas acontecem apesar de toda a nossa petulância. Eu iria saber a espantosa história de seu Zé sem forçá-lo a falar, sem lhe estender armadilhas e graças a um acontecimento deveras extraordinário.

Um dia, era tarde já quando seu Zé ia sair, depois de acabar a pintura do armário dos remédios. Normalmente, ele deixava o serviço às 17 horas. Mas, nesse dia, faltava pouco para terminar o armário e ele não quis deixar esse pouco para o dia seguinte. Tenho a impressão de que já estava farto de trabalhar naquilo. Restava agora pouca coisa e seu Zé acelerava o ritmo do trabalho. Acho que se cansara de me ter sempre ali a olhá-lo, estava cada dia mais ríspido com o ajudante.

Nesse dia, já passara das 18 horas, começava a escurecer quando seu Zé, depois de ver que o ajudante pusera tudo em ordem, colocou o chapeuzinho na cabeça, despediu-se com o seu breve "até amanhã" de costume e caminhou pelo terreno do lado da casa. Mal acabara de fechar o portão intermediário, de tela de arame, quando deu um grito estridente:

— Uma cobra!

E ficou estatelado, de olhos arregalados para o ofídio que coleava calmamente em direção da pilha de blocos de cimento. Talvez sob a influência do grito do seu Zé, ele parou, ergueu o colo e a cabeça e se pôs a balançar lentamente para um e outro lado.

Não tenho medo de cobras. Peguei a físga para rãs que estava encostada ao canto da parede e, com toda calma, aproximei-me, levantei a físga por cima da bichinha e dei o golpe. As pontas de aço enterraram-se no chão: a cobra pulara em direção a seu Zé, que soltou um grito pavoroso e desapareceu. Não fugiu, nem correu. *Desapareceu*, literalmente. É claro que fiquei alarmadíssimo. Nem me lembrei mais da cobra. Não a vi. Não sei para onde foi. Decerto correrá para a pilha de blocos de cimento e por lá se encafuara.

Olhei em redor. Nada de seu Zé. Gritei, chamando minha mulher, que respondeu com seu famoso gritinho, lá da cozinha:

— Uh? — e apareceu em seguida, na frente do quarto de vidro, enxugando as mãos no avental.

— Que foi?

— Seu Zé. Desapareceu.

— Como é?

— Desapareceu. Sumiu. Estava aqui há um minuto e não está mais. Não foi para lugar nenhum; isto é, que eu visse.

— Não me diga!

Car não é dessas que se espantam demasiado, mesmo com acontecimentos espantosos. Contei-lhe o que acontecera, ou o que me parecia que tinha acontecido, por mais incrível que parecesse.

— E agora?

— Agora? Não sei, Car. Francamente, que é que vamos fazer?

— Contar à polícia?

— Creio que não convém. Pelo menos já. Vamos esperar um pouco. Quem sabe ele aparece. . .

A tarde avançava. Dentro de meia hora seria escuro e nós dois ali, parados, olhando o local onde estivera seu Zé — a mais prosaica criatura do mundo. Os marrecos, do outro lado da cerca, grasnavam estridentemente. As galinhas, agitadas, corriam e cacarejavam. O galo emitia aqueles sons com que costuma anunciar ao seu harém “perigo à vista”. Subitamente, todos os animais ficaram em silêncio.

— Ali! — disse Car, com voz estrangulada, apontando um lugar junto à parede do barracão dos fundos.

Olhei. Uma figura humana de vidro, de contornos vagos e transparentes, desenhava-se no lusco-fusco da tarde agonizante. Enquanto olhávamos, siderados, a figura foi-se tornando opaca, tomando consistência. Um segundo mais tarde era seu Zé, com seu chapéuzinho de palha, a camisa solta, as calças velhas, os tamancos gastos. Logo que se tornou consistente como um ser humano normal, ele balanceou e caiu para a frente, como um cepo derrubado.

Corremos. Eu peguei-o por baixo dos braços e Car pelos pés. O homenzinho estava rígido como um tronco de árvore e pesava bem mais do que era de esperar de sua constituição franzina. Levamo-lo para dentro e deitamo-lo no sofá-cama do quarto de vidro, em frente ao terraço. Car ligou a luz. O semblante do homem era pálido, rígido. A boca entreaberta, os dentes amarelos e falhos aparecendo entre os lábios.

Pus-lhe a mão no peito.

— Está vivo?

— O coração está batendo, de leve.

— Inda bem. . .

Car foi buscar um remédio qualquer, deu-lhe a cheirar, esfregou-lhe com ele as têmporas e os pulsos. Depois, pôs-se a dar-lhe pancadinhas nas faces.

Ou por efeito desse tratamento, ou por qualquer outra coisa, pouco depois o corpo de seu Zé perdeu a rigidez, afundando um pouco no molejo do sofá. Emitiu um suspiro profundo e, depois de alguns regougos, começou a respirar normalmente, profundamente.

Aliviados, nós também suspiramos.

— Puxa! — disse Car.

É incrível como uma simples palavrinha como essa, de duas sílabas, sem significação intelectual, científica ou literária, pode exprimir todo um mundo de emoções. Não há outra palavra tão expressiva para momentos como aquele.

— Que é que havemos de fazer? — perguntou ela.

— Deixá-lo aí, descansando. Ele está dormindo.

— E a família?

— Mandamos seu Alípio à casa dele. Arranjamos uma desculpa. Ele pode dizer que seu Zé vai trabalhar até mais tarde e que dormirá aqui, para pegar o serviço amanhã bem cedinho e acabar.

— Está bem. Vou mandá-lo.

Seu Alípio, que eu, na gozação, chamo de “nosso mordomo”, é o que nas velhas famílias latifundiárias se chamava “agregado”. Não se chama Alípio, mas não me lembro do seu verdadeiro nome, nem ele. É um coitado que Car recolheu por piedade quando soube que dormia pelos terraços, comia o que lhe davam, quando davam, passava dias na cadeia porque era o bode expiatório dos engraçadinhos da vila. Sua idade aparente é indefinível. Seu Emílio diz que há trinta anos, quando chegou a Mongaguá, já o conheceu desse mesmo jeitinho, com essa mesma cara. Quando Car o recolheu era um molambo. Agora, passados quatro anos, está mais esperto, mais forte, mas sempre de miolo mole. Não sabe contar além de três, não conhece dinheiro; faz tudo pelo modo mais difícil; gosta de botar fogo em quanto mato seco en-
contra; gosta de tocar gaita; gosta de acender e apagar o *flash* que lhe demos e cada vez que acende seu pito fedorento gasta uma caixa de

fósforos, só pelo prazer de ver a chamazinha crescer, hesitar e apagar-se. Mas deixou de beber cachaça desde que lhe dissemos que é só sabermos que ele bebe, olho da rua! Porque, bebendo, Alípio faz desatinos, e a ferida da sua perna piora muito. É serviçal e dedicado. Tudo o que faz é de boa vontade, embora mal feito. Filho deste litoral, herdou muitas terras, mas homens “espertos” despojaram-no em troca de cálices de pinga, de sapatos, velhos, de roupas usadas.

Voltemos ao seu Zé. Dormiu profundamente até meia-noite. Fu, que me deitara na cama ao lado do sofá, vi-o acordar, zozzo, e sentar-se, espantado.

— Tudo bem, seu Zé — disse eu, suavemente. — Quer tomar um chá?

— Não quero nada.

— É bom continuar a dormir. É meia-noite.

— A cobra?

— Matei-a. O senhor está bem?

— Estou. Vou embora.

— À esta hora? O melhor é tomar um chá.

Como não respondesse, pedi a Car que trouxesse o chá que já estava pronto — um desses chás que ela prepara para determinadas ocasiões. Seu Zé tomou a xícara toda. Recostou-se no sofá e começou a suar. Daí a pouco entrecerrou os olhos, escorregou e, pouco depois, adormecia de novo.

Dormiu até às 6 horas. Eu já me tinha levantado quando ele acordou. Tinha feito café e trouxe-lhe uma xícara.

— Bom dia, seu Zé. Como se sente?

— Estou muito bem. Que houve, afinal?

Ele parecia mais comunicativo. Seu rosto perdera aquela expressão rígida, fechada.

— Não sei o que houve, seu Zé. Espero que o senhor me diga. Quando apareceu aquela cobra. . .

Ele arrepiou-se.

— Tenho horror a cobras. Ela me picou? Parece que perdi os sentidos. . .

— Não picou, não. E o senhor não perdeu os sentidos. Diga-me uma coisa: o que o senhor sentiu quando a cobra pulou na sua direção?

— Que é que o senhor viu?

Considerarei a pergunta. Era evidente que seu Zé sabia o que se passara. Provavelmente, não era a primeira vez que aquilo lhe sucedia. Seus olhinhos, muito vivos, esperavam a resposta. Hesitei um pouco, mas resolvi ser franco.

— Bem. . . o senhor desapareceu.

Seu Zé baixou os olhos e murmurou:

— Pois é. . . De novo. . .

— Quer dizer que já passou pelo mesmo em outras ocasiões? Então. . .

— Já. Quando me acontece alguma coisa assim, quando sinto uma emoção muito forte. . . a coisa vem de novo. Onde é que eu estava quando voltei a aparecer?

— Lá no fundo do terreno, junto ao barracão.

— Inda bem.

Não compreendi logo por que é que fora “inda bem”. Só depois, quando me contou a história do braço esquerdo, é que compreendi tudo.

Seu Zé estava cabisbaixo, pensativo. Pareceu-me triste.

— Mas o que é isso, afinal? — perguntei.

— Quem sabe? Só Deus. Se eu ficasse parado no mesmo lugar, quando me dá essa coisa, não era nada. Mas volto a aparecer em cada lugar! Imagine que uma vez, quando voltei, estava no fundo do mar, bem longe da praia. Ainda não tinha perdido o braço, compreende?

— Sim. . . Dentro do mar. . . Nadou para a praia.

— Nadei. Foi por causa de uma arraia que veio na rede do Sebastiãozinho. Sabe como é o esporão da arraia. Ela estava no chão, se debatendo, batendo as asas, querendo pular, bem do meu lado, e eu olhando, achando graça. De repente, ela pulou mesmo e veio pra cima de mim. Quando voltei, estava no fundo do mar. Ninguém viu como foi. Só viram que eu sumi, eles disseram. Me procuraram por todo lado, mais de duas horas. Ai, desistiram. Quando voltei, com toda aquela água verde por cima de mim, ah, meu Senhor! Nem queira saber que agonia! Comecei logo a nadar que nem louco. Quando tirei a cabeça fora da água, vi que a praia estava a umas dez braças. Cheguei na areia mais morto que vivo. Felizmente, a maré estava retirando, se não eu morria ali mesmo. Não podia dar nem mais uma braçada. De-

pois me encontraram e me levaram para casa. Ninguém compreendeu nada. Eu é que sabia.

— Imagino que agonia, seu Zé. Que coisa esquisita!

Seu Zé calou-se, de cabeça baixa. Tomou o resto do café. Depois ergueu a perna da calça e mostrou, acima do joelho, uma feia cicatriz negra.

— Está vendo isso?

— Ôpa! Ferimento. . . ou operação?

— Um pedaço de arame farpado esteve aí dentro. Foi também por causa de uma cobra. Eu estava trabalhando lá pros lados do Aguapeú. Fui levar um caibro lá no quintal. A cobra. Quando ela deu o bote, eu sumi. Como ontem. Quando voltei, estava com o arame farpado dentro da perna. O arame não tinha entrado, não senhor. Não tinha rasgado a carne para entrar. Estava mesmo *lá dentro*. Sabe como é? Eu me agarrei no mourão e gritei. Tiveram que cortar a carne para tirar o arame de dentro. Fiquei oito dias na Santa Casa. Como é que explica isso?

Estremeci ao conceber, de chofre, a explicação do incrível fenômeno. Parecia impossível, mas era evidente: sob o efeito de emoções muito violentas, seu Zé se *desintegrava* para integrar-se de novo em outro lugar. Uma teleportação inconsciente, que ele não podia controlar nem orientar. Se acontecia reintegrar-se num lugar livre, não era nada. Mas se acontecesse haver alguma coisa no lugar onde seu corpo se recompunha. . . era o desastre!

— E seu braço. . .

— A mesma coisa. Meu genro era um cabra mau como a peste. Sujeito capaz de qualquer judiação, de qualquer maldade. Mas pagou por tudo que fez. Deus é justo. Um dia, estávamos pintando uma casa, ele implicou comigo não sei por quê. Discutimos e, de repente, o desgraçado veio pra cima de mim com uma picareta. Ia me abrir a cabeça, mesmo. Sumi. Quando voltei, meu braço estava dentro da parede da casa. Eu caí e o braço ficou lá. Deve estar, ainda, lá naquela parede. Dessa vez fiquei um tempão na Santa Casa. Três meses. Meu genro foi para a cadeia. Tinham visto quando ele veio pra cima de mim com a picareta. Ninguém compreendeu o que aconteceu, nem onde estava meu braço, nada. Mas todo mundo achou que foi ele, Bem feito para aquele diabo. Sabe? Morreu na prisão. Deus é justo. Agora, isto. . .

Seu Zé pareceu, de repente, demolido.

— Não deve se apouquentar, seu Zé. O senhor tem tido sorte. Imagine o que poderia ter acontecido. Já pensou?

— Já pensei.

Realmente, era quase um milagre que ele tivesse escapado dessas espantosas aventuras apenas com os ferimentos e contratempos relatados. Mesmo a perda do braço era nada, em comparação com o que podia ter-se passado. O que eu não podia compreender é como um fenômeno tão estranho não tinha chamado a atenção de ninguém.

— Que é que os médicos disseram sobre essas coisas que lhe aconteceram?

— Sabe? Da primeira vez, naquele caso do arame da cerca, eu contei o que se passara, direitinho. Eles riram de mim. Disseram que “esses caíças fariam muito melhor se deixassem da cachaça”. Mas eu não bebo, não senhor. Não bebo. Depois não contei mais nada. Quando foi do braço que perdi dentro da parede, não contei como foi não. Eles não iam acreditar. Eu sei como foi. Sei que o braço ficou lá. Mas eles disseram que meu genro é que o tinha decepado, com a picareta. Fiquei bem quieto. Não sou besta. Se eu contasse como foi, iam dizer de novo que era bebida, metiam a cachaça na história. Mas não houve cachaça nenhuma. Juro que não sei como essas coisas acontecem. Bebida não é.

— Sei que não é. Ontem eu vi o que aconteceu e sei que o senhor não bebeu.

— Pois é. Será algum castigo divino? Eu nunca fui com esse negócio dos “crentes”. Será por isso?

— Não creio, seu Zé.

— E minha família? — perguntou ele, depois de ligeira pausa, mudando o rumo da conversa. — Não veio ninguém saber de mim?

Contei-lhe as providências que tomara na noite anterior, e ele ficou satisfeito.

— Bem. Vou pegar no trabalho. Quero ver se acabo com isto ainda hoje.

O ajudante chegou pelas 7 horas e ambos se puseram a trabalhar, mas, pelo jeito, não terminariam naquele dia.

E ali estava eu, vendo aquele homem trabalhar! Um fenômeno, talvez único no mundo! Eu já lera muito sobre fenômenos parapsíquicos, supranormais. Sabia que não é nenhuma bobagem, tanto que em Utrecht, Holanda, funciona o Instituto de Parapsicologia, fundado pelo Prof. Tenhaeff, catedrático da Universidade daquela cidade, e sua cátedra é, exatamente, dessa mesma matéria: parapsicologia. Isto

desautoriza qualquer um a tratar com leviandade tal assunto. Tenho lido novelas em que personagens se teleportam, se desintegram, re-integram, atravessam paredes, vão mesmo de um planeta a outro. Mas isso é ficção e não acredito muito em ficcionistas.

Agora, porém, não se tratava de ficção. Ali estava seu Zé à minha frente, manejando seus pincéis. Homem de aspecto comum, comuníssimo, tanto na personalidade como na conduta ou no espírito. Simples e ignorante. Incapaz, de qualquer modo, de elaborar histórias como as que contara. Além disso, eu próprio assistira ao desenvolvimento do fenômeno: eu e Car.

Então? Não haveria interesse para a ciência naquele caso? Era preciso fazer alguma coisa, procurar alguém que tivesse interesse pelo ocorrido, que pudesse estudar o fenômeno, que o transformasse em subsídio útil para o esclarecimento de um ramo dos conhecimentos que uns defendem, outros negam, muitos ridicularizam — esse famoso ramo dos poderes supranormais ocultos nesse órgão fabuloso, quase desconhecido ainda, que é o cérebro humano, tão desconhecido que os cientistas já reconheceram que menos de 20% da nossa capacidade cerebral é utilizada. O resto, ninguém sabe ainda para que serve, o que poderá fazer. Não estaria entre essas capacidades desconhecidas o poder de teleportação do meu miúdo pintor? Fascinante suposição. Mas era preciso, para opinar, alguém que soubesse como lidar com o assunto.

— Escute, seu Zé. Não gostaria de ir a São Paulo comigo, passar lá uns dias?

— Para quê?

— Por causa dessas crises que lhe acontecem. Esses fenômenos de desintegração, reintegração, teleportação. . .

— Para quê? Que adiantaria?

— Acho que adiantaria muito. Eu o apresentaria a pessoas capazes de estudar o caso. O senhor se tornaria famoso em todo o mundo. Poderia, mesmo, ganhar muito dinheiro, ter vida fácil e confortável. Conheço um homem, o André Carneiro, que lida com essas coisas e certamente gostaria de conversar com o senhor. Depois viriam pesquisadores mais importantes. Talvez mesmo o senhor tenha a oportunidade de viajar, ir aos Estados Unidos, à Europa. . .

Seu Zé me olhava com cara de quem não está levando muito a sério a conversa. Estaria, acaso, pensando que eu, que sempre parecera tão

equilibrado, tão respeitável, não passava, afinal, de um pobre maluco. Riu-se mostrando os dentes grandes, amarelos e falhos.

— Eu, hein?

— Não quero insistir, seu Zé. Mas pense nisso. Pense com calma. Lembre-se que o senhor desaparece subitamente de um lugar e aparece em outro, sem mais nem menos, sem ninguém perceber o que acontece. É uma coisa maravilhosa, muito estranha. Já ouviu falar de alguém a quem acontecesse o mesmo?

— Já, sim senhor.

— Já?! — Meu espanto era legítimo. — Não diga! Quem era?

— Meu avô. Ele também era assim. Mas um dia desapareceu e não apareceu nunca mais. É o que vai acontecer também comigo, qualquer dia destes.

Fiquei em estado indescritível, ao ouvir aquelas palavras. Sentia-me esmagado. Então, também o avô. . . Deus do céu! Seria aquilo, então, um dom hereditário? Uma mutação genética transmissível? Diante de que profundo mistério me encontrava? Quem era aquele pequeno homem, aparentemente tão insignificante mas na realidade portador de uma qualidade, ou dom, ou particularidade, sei lá o quê, tão importante e raro?

— O senhor tem filhos, seu Zé?

— Tenho. Onze.

— Onze! E nenhum deles. . .

— Não, senhor. Nenhum. Isto é castigo de Deus. Qualquer dia destes, sumo e não haverá jeito nem de chamar um padre para me encomendar a alma. Nossa! É como morte afogada.

— Seu Zé, tudo isso pode ser evitado, se o senhor quiser ir comigo para São Paulo. Ficará sob controle de cientistas e nada de perigoso lhe poderá acontecer. Creio, mesmo, que o senhor aprenderá um meio de controlar esse dom. . .

— Dom nada! — interrompeu ele. — Isto é castigo.

— Seja como for. . .

— Não se fala mais nisso. Cada um tem que cumprir seu fado.

Ele fechou a cara. Pelo jeito, a conversa sobre o assunto estava encerrada. Conheço esta gente do litoral. Não convém insistir, é melhor deixar o tempo trabalhar. Sem dúvida, seu Zé iria pensar no que eu dissera. Sei muito bem que estes caiçaras não têm um grama

de interesse por uma vida melhor. Fatalistas, inertes diante do que consideram o destino de cada um, não fazem esforço para aumentar o conforto. Estão sempre satisfeitos com o que são, o que têm e o que fazem e talvez seja esta uma excelente norma de vida. Mesmo assim, ele pensaria nas vantagens com que eu lhe acenara. Quem sabe?

Deixei-o no galpão, às voltas com as tintas e vim para o escritório trabalhar também. Nesse dia não falamos mais. À tarde, quando se foi embora pelas 17 horas, como era costume, tinha ainda serviço para todo o dia seguinte. Como eu previra, seu trabalho naquele dia nada rendera.

Escrevi uma carta ao André Carneiro, contando o fato e dizendo-lhe quais os projetos que acariciava com referência ao mesmo. Soube, depois, que a carta nunca chegou ao seu destino. Talvez se tenha desintegrado por aí, ou ande ainda pelos escaninhos das repartições postais, como é muito comum em nossa terra. De qualquer modo, é um acontecimento irremediável.

No dia seguinte tive a surpresa. Seu Zé concordou. Não que eu estivesse desesperado disso. Confiava em que ele acabaria concordando, mas não esperava que fosse assim, tão de pronto.

— Estive pensando — disse ele, muito seguro. — Vou topar aquela parada, como o senhor disse. Vou para São Paulo consigo. Mas, quem vai cuidar da minha família?

Considerarei os onze filhos, a mulher e mais algum encostado, que sempre existe nessas famílias litorâneas. Fiz rapidamente meus cálculos e resolvi:

— Por um mês, eu garanto. Durante esse mês a gente vê como é que as coisas ficarão. Se der certo, como eu acho que vai dar, não haverá mais problemas. Se não der certo, o senhor voltará para cá e faz de conta que teve uns dias de férias.

— Está bem. Quando é que vamos?

— Acho que poderemos ir dentro de uma semana. Vou tratar disso.

Mas não foi preciso tratar de coisa alguma.

O que aconteceu, embora de certo modo estivesse previsto pelas palavras de seu Zé naquele dia, foi para mim grande surpresa e me causou, além da decepção, muito transtorno: seu Zé desapareceu. Não há ninguém que possa dizer o que provocou dessa vez o choque emocional necessário à teleportação. Cobra, arraia, picareta. . . quem sabe?

Talvez uma cobra mesmo, já que ele tinha terror-pânico pelas cobras e elas são abundantes nestes terrenos de beira-morro. O fato é que ele desapareceu definitivamente. Aconteceu dois dias depois daquela nossa conversa, no dia seguinte ao do término do seu serviço de pintura lá em casa. O ajudante veio perguntar-me se sabia dele.

— Não sei. Por quê? Aconteceu alguma coisa? — perguntei, já com mau pressentimento.

— Seu Zé desapareceu. Não chegou em casa ontem à noite. Está todo mundo num sarilho danado lá.

A coisa ficou assim. Vizinhos, amigos, conhecidos, polícia — todos procuraram, ao longo dos trilhos da Sorocabana, ao longo da linha das ondas, por entre o matagal ralo e duro das dunas, nos charcos que acompanham a faixa da rodovia. Tudo inútil. Eu sabia muito bem que essas buscas não dariam resultado nenhum, mas fiquei bem quieto. Não disse nada. Mesmo assim, ainda fui incomodado pela polícia e por alguns amigos e parentes do seu Zé, porque o ajudante ouvira parte da nossa conversa e espalhara que eu havia combinado levar seu Zé para São Paulo. Confirmei.

— Tínhamos combinado mesmo. Devíamos ir dentro de uma semana.

— E onde ele está agora?

— Não sei. Não o vi mais desde ontem à tarde.

Três meses depois dessa confusão — anteontem, para ser preciso — o mistério se esclareceu para mim. Duvido que mais alguém tenha ligado os fatos. Eu, sim, liguei-os, porque conhecia os antecedentes e sabia o que poderia suceder:

Na fornalha de uma locomotiva da Sorocabana, uma das poucas locomotivas a vapor que ainda trabalham de vez em quando na linha Santos a Juquiá, foram encontrados alguns ossos humanos. Estavam calcinados, alguns esmagados. Soube disso pelo mestre-linha que reside perto de Mongaguá. Depois obtive confirmação, por meio de pessoa cujo nome não convém divulgar, uma vez que o assunto foi conservado em sigilo, o que é compreensível. A polícia está investigando, mas jamais chegará ao resultado verdadeiro, porque é evidente que jamais um policial lerá esta minha história. Estão procurando saber que funcionário da EFS desapareceu e de que modo.

Agora, se algum dos filhos do seu Zé herdar o fabuloso (e perigoso) dom do pai, ainda teremos esperança de entregar o caso a cien-

tistas que possam estudar e chegar a alguma conclusão. Mas se isso não se verificar, o caso ficará perdido e figurará como uma das muitas laboriosas criações dos autores de ficção científica.

Mongaguá, maio 1964.

OS POSSESSOS DE NÚBIA

Às vezes, nas “noites” de Núbia, quando por uma decisão meio anárquica havia deixado de tomar a dose de *fixênio*, ele costumava recuperar seu para sempre perdido tempo da Terra. Por que viera para Núbia? Era tão simples, tão idiota! Viera porque achava que a mulher estava regredindo e ele também, por ela carregado, numa animalização inconcebível. Bela o havia seduzido, como qualquer mocinha a um rapaz que está na idade de procurar mulher, mas jamais pudera imaginar que naquele tipo de uma modernidade incomum, com sua cabecinha raspada e envernizada de castanho opalescente, habitasse ser tão primitivo. Ela decidiu ter o primeiro filho como as mulheres havia séculos não o faziam. Tornou-se bêbada de maternidade: engrossou pouco a pouco, pesada, prenhe do filho e de sua lasciva condição feminina. Foi assunto de controvérsias infundáveis nos jornais de imagem concreta, essa criança que abalou as boas maneiras das mulheres de então. Falou-se muito naquela fêmea que desprezava os conceitos altamente civilizados da mãe moderna, que se utiliza das cubas de porcelana em vez do próprio ventre, como o faziam suas animalescas antepassadas.

Bruno sentia em si o ridículo daquela vocação femeieira, sacudindo os bem-pensantes, como na irrupção de um defeito que se amplia até a degradação. Tida essa criança, com o alvoroço que causou em toda a avenida do sexto andar, para onde abria o apartamento de Bruno, outros inconvenientes

surgiram. Bela, os peitos intumescidos, não contente com o escândalo do parto, quis amamentar. Achava lindo dar leite ao bebê e depois do primeiro filho quis ter outro, também desejando, contra a vontade do pai, criá-lo dentro de si e não na concha de porcelana do Estado. Dois filhos, dois choques, duas razões para infundáveis debates em que o casal se tornava o alvo de controvérsias inauditas. Bela ficava cada vez mais mulher. Bruno tinha vergonha de confessar — cada vez mais fêmea —, e então não lhe bastavam dois filhos tidos no ventre e criados nas mamas: queria um terceiro. Cansado de sentir em si olhares risonhos e comentários maliciosos, Bruno foi perdendo a alegria de viver. Não mais frequentava as festas a que Bela o carregava, feericamente feminina, chamando sobre sua pessoa os olhares de quantos homens estivessem em torno, como se ela recendesse ao cio dos primitivos. No trabalho, era açoitado por crises de languidez e desespero e, como fosse redator lotado no Ministério do Planejamento do Cosmos, começou a prestar atenção nas vantagens oferecidas aos povoadores da pequenina colônia de Núbia. Receberiam uma espetacular ajuda de custo, e, se não levassem as famílias, estas teriam a recolher um seguro de vida que funcionava automaticamente no momento da viagem, enriquecendo o clã. Os colonos de Núbia bem se comprometiam a ter lá um estágio jamais inferior a um prazo de vinte anos da Terra.

Núbia, planeta iluminado por Glauco, ficava tão distante da Terra que aqueles que viajavam para lá o faziam como em uma rejeição de tudo que constituía a civilização terrena. Havia coisas agradáveis em Núbia: primeiro, pensava Bruno, saber que aquela espécie de “suicídio” vinha enriquecer uma família, e não a infelicitizar; segundo, que o capitão Welsch, chefe do grupo de pioneiros, era um chefe e tanto, censurando tão sabiamente as notícias da Terra que, ali, o indivíduo viria automaticamente a detestar o planeta em que havia nascido. Na sala da Casa Maior, os filmes em imagem concreta versavam sempre sobre as infundáveis guerras

do planeta Terra. Apareciam, frequentemente, terremotos, vendavais, epidemias. O capitão fazia questão de censurar as terrenas belezas, tão voluptuosas para os possíveis saudosistas diante das telas de imagem concreta, nas quais eram também proibidas as canções alegres de festivais da Terra. A sala de projeção ficava vazia dentro de algum tempo. Os nubienses riam uns para os outros, não se sabendo bem se caçoavam dos terrenos ou do capitão. A terceira melhor coisa do planeta eram o fixênio e a dose necessária à completa preservação contra a melancolia e a saudade. Bruno pensava nisto exatamente quando, por um desejo de gozar de maior liberdade interior, furtava sua mente à ação do medicamento fixador dos colonos em suas novas bases de vida. Vinha-lhe, então, tudo à cabeça: Bela passeava seu corpo opulento pelo aposento exíguo, e seu perfume de mulher, pesado, parecia insinuar-se sob o travesseiro musical, que ele havia feito parar em sua dulcíssima canção de adormecer, especialmente encomendada para os habitantes de Núbia.

A vida do planeta não era, por outro lado, despida de atrações femininas. Havia Drusa, encarregada da psicologia do grupo ao qual Bruno estava ligado. De uma feita, ela o acarinhara com a técnica das doutoras em psicologia e o mandara para o reservado onde Bruno descera, mediante gases sedativos, a uma inocência de oito anos. Inocência? Ele se vira a murmurar palavras e a chorar alto, como fazem os meninos dessa idade. Depois que saíra do cubículo, Drusa o beijara na boca, numa cordialidade quente que, generosa, ela oferecia a todos os de sua clínica. Bruno chegou mesmo a pretexto alguns distúrbios para vir a ser tratado por Drusa, mas ela soube logo de suas artimanhas e o mandou então fazer pequenos passeios, o que muito o contrariou. Não gostava de sair da cidade-acampamento e vadiar pelos campos. Não que tivesse receio de um desses desvarios que, de tempos em tempos, pareciam devorar alguma vítima entre a população. O caso, por exemplo, de Resa, o mecânico dos robôs de Núbia, fora o último de uma pequena série de acontecimentos inexplicáveis.

Bruno o viu partir pela estrada; andava tranquilo, e seus passos se moviam sob o iluminado céu de Leste.

Núbia não tinha dias e noites. A colônia se situava na faixa crepuscular do planeta. O dia e a noite coexistiam de um lado e de outro no céu. O mecânico parecia igual a todo cidadão que, tranquilizado pelo fixêmió, cuidasse de sua existência sem correr perigo de nostalgia. Mas ele partiu reto, inflexível, sem retorno, para o abrasamento de Glauco, “o sol” de Núbia. Esse foco de vida e de energia do planeta constituía uma força tão poderosa que as árvores cresciam esgalgando-se todas para a luz, como a rastejar para ela. Insetos, que certa vez apareceram na colônia, eram deformados, distorcidos como as plantas sofredoras, cujas sementes vinham do planeta Terra, mas tendiam com toda a força de seu crescimento em busca de Glauco, se não fossem disciplinadas também por rigorosos tratamentos. Assim, o mecânico dos robôs desaparecera, atraído como os insetos e as plantas pela luz de Glauco. Bruno não sabia que, embora não se falasse no assunto, alguns outros colonos tinham tido a mesma sorte: desapareceram na esteira da luz, fascinados e mortos por Glauco.

Bruno seguiu os conselhos da psicóloga, utilizando-se, porém, do pequenino planador de pilhas que a colônia oferecia aos passeios mais curtos de seus habitantes. Vadiou, então, por algumas horas “matinais”. (Falara-se, infundavelmente, em instituir um novo horário, mas a colônia era regida pelo inflexível sistema terreno: doze horas para o dia, doze para a noite, embora o dia não fosse dia e a noite não fosse noite.) Os passeios mostravam as plantações de trigo, ligeiramente voltadas para o “sol” do planeta, e as formas estranhas de colinas, entrevistadas ao longe, tendendo para o dia, como se a natureza fosse ávida do calor de Glauco. Havia um indivíduo muito conversador — o botânico Faro — que descrevia lugares mais sedutores do que aqueles contemplados nos arredores do acampamento, mas então o calor já seria quase sufocante.

— Quando um homem está muito bem condicionado interiormente, pode passear até lá. Do contrário, vai na reta para Glauco.

Faro também gostava de fazer a crônica da colônia. Tinha certa quizília com o chefe e costumava sentenciar:

— Este capitão, que já foi ministro de Deus, faz mais possessos que o demônio o fazia nos bons tempos em que se acreditava no diabo.

Ah! Bruno, às vezes, cheirava no ar a terra chovida de pouco, quando a dose de fixênio não vinha à hora certa; o cheiro da terra, o embriagador cheiro, o melhor que existe, vinha tontear-lhe o olfato. Com dois dias sem fixênio, seria também capaz de “ouvir” o mar, como se os seus ouvidos fossem a concha de turbilhões remotos dos oceanos, tivessem o palpar de vida de seus abismos. Sem fixênio, a lucidez era um vício tentador; mas, com a droga, recuperava-se o prazer de existir. Achava-se natural a noite fabricada, o pequenino céu que tombava até os confins do acampamento, feito de um gás preto, que o circundava, panorâmico e indispensável à acomodação dos colonos. Havia, então, nessas “noites” de Núbia, habituais festinhas em que todos se viam de maneira diferente, pois era recomendado que se entregassem mais e mais aos bailes “satíricos”, quando os colonos caçoavam, reinventando tipos odiosos da humanidade terrena. Ali, em Núbia, todos eram iguais, mas nesses saraus alguns se fantasiavam de ricos, outros até se apresentavam com doenças inventadas, simulando mazelas terrenas. Era tudo muito engraçado, mas, se as criaturas não tomassem uma boa dose da droga, às vezes misturavam lágrimas e risos e iam acabar no pequenino quarto de Drusa, dizendo palavrões e regredindo à infância, como miseráveis, pequeninos e fracos seres.

Todas essas coisas eram postas, como nos pratos de uma balança sensibilíssima, quando Bruno, entregue a sombras fictícias, pesava e repesava a feliz oportunidade que tivera de deixar Bela e viver num planeta cujo oxigênio era muito mais puro que o da Terra.

Do trabalho, não se queixava. Como viesse do Planejamento do Cosmos, agora bem se dava a uns poucos planos, principalmente a casos de “emergência” que a colônia deveria enfrentar. No “dia” anterior, o capitão Welsch — que o encontrara meio sonolento diante da projeção de imagem concreta, onde, depois de devidamente censurada a “atualidade” da semana, fora exibido um tornado da Flórida, a ruptura do paredão de um dos lagos da Amazônia e, por fim, o grotesco festival de homens de duzentos anos, os mais velhos do planeta Terra, que se entregaram a comidas e a bebidas de seus antigos tempos — o chamara para uma conversa um tanto estranha. Ele, Bruno, deveria “planejar” sobre a possibilidade do aquecimento de Núbia.

— Capitão Welsch — disse Bruno —, segundo todos os cálculos, só de mil em mil anos, quando se dá a aproximação maior de Núbia com Glauco, esse fenômeno deve ocorrer. Os astrônomos da colônia imaginam que Núbia venha a ser aquecida violentamente daqui a quatrocentos anos, na pior das hipóteses.

— Eu sei — disse o capitão, pensativo. — Mas o nosso serviço de fiscalização assinalou milhares e milhares de insetos mortos, trazidos pela aragem de Leste.

O ex-pastor, em seus bons setenta anos, tinha cinquenta de experiências em Núbia: era o colono mais antigo, e sua afeição pelo planeta chegava a ser dramática; quando qualquer habitante ousava manifestar crítica menos favorável à vida no planeta, ele respondia feroz: “Você não merece o privilégio de viver aqui”. Dentro desse quadro, Welsch jamais viria a confiar-lhe qualquer suspeita mais grave a respeito da possibilidade do aquecimento geral do planeta. Era um homem que só alongava seus discursos para gabar a fecundidade do solo nubiano, a pureza do seu ar, a retidão de seus habitantes e sobretudo os princípios morais de respeito comum à individualidade humana.

Uma das mais eficientes auxiliares de Welsch era a pequena Célia, capaz de alegrar com sua vivacidade e seus

estímulos de conversa a todos os solteiros da colônia, que não eram muitos; entretanto, ultimamente, depois que seu amigo, o capitão, houvera confidenciado, de passagem, com ar despreocupado, sobre o turbilhão de insetos mortos, Célia havia perdido a constante naturalidade. Baralhava a atitude para com seus íntimos. Era cômica diante daqueles com os quais, por ofício determinado pelo capitão, deveria ser mais grave. Era severa quando, pelas circunstâncias, deveria atender à intimidade de um homem solitário que queria uma companhia alegre. A doce e bondosa, a generosíssima Célia, viera fazer visita a Bruno, sempre pensativo e especulador, e se comportara como deveria ter feito com o mecânico dos robôs, que amava as piadas e se danara, talvez, em vida, só porque ali em Núbia faltavam as anedotas do terrível mundo da Terra.

— Você sabe o que aconteceu ao Oscar? Aquele nosso colono que recebeu um cérebro novo, depois da meningite? A viúva do doador veio até aqui, em Núbia, dizendo que, conforme está provado, o marido passou a viver em Oscar.

— E o que tem isso?

A moça estourou seu riso mais caritativo:

— O Oscar respondeu: “Está provado que a consumação do casamento não se faz pelo cérebro”. E o capitão aceitou, muito naturalmente, o argumento.

— Ah! — disse Bruno. — Assim Oscar ficou livre da mulher.

E a moça, despachada para alegrar sua noite, tocara, sem querer, no ponto dolorido. Ele também se desfizera de sua Bela; ele também encontrara razões e um bom argumento, embora seu cérebro e seu corpo...

— • —

— Capitão Welsch, diga-me com franqueza, qual a sua dúvida?

— Nenhuma, meu rapaz. Apenas devemos conseguir um mecânico para os robôs. Esperamos que você consiga isso de alguém.

Ah, era só isso. Aqueles robôs que constituiriam o cerco inexpugnável da colônia tinham um mecânico, um teórico vindo lá da Terra que jamais tivera o prazer de fazer funcionar suas máquinas a circundarem, numa defesa maciça e absoluta, todo o acampamento, pelo menos desde que Bruno estava ali.

— Mas ele tinha um companheiro, não tinha?

— Sim — disse Welsch —, justamente aquele afetado de meningite, pois um dia entrou demasiado na faixa de luz para acompanhar o mecânico. Justamente o Oscar, o que trocou de cérebro e teve relativa experiência com as máquinas, antes da morte do mecânico-chefe.

Bruno chamou Oscar. A morte do companheiro vivia em sua cabeça, fresca, com uma exatidão inexorável. Ele havia trocado de cérebro, mas jurava, contra todos os pareceres dos médicos, que “se lembrava” da morte do mecânico dos robôs.

Ele abriu os braços para Glauco e gritara: “Adoro o sol, adoro a minha terra, m... para este lugar. Ele foi ficando cada vez mais vermelho e incandesceu por inteiro: parecia brotar sangue de todos os poros de seu rosto. Nesse ponto, eu desmaiei”.

A doutora Drusa, na sessão seguinte, explicaria a Bruno, depois de o ter beijado na boca com muito afago e ternura, que isso não passava de uma *incorporação de personalidade*. Oscar não queria perder sua mente, seu passado, e inventava situações desconhecidas para seu novo cérebro. Poderia ter acontecido... Era uma suposição.

— Mas, meu caro — dizia ela a Bruno —, seu auxiliar é um homem de esplêndida inteligência. Com lições dadas pelo mecânico, mesmo sem ter tido uma convivência maior, saberá o suficiente para mover os robôs.

Bruno compreendeu logo que não era possível tal eficiência. Oscar, premido por suas indagações, confessou:

— Já experimentei a técnica 224 x 32 e a 14 x 17. Numa, os robôs trepidam e não arrancam; noutra, arrancam parcialmente.

Bruno esteve estudando os comandos dos robôs de Núbia em certa madrugada, com Oscar. Dois deles apenas, dos catorze existentes, se puseram, como torres, em marcha, nos limites da “fronteira” de Núbia.

Consciente de que o sistema de defesa de Núbia era imperfeito, Bruno questionou Welsch sobre o absurdo de um plano de conquista feito por outros que não os colonos. O capitão respondeu por evasivas:

— Um mundo tão delicioso como o nosso pode despertar a cobiça. E os colonos nunca pensam nisso.

— E fora dos robôs, capitão Welsch, qual é a defesa de Núbia?

— Velhas armas aqui trazidas há cinquenta anos. Uma delas, eu a manejei aos vinte anos na Terra.

Era preciso corrigir o emperramento dos robôs de Núbia. Seria cômico que ele, Bruno, escrevesse as suas memórias do planeta dizendo que para isso deveria contar com um assistente descerebrado e recerebrado, um homem de memória delirante, cujos confins da personalidade se situavam numa incógnita: “Quem sou eu? *O outro* ou Oscar?”.

Ah, nesse delicioso planeta, acontecimentos invulgares ocorriam. O capitão Welsch pedia para que se não tocasse na morte dos insetos, mas, com Bruno, fiscalizará a climatização da Casa Maior. Pelo menos, por esse lado, ele não teria problemas. A cobertura, em que seria englobada toda a sede principal de Núbia, Oscar a soube fazer descer como se não houvesse estudado outra coisa na vida.

Bruno — esses exercícios eram feitos sempre de “madrugada” — viu baixar o vidro protetor que se apegava à construção e escorria quase liquefeito do teto, para solidificar-se quando alcançava o solo. Tudo ficaria rigorosamente vedado, para que as poderosas máquinas refrigeradoras entrassem em ação.

Em meio a essas obscuras preocupações, sem um sentido exato, pois nem o capitão, nem nenhum colono manifestara ansiedade sobre qualquer ameaça ao acampamento das duas mil criaturas situadas em Núbia, os passeios de planador à pilha já agora eram uma rotina para Bruno. Dentro da rotina, porém, havia uma diferenciação feliz: a doutora Drusa concordara em acompanhá-lo. Então, conversaram intimamente sobre tudo e sobre todos enquanto o pequeno planador, dez metros acima do solo, fugia célere, primeiro pela parte plantada, na difícil disciplina dos vegetais importados, onde a colônia semelhava uma próspera fazenda alemã ou americana. Transposta, porém, a fronteira dos trigais sabiamente cultivados, principiava aquela paisagem, que seria obsessiva, sem a dose providencial de fixêmo: árvores raquíticas, erguendo para Glauco os galhos retorcidos e sofredores; colinas que pendiam como oceano fixo de vagas que se estratificavam, crescendo na direção leste. De lá, o céu azul, brilhante, o eterno dia de Glauco. A oeste, a sombra progressiva, até o surgimento de raras estrelas afundadas na noite que a vista abarcasse.

— Gosto disso tudo — disse Drusa, e o dizia bem mais para Bruno do que para manifestar a euforia da distensão e do repouso. Fez uma pausa e acrescentou: — Novos colonos estão para chegar. Teremos muito trabalho. É preciso aprender a amar Núbia, sentir que aqui somos privilegiados. Imagine-se você agora na Terra, perdido naquelas alucinantes cidades... Um mundo formigando de gente, violentamente lutando pela sobrevivência de cada um. O mundo desumanizado. Núbia está preservando o ser humano: você deveria ter orgulho em participar desta maravilhosa experiência.

— Prefiro ter orgulho em passear com a doutora mais bonita que já conheci.

Ela riu.

— Diga-me uma coisa, mas sin-ce-ra-men-te. Acha mesmo que Oscar não assistiu à morte do mecânico?

— Impossível — respondeu, decidida. — Naquele dia, ele saiu *sozinho*. Você mesmo o viu, lembra-se? Oscar já estava doente.

De seu lado, Drusa tinha um caminhar diferente de preocupações.

— Todas as vezes em que chegam novos colonos, há uma sacudidela muito forte em nosso grupo, porque os terrenos se comportam de maneira afrontosa, achando insólitos nossos vestuários e costumes, dizendo sempre que estamos muito “atrasados”. Sinceramente — continuou — não são momentos muito agradáveis, mas passam logo, e, depois de algum tempo, os novos nubienses estão perfeitamente integrados. Nessa integração eu tenho uma pequena parte, como sabe.

Dito isso, Drusa deu em Bruno um violento e demorado beijo na boca — aquela sua encantadora receita, quase tão importante quanto o fixênio.

“Será Drusa mesmo bonita ou terei perdido a memória das belezas terrenas?”

Bruno não levou muito tempo na indagação interior. Depois do beijo, a volta à Casa Maior. Drusa perdeu-se em seu gabinete, entregue às consultas e a seu específico carinho profissional. Bruno subiu a escada, chegou ao topo do edifício. Dentro de sua consciência estalava uma pergunta impossível de configurar, mas imperiosa, uma pergunta que só precisaria de uma noite sem fixênio para que pudesse vir a saber exatamente qual era, o que vinha a ser essa vaga tomada de alerta por um perigo que só habitava nos confins de sua sensibilidade, numa dúvida misteriosa.

Vagou pelos grandes salões desertos do observatório da Casa Maior; os instrumentos estavam lá, abandonados a essa hora. Seus passos ressoavam numa busca que, no instante, não deveria ser a daquele estranho auxiliar, o novo mecânico, pois os robôs não viriam a fazer falta à população enquanto não se concretizasse um perigo. Em torno do acampamento só havia noite, dia, árvores torturadas,

às vezes uma aragem mais forte trazendo insetos destracados, nada mais. Bruno passou à velha sala de armas em seu caminhar pensativo. E foi como se ele visse tudo pela primeira vez. Há poucos dias observara aquelas armas. Estavam abandonadas, tristes, poluídas, de mau aspecto. Agora, a luz de Glauco fazia ressaltar diretamente muitas delas, polidas, brilhantes, tinindo seus reflexos numa forma de vida silenciosa e drástica. Não precisou especular muito para saber o motivo daquela ressurreição: lá no fundo da sala, escondido debaixo de um engenho que ele, Bruno, desconhecia, gostosamente espichado no chão, Oscar limpava, meticuloso, uma velha arma, uma daquelas que Welsch usara havia cinquenta anos, nas infindáveis guerras da velha Terra cáustica. Oscar colocou-se rápido de pé, mostrando sua obra, como um triunfador:

— Veja que beleza!

— Mas não compreendo esse seu esforço. Seria melhor estudar o código dos robôs.

— Ora — disse Oscar, e suas orelhas pareciam rir com ele, tão felizes que se alvoroçavam também —, é muito mais fácil mexer com todos estes trechos do que com estes robôs pesados e absurdos. E fique você sabendo que este armamento não é nada de se desprezar. Confio muito mais nestas armas do que na força de defesa desses robôs, que ninguém viu em ação.

— O capitão Welsch disse-me hoje ter assistido a vários exercícios com eles.

— Pois eu acho que o capitão devia mostrar mais sapiência e dar menos ordens; ele que mexa com os robôs. Afinal, somos ou não somos todos iguais?

E as orelhas de Oscar murcharam como as de um cão meio zangado.

Bruno deveria responder como convinha àquela dose de rebeldia injustificada? Oscar não escolhera a tarefa que lhe fora entregue? Houve um pequeno alvoroço na outra sala. Algumas pessoas tomavam seus assentos diante de

instrumentos meteorológicos; outras estudavam, através de uma parede obscurecida, o brilho de Glauco. Havia uma conversa surda, mas Bruno percebeu que os homens discutiam ou assinalavam fenômenos diversos. Bruno notou, em seguida, que todos aqueles colonos, entregues a seus ofícios no observatório, discutiam sobre a possibilidade de uma vaga de calor em Núbia. Três deles observavam o grande retângulo obscuro, onde o astro brilhava esmaecido, meneando as cabeças, enquanto um quarto e pequenino indivíduo afirmava "que sim". O aquecimento progressivo do planeta poderia vir a acontecer muito cedo. Os aparelhos de sondagem, constituídos de fios metálicos, vinham e voltavam, trazendo pequenas porções de grama, cuja quentura e um possível começo de danificação registravam.

— Devo participar da conversa, pois pertenço ao Departamento da Defesa, como os senhores já devem ter sido informados.

O pequenino sentiu em Bruno um ser capaz de aceitar aquilo que lhe parecia um fato mais que provável. Abriu as cartas de Núbia, mostrou as manchas de aquecimento progressivo, já assinaladas, para o astrônomo-chefe. No máximo dentro de vinte e quatro horas, Glauco deveria atingir com seus raios a porção de Núbia povoada pela colônia.

Uma incredulidade geral derramou-se sobre aqueles homens, que voltavam a insistir na inflexível lei astronômica que determinava as vagas de calor em épocas de mil anos na contagem clássica, que eles ainda usavam.

— Mas por que não chamam o capitão Welsch? — perguntou Bruno, enfim chegando ao termo e ao rasgão do mistério que se desvanecia dentro dele próprio: o *pressentimento*. Aquela teia de imagens que um homem dono de seus nervos não pode aceitar. Tivera um pressentimento! E, enquanto todos concordavam que seria bom chamar o capitão Welsch, o homenzinho divergente deu um grito. De encontro à parede de cristal negro, uma vaga de insetos se espatifava, borrando de súbito a perspectiva do astro.

O capitão Welsch, que continuava em Núbia a fazer algumas funções religiosas, terminara o ofício da semana, citando Buda, Maomé e Cristo para o pequeno grupo de crentes. Antes que pudesse chamá-lo, o botânico Faro entrou alvoroçado pela porta da pequena capela e aguardou, com Bruno, pelo “oficiante”.

— Alguma coisa está acontecendo: abriu-se uma brecha enorme no meio dos trigais. — Mostrava uma fisionomia atônita. — Os bichos estão saindo de dentro da terra — corrigiu —, de dentro do solo.

Bruno estava ali para levar ao chefe da colônia a preocupação dominante do homenzinho e mais a sua, bem particular.

O “oficiante” fez sinal e disse aos poucos colonos que haviam assistido ao ato religioso:

— Fechem suas casas e venham para cá.

Um deles perguntou:

— Será preciso o toque de reunir? — E ria, incerto, olhando Faro e Bruno, como numa espécie de provocação.

Welsch respondeu tranquilo, batendo-lhe no ombro:

— Hoje é dia de repouso, mas não há nenhum mal em que vocês se encontrem todos em nossa casa. — E continuou, com uma espécie de cerimônia afetuosa: — Os insetos poderão incomodá-los em seus chalés; aqui, estaremos todos muito melhor.

Os poucos crentes retiraram-se para seus lares a fim de prevenir amigos e companheiros sobre a reunião da Casa Maior, e, quando Bruno subiu com Welsch para o observatório, este lhe disse:

— Logo que estejam aqui, faça baixar o vidro.

Ouviam-se ainda diálogos nervosos entre os astrônomos. A avalanche dos insetos nas paredes da Casa Maior era agora uma lama viva e impetuosa que trepidava de encontro ao edifício.

Em breve, estrugia dentro de cada um o chamado total de Núbia. Ninguém, colono que fosse, deixaria de receber, pelas ondas de intermitência nubiana, o apelo que se conscientizava de indivíduo para indivíduo.

Welsch estava muito calmo.

— Meus amigos — disse ele aos que se reuniam no observatório —, a Casa Maior pode abrigar três mil pessoas, e nós temos um pouquinho mais de dois mil nubienses. Chamo a atenção dos senhores para que não haja a menor palavra, a mínima conjectura sobre qualquer perigo; mesmo que convulsões sacudissem nossos campos, os senhores bem sabem que os estoques da Casa Maior seriam suficientes para aguardar qualquer suprimento.

O homenzinho pequenino rodeava o capitão, fazendo avultar sua pessoazinha, como se ele ainda não fosse suficientemente visto ou ouvido:

— O calor está vindo; estes insetos significam que a vaga vem aí, terrível.

— Eu já sabia — disse Welsch —, mas não queria incomodá-los com minha humilde sagacidade.

Voltando a face doce e longa para Bruno:

— Recomendo-lhe fazer descer o vidro logo que cheguem todos, sem perda de tempo. A refrigeração do edifício está amplamente garantida, funciona admiravelmente. Não teremos nada a temer.

Dizendo isso, Welsch desceu, à espera de seus colonos, dos felizes habitantes de Núbia que já vinham, uns carregando as fluidas bagagens, demonstrando preocupações individualistas; outros, mais esportivamente, sem coisa alguma nas mãos — todos prontos a passar um prazo maior, ou menor, dentro da sede da colônia.

Antes de fazer descer o vidro, foi aberta a cortina d'água que deveria higienizar toda aquela fachada, onde milhares de insetos mortos estalavam desenhos inimagináveis, nos quais buliam pequeninos corpos destroçados, ainda vivos, manchando as paredes.

— Deixe-me ajudar — dizia Célia, divertida com aquela inusitada cascata, que descia maciça do alto, pelas janelas e desvãos da Casa Maior.

— Por aqui — disse-lhe Oscar. — Pode abrir todos os jorros deste lado. Eu abrirei os do outro.

Atentamente, mas sempre risonha, Célia abria a torrente higienizadora, capaz de tragar os insetos e secar à medida que chegasse rente ao solo. Quando punha a funcionar o último jorro, deu um grito:

— Bruno — chamou —, a casa do botânico sumiu!

— Você não deve ter visto muito bem, Célia.

— Como não vi? É a última, a que fica antes do trigal. Passei lá à noite. Então não lembraria?

Oscar e Bruno contaram as casas que se alinhavam no caminho do trigal; era espantoso, mas faltava uma. Contaram e recontaram, incapazes de aceitar o fato. O bangalô sumira sem deixar traço.

Enquanto isso ocorria, o vozerio dentro do saguão tornava-se bem maior, e uma última colona — que entrara quase sem fôlego pela larga porta — afirmava ter visto desaparecer a casa de Faro quando tangia uma rês. Então, correria como uma desesperada.

— • —

Welsch receitou leituras da Bíblia para uns. Para os não crentes recomendou as últimas exposições de imagem concreta. E, quando todos estavam mais ou menos entregues às suas distrações, embora o fizessem carregando também na dose habitual do fixênio, sempre bom para estabilizar a consciência de que Núbia era, realmente, entre todos, o mais aprazível dos planetas, subiu novamente ao observatório.

O retângulo de vidro escurecido, agora límpido, era observado pelos astrônomos. Um deles, o mais velho, tinha a fisionomia tensa:

— Infelizmente, dr. Welsch, nós não tínhamos razão.

O homenzinho pequenino não gozou seu triunfo passageiro. Bateu-lhe afetosamente no ombro — todos os nubenses eram extremamente carinhosos uns com os outros — e, quando o astrônomo terminou de falar com Welsch, ele lhe deu dois ternos beijos nas faces:

— Isso acontece, meu amigo. Não pretendemos ser irredutíveis como os terrenos.



Sabia-se que a doutora havia levado para o pequeno compartimento onde recondicionava as mentes em desvario o botânico Faro, que parecia não ter conformação com o sumiço de sua casa, tragada no interior do solo com todos os objetos recebidos da Terra e algumas raras coleções da flora nubiana. Ela o beijava sempre com mais doçura, alisando os cabelos já meio raros do botânico.

— Ninguém aqui pode ficar pobre, ninguém pode perder nada, porque todos aqui têm tudo. Perca esse vício burguês e terreno!

Como ele se lamentasse, com a obstinação de um neurótico, entre beijos e afagos, ela o encaminhou para a câmara, na qual, em breve, estalavam choro e xingações, já tão íntimas a seus ouvidos, que eram como explosões de cantiga habitual dentro da rotina da sua profissão.



Depois de limpo todo o exterior da Casa Maior, poderia descer agora o grande banho vidrado. E ele veio, escorrendo manso, com os aparelhos facilmente postos em funcionamento e sob a afanosa cooperação de Célia, integrada no trabalho de seus companheiros. Alguns colonos observavam aquela capa protetora, que descia vagarosamente, esfumada nos bordos, e bem se cristalizava ao juntar-se ao solo, inteiriçando-se progressivamente. Vedado todo o edifício, os operários puseram

a funcionar o condicionador, que mandou logo uma atmosfera gelada para o interior da casa.

Alguns espectadores de imagem concreta aborreceram-se com aquele excesso. Outros vestiram seus agasalhos, chegaram junto da cortina de vidro e espiaram, ao longe, para suas casas. Então já não faltava apenas a casa do botânico, mas outra havia sido tragada.

Nesses breves instantes, fora destruído mais um bangalô, e nada dele poderia ser visto. No lugar, uma ferida aberta entre os vegetais brilhantes, sob a claridade intensa de Glauco. Quando isso foi verificado, duas mulheres principiaram a gritar e foram encaminhadas à doutora Drusa, que se ocupou delas com a mesma devoção, os mesmos beijos demorados de todos os seus pacientes, sem mostrar nisso a menor preferência de sexo.

— • —

Tudo funcionava à maravilha. O frio poderia ir até duzentos graus abaixo de zero, criando uma defesa contra qualquer calor mais agressivo. Pequenas estufas eram postas a funcionar para a comodidade dos colonos mais friorentos, que não se conformavam com a temperatura de cinco abaixo de zero. Lá em cima, terminada a sua ação, Célia dizia um afetuoso adeus a Oscar, beliscando-lhe amorosamente as orelhas de abano. Ia tomar um banho na piscina interna — faria um pouco de exercício e divertiria os rapazes lá embaixo.

— Oscar — disse Bruno —, vamos experimentar os robôs.

— Mania essa — respondeu Oscar. — Mania!

— Tenho ordem do capitão Welsch para aperfeiçoar a defesa e vou cumpri-la. Vamos examinar os códigos.

Bruno, seguido de Oscar, que dava muxoxos, dirigiu-se ao painel dos códigos. Aceso o comutador, os códigos transpareceram na parede, com todas as suas mínimas indicações realçadas em notações verdes e vermelhas.

— Antes de começarmos nosso trabalho, vou avisar os companheiros. Poderão querer apreciar o espetáculo.

— Ah! Ah! — divertia-se Oscar. — Vai ser um teatro muito bobo. Um fracasso total.

Fracasso ou não, Bruno quis avisar os companheiros. Já que estavam todos com tempo de sobra, viessem ver os exercícios dos robôs.

Os colonos se aproximaram do vidro gelado e viram o primeiro mastodonte, com suas pás imantadas, sair como de uma catapulta e brilhar esplendorosamente no limite do parque da Casa Maior. Mais alguns instantes foram suficientes para fazer aparecer seis robôs, todos eles postos como torreões na direção leste. Esperou-se, em vão, que se completasse o cerco. Ouviram-se arrancos confusos das máquinas. Bruno praguejava, Oscar ria como um demônio, e Welsch, deixando seus colonos de fisionomia estupefata, dispostos ao longo do grande vitral da Casa Maior, tomou novamente o caminho do observatório, embora suas pernas de setenta anos não mostrassem a mesma disposição de sempre.



Todos, naquela pequena reunião dos mais doutos de Núbia, vinham dar seu parecer relativo ao fracasso da defesa dos robôs. O extraordinário pequenino colono encontrou uma solução para pôr em movimento o sétimo instrumento de defesa, que arrancava tão somente do chão o confuso troar de organismos emperrados. Leu e releu números, sopesou instrumentos de exploração meteorológica, vindo a concluir que ele estava prejudicado pelo calor. Aquele robô obstinado em não saltar de sua cova mereceu tais expedientes do homenzinho que, em breve, se apreciou o melhor feito do dia: o robô, a muito custo, se pôs a funcionar. Mas a outra metade das máquinas de defesa estava inteiramente danificada pelo calor, já facilmente notado através do vidro. Os campos pegavam fogo aqui e ali.

Todos sentiram um indizível mal-estar, pois um tempestuoso tropel, muito ao longe, se anunciou. Seriam movimentos interiores do planeta? Lá em cima, os observadores diziam que não havia nenhum deslocamento interno na parte relativa à sede de Núbia, mas o tropel aumentava sempre, os ouvidos captavam seu poderoso avanço. Seria um turbilhão de imensos insetos endemoninhados, tangidos pelo calor, uma pesada nuvem que viria arrasara toda a colônia? Era difícil saber o que se passava nos confins dos campos, depois dos trigais, porque a fumaça já subia das plantações incendiadas.

Bruno desistira de lutar com os aparelhos. Ele sabia que agora aquelas máquinas seriam destruídas pelo próprio calor do ambiente. Disse a um colono que vinha olhar ali, junto à estranha ebulição percebida através da fumaceira:

— Pode dizer a todos que o exercício dos robôs nem se limitou à metade. Tudo está funcionando, ninguém precisa ter preocupações.

— Mas que é aquilo? — quis saber o outro. E nesse instante ficou só olhos. Olhos desmedidos, em seu rosto magro e devastado pelo trabalho do campo, à luz crua de Glauco.

Algumas vagas formas transpareceram dentro da fumaça. Davam a impressão de um rebanho acossado pelo calor. Bruno sabia, entretanto, que o rebanho de Núbia havia sido guardado na estrebaria pelos próprios colonos que tangeram para lá suas reses, antes de entrar na Casa Maior.

Na extremidade do observatório, astrônomos, meteorologistas e empregados colavam o rosto ao vidro, numa indagação obsessiva: que era aquilo? Dois ou três minutos e ninguém mais indagou, porque os seres chegavam em tropel furioso, e seus urros enormes já troavam aos ouvidos, juntamente com o ruído da queima das árvores e o estalar dos telhados das casas próximas ao trigal. Oscar, as orelhas movediças, de cão que deseja morder, fixou o tumultuoso e desordenado grupo:

— É gente, não é bicho — dizia. — É muita gente que nos vem atacar.

Welsch fez um pequeno sermão quando, pela primeira vez, apesar do uso do fixêmio, um começo de pânico invadiu os colonos de Núbia.

— Eu já havia mandado à Diretoria do Cosmos um relatório secreto sobre a possibilidade da existência de seres... sub-humanos no planeta. É possível que o mecânico Resa tenha sido morto por eles. Meu antecessor, o último síndico, tinha uma suposição só sua de que lá nas cavernas, a leste, numa faixa muito mais quente do que a que habitamos, existissem seres, não humanos, mas infra-humanos.

Houve um esboço de revolta:

— E todas essas coisas eram escondidas de nós?

O tropel se aproximava, mas as palavras de Welsch soavam sempre firmes:

— A suposição era que eles seriam desalojados de suas cavernas por um aquecimento só concebível cientificamente de mil em mil anos. As conjecturas agora...

O capitão explicava, gesticulando brandamente, mas ninguém ouvia mais. Até mesmo a rapaziada, que se divertia com a pequena Célia, irrompia nervosamente no saguão enorme da sede. O chão tremia sob o alvoroço daqueles seres acossados, vindos em furioso bando, fugindo pelos campos ao incêndio e ao calor.

Os primeiros, vistos ainda de longe, pareciam ter três pernas, porque um dos braços era muito mais desenvolvido do que o outro. Os indivíduos participavam da deformação da natureza de Núbia, toda ela voltada para Glauco. Eles pararam, amedrontados, a alguma distância dos primeiros robôs. Seria possível fazer funcionar pelo menos estes? Seriam as máquinas capazes de paralisar os recém-vindos? Bruno nem sequer tentou, pois percebeu que elas estavam torcidas,

incandesciam e se tornavam incapazes de mandar os jatos que repeliriam os intrusos de Núbia. Era tristíssimo ver todo aquele aparato transformar-se em poucos minutos em maquinaria semidestruída. Os indivíduos corriam sempre. Enquanto uns já caíam pelos caminhos enfumaçados, muitos, milhares deles, em breve, chegaram a alguns metros da grande vidraça protetora. De lá deveria vir a fresquidão que os atraía, porque levantavam seus braços desiguais e arreganhavam as caras repuxadas para o espetáculo que era o daqueles outros seres, deles segregados pela cortina de frio da Casa Maior.

— . —

Gritos e desmaios desencadearam-se na sala: gritava-se “não!” sem parar, cobriam-se os rostos, uns e outros choravam convulsos, parecia um pesadelo coletivo. Aqueles animais — horrendas caricaturas humanas distorcidas, depois de terem parado, aparentemente indecisos, diante dos robôs — atravessaram a parte fronteira do parque e cada vez mais perto estatelavam os olhos, seria melhor dizer o único olho, porque uma das vistas, a correspondente à parte atrofiada do corpo, era quase nula. Eles se aproximavam mais e mais, e em breve três ou quatro, tendo batido com a cabeça no vidro, caíram para trás exangues, como vespas esfalfadas, enquanto os outros paravam, aceitando, arfantes, que havia uma linha divisória impossível de ser transposta. Mas esfregavam a cara no vidro e lambiam a fresquidão em ânsia desesperada.

A voz de Welsch subiu acima dos comentários desatinados:

— Não façam nada, eles sentiram o frio, mas não nos querem atacar.

E mudando de tom, peremptório:

— Os que não tiverem parte na defesa retirem-se para a sala interna.

Nem todos aceitaram a orientação. Célia, por exemplo, fugira novamente para o alto e ficara lá a observar os

milhares de seres pavorosos, que mais e mais se aninhavam junto ao vidro, haurindo com esforço um ar ainda respirável, no círculo de frescor desprendido das paredes da Casa Maior. E, no entanto, assim mesmo, alguns já morriam ou desmaiavam. Não se sabia bem porque eles desabavam, espumando saliva esverdeada e arquejando em cima da grama. Seria o esmagamento do cansaço?

Quando alguns caíam e outros urravam pranteando, no berro semelhante àquele do boi diante do sangue de uma rês morta, Célia começou a observar — enquanto as outras mulheres eram levadas para a sala interior — que uma fêmea tinha entre as patas — a menor e a maior — qualquer coisa que podia parecer um bebê. Bruno estava ao lado da moça. Ela lhe mostrou apenas aquele canto do painel de aflições bestiais: a fêmea com seu filhote, a empurrá-lo para o vidro, na ânsia de que ele fosse preservado pela esquivia fresquidão que se desprendia dali. Mas os uivos e lamentos estalavam tão convulsivos e poderosos lá fora que não havia mais, ali dentro, cabeça que pudesse vir a ser indiferente àquela multidão de seres agonizando, morrendo, furiosos do desejo de participar da atmosfera salvadora, posta bem à vista. Entre todos, Bruno, talvez por não haver tomado fixêmió nesses dias, sentiu mais forte o grito de dor dos que lamentavam, o urro de pavor dos que morriam. Lá do alto, gritou para os que ficavam no saguão — dirigia-se principalmente a Welsch:

— Nós temos de fazer alguma coisa! Ainda podemos salvar alguns...

Welsch mostrou aquela doçura pegajosa, usada sempre entre os colonos:

— Apreciamos sua piedade, mas nada podemos fazer por eles; não podemos abrir as portas.

Clamores se ouviam muito fortes, de dentro e de fora.

— Se nós deixarmos que eles entrem, será o nosso fim.
— A doutora apoiava o capitão, gritando para ser ouvida: —
Vejam, meus companheiros, eles não chegam a ser seres humanos; não chegam a ser homens; não podemos expor nossa

segurança! Procurem o interior da casa. Eles não abalarão nosso prédio. O capitão está certo.

Mas Bruno não queria aceitar essas opiniões e, enquanto lá fora continuavam os urros dos que morriam e dos que choravam seus mortos, gritou naquele clima desatinado:

— Há uma mulher querendo salvar a sua criancinha. Uma criancinha pode subir aqui sem nos causar nenhum mal.

— Você não vai fazer isso — disse Welsch, compreendendo. — O calor lá fora está a sessenta graus, você não resiste.

Mas Bruno, aturdido por aqueles gritos que pareciam o lamento de toda uma sub-humanidade, que pareciam desencadear nele as forças da misericórdia que o maltratavam, como se naqueles feios bichos visse gente sofredora da sua mesma Terra, tomou uma decisão: havia uma saída. O retângulo escuro de observação de Glauco poderia ser empurrado, e ali estavam os instrumentos que desciam facilmente até o solo.

Lá embaixo, a doutora levou a mão aos lábios, perdendo a serenidade mantida até o último momento quando, descendo agarrado aos fios cintilantes de sondagens, Bruno se viu quase junto da fêmea, que agora bambeava, espumando em agonia, sobre o pequenino bebê. Lá de cima, Célia recolheria, através dos fios metálicos, a pequenina criatura puxada pelas sondas. Bruno parecia bêbado, cambaleava, entontecido pelo calor, enquanto em torno criaturas meio mortas o observavam em seu trabalho, com uma curiosidade animal, tão prepotente, esmagadora, como a de canzarrões. Era difícil livrar-se deles e colocar o pequenino bebê, amarrá-lo nos fios. Teria a fêmea visto que seu filhote fora salvo? Bruno já não podia saber, porque estava cada vez mais asfixiado pelo calor e envolto pela curiosidade insidiosa, num apalpar contínuo, em empurrões, que queriam exprimir talvez o agrado final.



Célia recolheu a criaturinha.

— Não faça isso, não faça isso, você deve devolvê-lo — dizia Welsch a Bruno, através da vidraça.

Mas Célia logo envolvia o pequeno em si mesma e fugia para o interior da Casa Maior.

Agora, lá fora, Bruno entontecido encostava a cabeça no largo portão da entrada. Mas alguns machos, ainda espertos, sentiram através do desaparecimento do filhote que eles também poderiam entrar. Arremessaram-se com fúria, urrando, para a porta. Ela iria ceder? Lá de cima, Oscar acompanhava a cena. Ele não havia murmurado uma única palavra desde aquelas em que afirmara: "É gente que nos vem atacar". Havia desaparecido entre aqueles engenhos brilhantes, aos quais dera nova vida: as velhas armas do depósito, agora luzentes e prontas para funcionar.

A doutora gritou quando Oscar encostou uma arma bem acima do paredão do observatório:

— Não faça isso, não faça isso, Bruno está lá!

Ele respondeu, possesso:

— Desta vez você não me pega com seus dengues. Você não quis acreditar que o mecânico morreu dizendo: "Adoro a minha terra, m... para este lugar"; pois não foi ele, não, *fui eu!* Acho que tudo isso ficou dentro de minha cabeça. Eram seres horrorosos. Agora já sei. Foi na Guerra da África, e os companheiros queriam me segurar numa casa como esta!

— Não é verdade — disse Drusa, apavorada —, não é verdade: você nunca esteve lá.

Quatro ou cinco colonos se aproximaram para segurá-lo, porque Bruno ainda se levantava lentamente e arquejava, vindo para junto da porta. Mas Oscar parecia um demônio. Trazia a arma na mão. Os outros se mantiveram à distância. Lá de cima, ele desfechava uma rajada maldita. Embaixo, cessou todo o movimento. A cabeça de Bruno, colada ao vidro, teve o sangue escorrendo sobre os pelos de um dos indivíduos, quem sabe se o mais horroroso.

Quatro horas depois, a onda de calor havia passado. Welsch mandou sepultar Bruno e incinerar, no forno usado na última doença do gado, o rebanho de seres estendidos em torno da Casa Maior. Disse algumas palavras, que fizeram chorar determinadas colonas, sobre a doce piedade do homem para com os bichos, sentida através dos séculos, e pela qual Bruno morrera.

Não houve punição para Oscar. Um velho documento guardado nos arquivos de Núbia provara que seu cérebro vinha de um soldado morto em território africano.

Dentro de poucas horas, chegariam os novos colonos. Era preciso limpar tudo, arrumar acomodações para os que chegavam. Ninguém poderia ficar indiferente à tarefa de fazer Núbia parecer melhor do que estava naquele tristíssimo momento.

Célia, porém, não veio animar a rapaziada: ela se dedicava a alimentar o pequenino, que, estranhamente, quando tudo serenou, levado ao quarto da moça e posto o feio corpinho em cima da cama, começou a engrolar uns balbucios que pareciam muitíssimo com aquele blá-blá-blá das crianças terrenas, aquelas que ainda não sabem falar e têm uma linguagem muito doce e universal. Balbuciava tão encantadoramente que a moça passou a brincar de mãe, com seu filhote de Núbia.

ESPECIALMENTE, QUANDO SOPRA OUTUBRO

RUBENS TEIXEIRA SCAVONE

O primeiro livro de ficção científica de Scavone foi o romance O Homem que Viu o Disco-Voador, de 1958. Mais tarde ele se integrou ao movimento editorial gerado por Gumercindo Rocha Dorea e que deu visibilidade, pela primeira vez, à FC nacional. Contista, romancista e ensaísta de relevo, Scavone foi colaborador freqüente do "Suplemento Cultura" de O Estado de S. Paulo, e autor premiado com o Prêmio Jabuti 1973 com o romance Clube de Campo. Em 1988 foi eleito para Academia Paulista de Letras, e posteriormente o seu presidente por dois termos consecutivos. Um de seus últimos trabalhos foi a excelente novela O 31.º Peregrino (1993), combinação empolgante e erudita de FC, horror e homenagem literária ao escritor inglês Geoffrey Chaucer.

Mário Donato, no discurso de recepção a Scavone na Academia, menciona "Especialmente, Quando Sopra Outubro", conto primeiro publicado na coletânea Passagem para Júpiter, de 1971, demonstrando que a obra de ficção científica de Scavone teve papel na sua eleição, fato raro nas letras nacionais e honraria que apenas soma ao seu status de figura de proa na FC brasileira no século XX.

Neste trabalho, as diversas possibilidades temáticas em torno dos fenômenos provocados pela menina Ângela mantém uma tensão típica dos melhores contos fantásticos, mas Scavone reserva surpresas para o final, num texto lírico que revela a influência de Ray Bradbury, autor que fez a cabeça dos brasileiros que escreveram na década de 1960. A celebração do ato de imaginar se insere perfeitamente no conto de Scavone, que, na tradição da melhor ficção científica, nunca deixou de transmitir um senso de maravilhamento diante do universo e da vida. Scavone faleceu em 17 de agosto de 2007.

*O ato de imaginar é mágico. É uma encarnação
destinada a fazer aparecer o objeto
pensado, a coisa desejada, para podermos
nos apossar deles.*

— Jean-Paul Sartre

Os próprios pais não sabiam quando os sintomas iniciais apareceram. E o nome sempre fora, desde o começo, “perturbação”. Nem o primeiro médico, amigo da família, pela mão de quem Ângela viera ao mundo, nem os especialistas posteriormente chamados, jamais falaram em moléstia ou qualquer outro termo científico. Apenas e tão-somente “perturbação”, como se o eufemismo pudesse confortar os pais e proteger a menina da contundência de uma designação mais explícita.

Cinco ou seis anos após o nascimento de Ângela, o velho médico revolveu as fichas do seu arquivo, teve de contentar-se, nada achando de especial, apenas com as recordações. Como as lembranças eram comuns, não havia outra saída senão aceitar a completa naturalidade do parto de que nascera um bebê rosado e chorão como os outros, recebendo palmadas nas costas e irrompendo para a vida num alarido festivo que reboara pelos corredores como nota álacre ansiosamente esperada.

Mas, ordenando-se os fatos e as recentes etapas da existência de Ângela, certo acontecimento havia que poderia ser fixado como o início das “atribulações”. Só os especialistas anotaram essa ocorrência, tênue fio capaz de deslindar a meada. Fora num mês de outubro, no dia em que a menina completara cinco anos. E o que se anotara nas fichas? A festa, os amigos, os parentes, a casa de campo cheia de visitas, o bolo, as luzes, as cores, o vestido rendado da aniversariante e, por fim, a sua inesperada crise de choro, fechada no quarto, estirada na cama. Convulsão violenta, reação histérica, recusa em crescer, atitude anormal e injustificada que provocara a assistência médica e a primeira poção de sedativo que transportara Ângela ao profundo sono. A mãe, ainda

viva, impressionara-se com a transformação da filha, e contava, desfeita em pranto:

— Lembro-me muito bem. Foi em outubro, numa tarde fria e ventosa, no dia do aniversário dela. Não foi o seu choro que me impressionou, mas o seu olhar de ódio. Em lágrimas largada no leito, não queria que eu me aproximasse sequer. Tinha a expressão distante, longínqua, e quando fixava os olhos em nós era como se fôssemos desconhecidos.

Com o decorrer dos dias e dos meses, porém, o episódio do aniversário foi sendo esquecido e ninguém lhe deu mais importância.

Na verdade, talvez apenas se tratasse de um capricho de infante que defende seu universo da invasão de estranhos, uma crise de solipsismo num sombrio crepúsculo de outubro. Com certeza apenas isso, nada mais.

Já pelos seis ou sete anos as coisas foram se complicando. Introspectiva, como fechada numa redoma, Ângela convivia consigo mesma. Mal tolerava os familiares e os domésticos. Em relação aos outros parentes e estranhos manifestava incontrolável repulsa.

Quando morrera a mãe, ao tempo em que a menina completara oito anos, ela já organizara definitivamente o seu universo. Ilha remota no âmago do casarão cujos prolongamentos geográficos alcançavam a estrada e a alameda de cedros, não raro se espraiando pelas colinas das quais se divisava a cidade ao longe e a chaminé sempre coroada de fumo que assinalava a atividade da fábrica do pai.

Havia a governanta. A velha alemã, de compostura solene e andar rígido, impassível na aparência mas dedicada, aquela que lhe sugerira os primeiros devaneios com histórias de elfos e de fadas, de gênios e duendes que habitavam o lago escuro, que se escondiam pelas ravinas e que pelas madrugadas quentes saíam aos bandos em busca de vaga-lumes. Cenários estimulantes, eram nada e tudo ao mesmo tempo. Solidões geladas onde lobos uiva-

vam ou feudos tranqüilos onde princesas sonhavam com seus eleitos; nuvens rosadas que sustentavam castelos ou desertos onde ondulavam miragens. Os domínios da menina eram imensos, magicamente povoados. O que menos importava eram as bonecas, os coelhos de pelúcia, os cachorros ou gatos de feltro, ou o elefante enorme, cinzento, de sela encarnada, que respondia com um ronco todas as vezes que Ângela lhe puxava a argola implantada no dorso. Tais brinquedos não passavam de simulacros banais, réplicas fraudulentas de certa realidade desinteressante. Por isso ela os desprezava. Dispunha de algo superior que tornava inúteis as fábricas de brinquedos, a fortuna do pai ou mesmo as sugestões da governanta. E esse algo era — a imaginação.

Não precisava fechar os olhos, mas apenas recorrer ao tenaz impulso da sua vontade: e lá surgia o seu mundo. Quando as coisas começavam a delinear-se, a concentração aumentava, tornava-se imperioso continuar. Os olhinhos da menina se contraíam, fixavam-se com angústia no ponto visado: a clareira banhada por uma réstia de luz, o espaço vazio no lago em meio aos nenúfares, o caminho da encosta ladeado pelos abetos. Então as aparições iam se configurando. Primeiro, os contornos do urso, apenas o perfil; uma linha indecisa que não chegava a interromper a paisagem. Concentrando-se mais, o monstro aos poucos ia ganhando forma. O dorso acentuava-se, nascia a possante cabeça, delineava-se a boca hiante,* brotavam os dentes pontiagudos. Ângela sentia-se tomada por um calor intenso e estimulante que fazia brotarem miúdas pérolas de suor em sua testa delicada, nas palmas de suas mãos franzinas. Ria, ria alto, pois estava bem longe da governanta e podia divertir-se à vontade, esforçando-se para completar a figura daquele amigo ameaçador. Da goela escancarada do urso extravasava a saliva, as patas se elevaram, as garras exibiam-se ferozes, as pupilas destilavam sangue. Num esforço supremo a menina fazia com que a fera soltasse um urro bárbaro que, acentuando ainda mais o peso do animal, produzia estalos na vegeta-

* Escancarada, faminta.

ção debaixo de suas patas. No momento em que o monstro se aprestava para o golpe, ela cortava o fluxo da imaginação. A fera se diluía no espaço, deixando o solo intacto e a paisagem perfeita.

Nem mesmo ela sabia como chegara àquilo. Talvez a princípio só imaginasse flores. Acompanhada ou solitária, sempre lhe aprazia colher pelos campos tudo o que de belo encontrasse. Um dia, violetas. Sonhara com violetas, saíra a procurá-las. Jamais poderia encontrá-las naquela estação. Parara então junto ao lago, rente ao tufo de hortênsias, e se fixara no canteiro. Eis que nasceram violetas. Colheu-as, armou-as num pequeno buquê, arrumou-as no vaso e mostrou-as a todos. Mas como, violetas nesta quadra do ano? O jardineiro surpreendeu-se. Em que alfombra as achara? Ajustando os óculos o ancião abaixou-se junto às hortênsias sem nada encontrar. Depois, as rosas amarelas, as peônias azuis, os cíclames dourados. Ângela em breve descobriu que podia aperfeiçoar os seus poderes. Era muito interessante esse novo brinquedo, mas sob a condição de que permanecesse absolutamente secreto. Até então ela criara coisas de que gostava e que conhecia, o que equivalia a dizer — coisas que existiam, pois é razoável admitir-se que só existe o que se conhece. Ursos, gatos, cães, violetas e ciclomens, às vezes mesmo abusando do privilégio de que dispunha e se proporcionando o capricho de divertir-se ante um coelho encarnado ou um leão azul. Mas a partir de certa época descobriu que também podia criar coisas que jamais vira e que, portanto, não existiam.

Como experiência, o que produziu em primeiro lugar?

Saiu de casa às escondidas, procurou o recanto mais remoto do parque, onde nem mesmo o jardineiro costumava penetrar. Fixou todo o seu pensamento na rocha, começou a polarizar a própria vontade. Como sempre, os olhos se contraíram, o suor começou a escorrer, fortes vincos marcaram-lhe a face, tornou-se rubra. Os contornos imprecisos foram aos poucos eclipsando o rochedo. Concentrando-se ao máximo, Ângela se tornava agora lívida. Pronto. Ali estava o anão. Necessariamente grotesco, pri-

meiro a giba, depois as mãos longas, aduncas, a cabeça enorme, todo vestido de prateado, com um barrete verde que lhe emprestava certa histrionice medieval. Nisso, Ângela ouviu a voz do jardineiro chamando-a em altos brados. Apavorou-se, descontrolando-se. Sentiu o perigo que corria. O anão não era a violeta ou a rosa amarela. Era uma coisa que não existia, que atendera ao apelo de sua força interior. Tinha que proteger o filho de sua mente. Não desligou a imaginação aos poucos, mas abruptamente; e o resultado imprevisto foi impressionante: uma cabeça restou a gemer lastimavelmente, um pé se pôs a estertorar como um réptil, dois dedos gesticulavam no corpo morto como se pertencessem a um enforcado. O velho jardineiro pálido ao seu lado, depois a governanta, teriam visto o anão? A cabeça solta no espaço, os pés lagarteando na lama, os dedos bailando no ar?

Não, ambos não viram nada. O que viram, com estupor, foi o esgar que deformava a expressão da menina, o olhar repulsivo de quem teve um momento de gozo interrompido.

Depois, meses, estações, primaveras e invernos, outubros ventantes. O brinquedo e as experiências se aperfeiçoando sempre. Coisas estranhas nasciam agora da imaginação de Ângela adolescente. Criaturas débeis, delgadas, de olhos de um verde profundo; flores complicadíssimas cujos perfumes despertavam sensações inebriantes; anões e mais anões, sempre com as mesmas vestes prateadas e o mesmo ar atoleimado. E, às vezes, seres que nem mesmo imaginara: olhos imensos, destituídos de cílios e de pálpebras, que apenas lhe estendiam os braços e lhe sorriam, e cujos umbigos se assemelhavam a incríveis corolas.

Mas se dos bichos obtinha urros e ganidos; se com as flores conseguia perfumes, com as criações antropomórficas nada mais conseguia além das imagens. Apenas a presença, os gestos vagos e harmônicos, as expressões acentuadas de prazer, de surpresa, a adesão irrestrita aos seus convites ou insinuações, a absurda concordância aos seus mais ligeiros pensamentos. E era então um diálogo de silêncios, uma cabra-cega de surdos-mudos, um es-

conde-esconde inusitado onde risos e vocativos cediam lugar ao crisar de músculos, ao distender de lábios, ao cerrar de olhos, adesão completa mas silenciosa ao seu comando.

Ora, conforme receava, um dia o brinquedo terminou. Por certo, espionagem do jardineiro, delação da governanta; talvez um momento de descuido e fora pilhada pela fresta da porta, de uma janela entreaberta, uma falha da vegetação.

Ângela se lembrava. Primeiro um estranho, dias depois outro. Mais tarde, dois. Depois ainda outros e outros. E não só em sua casa, na cidade, na outra cidade, na cidade maior ainda. Dois, três, perguntas e respostas. “Como? Não sei, não entendi, o quê?” “Minha filha, responda, eles não vão fazer-lhe mal algum, querem apenas ajudá-la. Vamos, acalme-se, responda.”

Muitos olhos, muitas mãos, janelas sobre parques sombrios, cheios de pessoas que caminhavam de cá para lá, como num jogo sem sentido. Sentadas, em pé, em cadeiras que rodavam, deitadas em camas que se moviam. O branco, tudo branco, o cheiro desagradável de paredes recém-pintadas.

Por algum tempo tudo ficou longe. Mas Ângela sabia que não estava só, que alguma coisa havia dentro dela que lhe era superior, impedindo-lhe os delírios da imaginação. E mesmo quando pensava em seus amigos eles agora não apareciam, conquanto lhes sentisse a presença. Magicamente, num processo oposto tudo se inverteu. Se antes imaginava e via, nada entretanto ouvia. Agora, fiscalizada no palácio álgido, dava-se o contrário: imaginava mas não via, escutava e sentia. Não precisava das palavras do pai, das insinuações lentas e hesitantes dos estranhos. Falava sem dificuldade alguma. E, respondendo, via o assombro que se imprimia nos rostos que a cercavam. Tais respostas seriam suas? Tudo se tornava mais fácil, libertando-a de qualquer sensação de pavor. Sabia. Sabia firmemente: seus amigos agora falavam por seus lábios. Por que não? E era divertido observar o espanto que aquilo despertava em quantos pretendiam dialogar com ela.

Foi por essa época que um fato derradeiro se juntou às suas experiências.

Certa madrugada, encontrava-se sozinha, semi-adormecida no leito. A janela escancarada deixava entrar uma claridade tímida e o vento morno de outubro ondulava as cortinas que projetavam no quarto sombras fantásticas.

Fora um apelo? Um convite sussurrante? A brisa cálida da aurora? Um toque imperceptível de mão sobre seu seio nascente? Um comando descido do futuro ou uma súplica subida do passado?

Ângela levantou-se. O personagem estava debruçado no peitoril da janela. Os olhos do visitante faiscaram, salpicando as paredes de gotas de luz espectral. A criatura supraterrrestre flutuava. Seus membros eram compridos e leves e não se lhe distinguia o rosto cujas feições eram vedadas por um elmo transparente.

Ângela acompanhou-o, fascinada. Sobre o parque adormecido viu os círculos brilhantes e concêntricos. Discos ordenados entre si como se fossem gemas de uma jóia rara. A neblina rosada, o rodopio estonteante, a ciranda endoidecida crestando as folhas verdes, vencendo a brisa de outubro, gerando uma pequena aurora dentro da aurora maior.

A derradeira estrela recolheu o seu brilho, a última e a mais próxima, como pupila que se fecha, como lampadário que se exaure, como farol que ante a fuga da treva desliga seu facho, certa de que a mensagem fora captada; esperando tranqüila, agora, que a exilada socorrida viesse ter segura ao porto de origem, cessado o pesadelo de seu desterro.

O VISITANTE

MARIEN CALIXTE

Como último “conto praiano” deste volume, temos um texto premiado do capixaba de coração (pois nascido no Rio de Janeiro), Marien Calixte, autor da coletânea *Alguma Coisa no Céu* (1985), com cinco histórias de tema ufológico, ilustradas por Wagner César Veiga. (A segunda edição, revista e ampliada, da coletânea saiu pela Ficção Científica GRD em 1995.) “O Visitante” foi um dos classificados no Concurso Fundação Espírito Santo, e apareceu pela primeira vez na revista *Ficção* nº 14, de fevereiro de 1977, então editada por Cícero e Laura Sandroni, Eglê Malheiros, Salim Miguel e Fausto Cunha, o crítico e autor de *FC*.

Nascido em 1935, Calixte, um radialista especializado em jazz e um dos principais expoentes do haikai no Brasil, possui uma das prosas mais elegantes dentre os nossos escritores de ficção científica. Ultimamente, sua produção de contos tem pendido para a *fabulation* — textos absurdistas que apontam para a impossibilidade da literatura mimetizar a realidade —, como testemunha seu último livro de histórias, *Contos Desiguais* (2005). Por outro lado, *Herança do Vento* (2006), reunião dos seus poemas haikais, é testemunho da economia e força do seu lirismo.

“O Visitante” apresenta uma espécie de contato “não oficial” com alienígenas, e por isso pode ser classificado como uma FC ufológica, assim como o angustiante “Engaiolado”, de Cid Fernandez, também neste volume. O conto de Calixte é um trabalho típico da revista *Ficção* e do boom do conto dos anos setenta, a começar pela “erotização que se espalhava por tudo, especialmente pela linguagem”, como Miguel Sanchez Neto assinalou. Neto também observa que um dos princípios da *Ficção* era buscar “uma literatura que recriasse a realidade brasileira. . . Nela o leitor encontrava textos literários e retratos dos problemas nacionais”, e é fácil reconhecer a crônica de uma comunidade pobre, nesta narrativa de Marien Calixte. Na corrente que ele representa, a rejeição ao regime e à tecnocracia associada a ele se manifesta numa crônica da pobreza. De estilo muito elegante e evocativo, traz a marca do “sonho brasileiro” da vida simples e despreocupada, do desejo de harmonia e paz. No conto, o estrangeiro é bem recebido e seu papel é transforma-

dor e positivo. Também foi publicado na Itália (na tradução de Alguma Coisa no Céu, com o título de Sulla pietra dai due Occhi) e na Alemanha, em 1996 pelas Matzner Editions.

Rosa sabia quando ele chegava. O portão fazia um leve ruído, ouvia os passos de som correto calcando o barro e a porta da frente se abrindo silenciosamente, como por encanto. A casa de Rosa situava-se num barranco perto da praia, cercado pelo mato rasteiro e uma árvore, onde se abrigavam cães vadios. A casa nunca tivera cerca e portão.

Já se passara um bom tempo desde que o estranho visitante aparecera pela última vez. Em seu solitário silêncio Rosa perdoava-o, imaginando que ele estaria muito atarefado, cumprindo sua missão em outros lugares.

A última noite em que ele apareceu Rosa se lembrava de cada detalhe, com excitante precisão. Nenhuma diferença das outras vezes, a igualdade elaborada pela mágica da noite. O ruído do portão, os passos chegando à beira da sua cama. Ele ficava ali de pé, com seus grandes olhos boiando na escuridão. Diante da figura do visitante, Rosa permanecia quieta e obediente, enquanto ele movia as mãos como se fosse um mágico. Depois deitava seu corpo morno sobre o dela, como se estivesse aquecido para aquela ocasião. Executava sua tarefa com a perfeição de alguém cheio de confiança e orgulho.

Rosa se recordava com prazer do cheiro bom de alfazema que recendia das axilas do visitante. Quando chegava a esse detalhe, excitando-se até o riso nervoso e tímido, dedicava-se a pensar na surpresa da próxima visita dele. O povo de Conceição da Barra falava de um vento forte que passara pela vila, levantando a areia, vergando as árvores e arrepiando a palha dos barracos. Alguém já comentara a respeito de uma bela luz que descera do céu. Ela não entendia o que o povo dizia e nenhuma outra preocupação ocupava sua mente. Rosa até se ria baixinho do povo da vila e pedia a Deus que o seu amável visitante noturno nunca dividisse o cheiro bom de suas axilas com as mesquinhas mulheres que conhecia.

Passaram-se dois anos desde que morrera o marido de Rosa. João era o seu nome. Pescava para viver. Numa manhã sem sol e com o vento solto como doido, saiu ao mar sem volta. É certo — pensava ela —, João fora um marido como qualquer homem de sua natureza pode ser para uma mulher, quando se vive das possibilidades da natureza.

O grande mar era o seu perigoso ganha-pão. João carregava um forte cheiro de cachaça, sempre nervoso como um peixe ferrado no anzol.

Rosa lembrava-se disso ao comparar João com o seu vigoroso amante; arrepiando-se só em pensar no cheiro bom de alfazema e no ritmo silencioso que o visitante fazia sobre seu corpo, magoando-a de prazer. No seu íntimo ela sabia que gostava mais do incerto visitante, de quem guardava a imagem dos grandes olhos, como não vira ainda em homem algum.

O RUMOR DO CORPO

Uma língua de fogo lambendo o corpo e abandonada na pequena cama, Rosa descobrira uma nova expectativa durante o passeio das mãos sem rumo pelo corpo nu. A saliência em sua barriga denunciava algo mais do que seu corpo. Depois dessa noite, a lua moveu-se por todo o céu e o mar levou a areia para muitas direções. Solitária, gemendo e suando como um animal, Rosa deu à luz uma criança. A vila toda correu para ver Rosa e seu filho. A casa se inundou de gente. No barro, muitas marcas de pés se misturavam e o mato rastejava sob o vaivém dos curiosos. Todos queriam conhecer o feito materno que o pranteado João não permitira à mulher, durante os quatro anos em que viveram sob aquele mesmo teto. Na casa que João construía, Rosa agasalhava agora um menino, deitada sobre o colchão de palha, coberta por panos descoloridos.

O filho de Rosa tinha os cabelos dourados. Sobre a sua cabeça parecia que se derramara ouro. A pele clara e brilhante do pequeno e expressivo rosto destacava os grandes olhos azuis. Rosa preservou um silêncio de encantamento, enquanto ouvia as mulheres perguntando, entre si, como se dera aquela extraordinária maternidade.

Passados os primeiros dias do azáfama na vila, o enxame de suposições entrou em agonia. A casa de Rosa perdeu o intenso movimento, ninguém mais se embarafuscava por ali. Em busca de trabalho, Rosa abandonou a cama, deixando o menino de grandes olhos azuis e cabelos dourados, como um príncipe de algum conto de fadas que ela jamais lera.

Rosa jamais carregava seu filho, com receio de mau-olhado. O menino cresceu forte, sem sofrer qualquer doença, despertando a inveja das mulheres que caçoavam dele e de sua mãe. Ele nunca chorava, tinha sempre a aparência saudável, despertando os sussurros da ma-

ledicência. Seu nascimento chegou a ser atribuído a um milagre de Nossa Senhora dos Navegantes, porque o marido de Rosa morrera no mar. Mas a atribuição do milagre logo perdeu a graça, em meio à trama de todas as tardes, nos bares da vila, onde entre copos de cachaça, risos e cusparadas, falava-se sem parar do filho bonito de Rosa, quem seria o seu pai e de onde viera.

Os homens tentaram se aproximar de Rosa, empurrados pelo volúvel instinto masculino. Ela mantinha-os bem longe, com resistente desinteresse. Alguns deles, com a imaginação favorecida pelo álcool, chegaram a dizer que haviam dormido com Rosa. Mas pouca era a sua convicção. Assim, a maternidade da mulher do falecido João tornava-se cada vez mais forte na imaginação de todos.

Rosa quase perdera na memória a última noite que ele viera. Permanecia em sua lembrança o cheiro de alfazema e os sons dos passos, latejando em seus ouvidos, esperando a cada noite pelo visitante, num ritual de paciência, como quem acompanha os movimentos de uma planta que nasce. Sua vida continuava tranquila como um rio em leito de barro liso.

Cresceu depressa o filho de Rosa, mais que qualquer criança de sua idade. Sem nunca ter ido à escola, indiferente ao mundo, desenhava estranhos traços na areia da praia. Jamais falava, dedicando todo o seu tempo a ficar sentado sobre as pedras da praia com os pés enfiados na areia e os olhos fixos no horizonte. À noite, passava as horas contemplando o céu, como uma estátua fincada no chão. Nessas ocasiões, olhava demoradamente para as mãos, como se elas contivessem algum segredo. Rosa se punha de longe a admirá-lo, aquecida pelo convencimento de ser a mãe daquele extraordinário jovem, cujo corpo ia cada vez mais se assemelhando ao seu amado visitante. Alimentada pelo devaneio, deixava-se corromper pela inércia e promovia o seu tempo nessa lenta fixação.

O filho de Rosa vivia à distância da curiosidade da vila e dele já se contavam algumas histórias. Dizia-se que um pescador, que o tentara agarrar na praia, desaparecera no mar. Alguém era capaz de jurar que teria visto o filho de Rosa jogar o homem para além das ondas com apenas um gesto de mão.

O CALOR DA NOITE

Na casa de Rosa só havia uma cama, a mesma que o falecido João fizera sonhando com ela. Mas isso fora há muito tempo. Pobreza e preguiça juntaram Rosa e seu filho no mesmo calor, sem dizerem qualquer palavra. À noite contemplava-o enternecida, enquanto ele, deitado de costas, permanecia com os olhos fixos na frágil cobertura da casa, como se ainda estivesse vendo o céu que todos os dias apreciava na praia, por longas e silenciosas horas. Rosa aquecia o corpo à espera do visitante, corroída pela saudade e as vibrações do desejo. Envolvida pela lembrança do cheiro de alfazema, Rosa concedeu o prazer de seu corpo ao filho.

Os gestos foram simples. O corpo do filho sobre o seu lembrava-lhe o visitante. A memória de Rosa rondava a lembrança da inesperada felicidade que surgira em sua vida, desde que ouvira, pela primeira vez, o ruído do portão se abrindo e os passos de som correto chegando à beira da sua cama.

O filho de Rosa adotou um novo hábito. Já não passava todo tempo na casa com a mãe. Saía sem fazer ruídos, consumindo o dia e a noite na quietude conivente da vila, ampliando seu próprio mistério.

Outras luas e marés se moveram até que Rosa ouviu falar de várias mulheres que deram à luz belas crianças de pele muito alva e olhos azuis. Na vila ferviam os boatos, enquanto Rosa permanecia confinada ao silêncio determinado por sua quieta alma. Para ela todas as coisas eram vãs e alheias, nada poderia mudar o altivo tédio do seu coração.

Rosa foi visitar cada uma das mulheres que tiveram estranhos filhos. Notara, em seus rostos, uma inusitada felicidade. Rosa compreendia tudo isso.

O ar da vila recendia a alfazema. Era todo o encanto possível que o mundo reservara para ela.

A MORTE DO COMETA

JORGE LUIZ CALIFE

O futuro de consenso reaparece neste conto de Jorge Luiz Calife, que foi publicado com o título de “Viagem ao Interior do Halley” na revista Playboy de dezembro de 1985, ano em que Calife surgiu como o mais novo nome da FC brasileira, depois que Arthur C. Clarke atribuiu a ele a inspiração para a sequência do seu clássico 2001: Uma Odisséia no Espaço. Calife é o autor mais de uma dúzia de contos publicados em revistas e antologias, além da trilogia “Padrões de Contato”, composta dos romances Padrões de Contato (1985), Horizonte de Eventos (1986) e Linha Terminal (1991), este último um vencedor do Prêmio Nova de Ficção Científica. Sua primeira coletânea, As Sercias do Espaço (2001), trouxe uma maioria de histórias inéditas e recebeu o Prêmio Argos 2002 (do Clube de Leitores de Ficção Científica). O autor também vem se dedicando à divulgação científica, com os livros Espaçonaves Tripuladas: Uma História da Conquista do Espaço (2000; escrito com Cláudio Oliveira Egalon e Reginaldo Miranda Júnior), e Como os Astronautas Vão ao Banheiro? e Outras Questões Perdidas no Espaço (2003). Produziu para a Editora Record três livros infantis para a coleção Ciência Divertida.

A prosa de Calife e sua abordagem da FC lembra muito às de Clarke — com um texto que é ao mesmo tempo polido e objetivo, lírico e fiel às especulações da ciência. Também publicado na França (na revista semiprofissional Antares), com o título de “Por l’amour d’une comète” (“Por Amor de um Cometa”), e na brasileira Quark em 2001, com o título originalmente pretendido pelo autor, este “A Morte do Cometa”, pode ser visto como crítica à banalização de tudo o que é cósmico e por-

tanto transcendente, ao projetar para o futuro e para o espaço as atitudes do nosso tempo.

Como as pessoas e os seres vivos, os cometas também passam por seus dias de glória e morrem. Talvez porque sejam tão belos, e como todas as coisas belas possuam aquela qualidade onírica das ilusões, que se esfuma como névoa ante uma luz mais forte.

No caso do Halley, a beleza durara muito tempo. Tempo suficiente para torná-lo parte da história do homem, embora, na maneira como as estrelas contam o tempo, ele também fosse breve como a beleza de uma mulher ou a consistência de uma gota de orvalho.

Sabíamos que ele ia morrer um dia, com sua substância drenada para embelezar o Sistema Solar, uma vez a cada setenta e seis anos. Mas, como cada geração que se sucede no fluxo do Tempo, gostaríamos de pensar que fosse eterno.

Fizemos o possível para salvá-lo desde aquela sondagem fatídica do ano de 2327, quando a humanidade vira pela primeira vez o núcleo em processo irreversível de fragmentação. Um testemunho desses esforços fora a Fundação para a Preservação do Halley, estabelecida em 2370.

Acho agora que o sacrifício de Sílvia e o meu sacrifício vão coroar esses esforços, embora a maneira como os acontecimentos se desenrolaram dificilmente pudesse ser prevista.

Sabíamos que não podíamos salvar o Halley. Não no sentido de manter para as gerações futuras o espetáculo que nossos ancestrais tinham presenciado, e que levara o famoso astrônomo do século dezesseis a descobrir a verdadeira natureza dessas aparições celestes.

Era essa a importância histórica do Halley que levara a Fundação a gastar milhões de créditos tentando salvar a velha montanha de gelo. Os esquemas mirabolantes tinham se sucedido nas pranchetas dos desenhistas, mas muito pouco de concreto pudera ser tentando.

Deter a desagregação do núcleo era eliminar a fonte dos gases que produziam a cauda do cometa em cada passagem pelo Sol, de modo que salvar o coração do Halley seria matar sua beleza. Pode-se salvar uma flor fazendo-a murchar ao mesmo tempo?

Ainda assim partimos para tentar. O Patrimônio Histórico da Terra e a Fundação Halley de Selene tinham nos mandado, Sílvia e eu, à bordo do veículo fotônico *Ariadne* em uma missão que se revelaria suicida. E por alguns momentos conquistamos a breve celebridade do videorama.

ÓRBITA DE ESTACIONAMENTO

Houve um artista do passado, não me lembro bem do seu nome, acho que o seu pensamento sobreviveu à sua obra. Ele disse uma vez que um dia todos os homens poderiam ser famosos durante um minuto.

Eu e Sílvia começamos ficando famosos durante dezoito minutos e vinte e dois segundos, tempo em que entramos na rede para todo o Sistema Solar.

Estávamos no programa de maior audiência dos dezoito mundos habitados: *O Sistema Solar Hoje*, apresentado por Luciana Villares. Uma jovem mulher que, por acaso, era bela como um sonho e tinha um dos melhores textos da teleimprensa.

Com aquele rosto lindo, emoldurado pelos cabelos negros como o espaço lá fora, ela olhou para os milhões de telespectadores, como se cada um deles fosse aquele amigo de infância que chegara para visitá-la, e mandou sua voz suave e aveludada pelo universo afora, através das teias luminosas dos canais *laser*.

— O programa de hoje nos levará a milhões de quilômetros pelo espaço até o veleiro *laser Ariadne*, em missão de resgate do célebre Cometa de Halley. Hoje pela manhã eu gravei uma entrevista com o jovem casal de tripulantes à bordo da vela, em fase final de interceptação, dentro da cauda do cometa. Minhas palavras levaram dezessete minutos para alcançá-los e um tempo

equivalente se passou antes que suas respostas pudessem ser gravadas aqui no estúdio. Esse intervalo, entretanto, foi eliminado pela edição.

Corte para Sílvia e eu, tentando parecer o mais fotogênicos possível em meio ao *design* interior do Emecont.

— Astronauta Henrique Freitas, pode explicar para nós, em poucas palavras, o perfil a missão Fênix?

— Pois não, Luciana. Partimos da órbita de Selene com impulso inicial fornecido pelo *laser* em Plutão. Entramos em órbita elíptica em torno do Sol, ajustada mediante deriva no vento solar para encontro com o núcleo do Halley. Essa fase foi terminada com sucesso e passamos agora aos objetivos da missão.

— O nome *Ariadne* tem algo a ver com a estrutura da nave?

Sílvia responde a essa pergunta:

— Talvez a associação com os fios e linhas que unem nossos quatro módulos, um no centro e três nos vértices de nossa vela triangular. *Ariadne* é uma estrutura tão frágil quanto uma teia de aranha e não poderia ser de outro modo. Somos movidos pela pressão de radiação da luz.

Corte para um diagrama simplificado do veleiro. Sílvia fala em *off*.

— Temos basicamente uma folha de tecido aluminizado com algumas moléculas de espessura, estendida entre os três módulos principais: o módulo de controle ou Emecont, o módulo científico ou Emecê e o módulo de engenharia, Emeg na nomenclatura de bordo. Nosso computador encarrega-se de velejar essa estrutura frágil como uma bolha de sabão, fazendo na vela ajustes moleculares que nos permitem mudanças de velocidade e órbita.

— Obrigada, Sílvia. Você será a pessoa encarregada de colocar as cargas nucleares para mudar a órbita do cometa, não?

— Exato. Quando tivermos uma órbita de estacionamento determinada, vamos parar *Ariadne* numa região menos turbulenta atrás do núcleo, e eu sairei com Henrique no módulo de excursão.

— Espera algum problema quanto aos gases na cabeleira do cometa?

— Não, de modo algum. A coma é muito tênue ainda. Nossa maior preocupação é manter uma aproximação lenta, para que a vela não seja danificada pelas partículas de poeira que formam uma tempestade flutuante perto do núcleo. Várias naves foram danificadas ao voar dentro de cometas, a começar pela *Giotto*, em 1986.

“Não esperamos levar mais do que algumas horas para posicionar as cargas perto da massa principal do núcleo. Essa massa já foi aglomerada e coagulada pela expedição anterior. Usamos ogivas de nêutrons que produzem o empurrão adequado. A detonação mudará a órbita do Halley para que seja capturado pelo campo gravitacional da Terra.”

— O diagrama que estamos mostrando indica como o núcleo do Halley será levado para um dos pontos de Lagrange do sistema Terra-Lua. É aí que entra a terceira fase da operação.

— Certo, Luciana. Um escudo especial será posicionado entre o núcleo gelado e o Sol: uma sombrinha gigante que manterá o Halley num eterno eclipse. Com isso evitaremos sua destruição pelo calor do Sol.

Luciana volta a ocupar a tela.

— Como todos sabem, o destino do Halley motivou uma disputa política entre a Terra e as colônias externas. Principalmente Porto Eros, em Caronte, cujo governo afirma sua jurisdição sobre o cometa como parte integrante da nuvem de Oort. A divulgação de boatos sobre o interesse da Corporação Norland em usar o núcleo do Halley como matéria-prima para suas indústrias em Plutão gerou tantos protestos que a questão parece decidida, por hora, em favor da Terra. O que vocês pensam disso?

— Esta é uma questão política, que você resumiu muito bem, Luciana. Nós, do Corpo Espacial, gostamos de deixar a política para os políticos e ficar com a ação, onde quer que ela esteja.

Imagem do estúdio. Luciana Villares exhibe novamente seu

charme e beleza para todo o Sistema Solar, olhando-nos de forma levemente zombeteira.

— Acho que a grande pergunta, na cabeça de todos, é: como evitar que a detonação das cargas para mudar a órbita do cometa reduza o núcleo outra vez a um aglomerado de fragmentos dispersos?

A pergunta é para Sílvia.

— Estamos usando cargas direcionadas com uma liberação de energia calculada tendo em vista a forma e as falhas estruturais do núcleo. Não há margem para erros.

Será que Sílvia pensou nisso, no seu último segundo de vida? Acho que ela nem teve tempo.

A TERRA DAS FADAS

Os antigos diziam que os cometas davam azar. E agora eu acho que eles, afinal, tinham razão. Para nós dois o Halley deu um azar mortífero.

Nos telescópios do mundo inteiro o Halley era como um jato de esperma luminoso, ejaculado por algum deus grego para fecundar o universo. Mas para nós, que estávamos dentro dele, a cauda e a cabeleira eram praticamente invisíveis. Apenas um halo nebuloso em torno das estrelas mais brilhantes indicava estarmos mergulhados num gás de baixíssima densidade. Deixamos o *Ariadne* flutuando na sombra do núcleo e partimos, eu e Sílvia, na pequena lancha de desembarque que tínhamos batizado de *Teseu*, porque sempre achava seu caminho de volta pelos fios de *Ariadne*.

Vista de longe, nossa imponente espaçonave parecia um triângulo de escuridão delineado pelas estrelas, esperando que o Sol surgisse para transformá-lo em espelho cintilante, navegando em seus ventos de prótons.

Sílvia reduziu nossa taxa de aproximação e o núcleo do Halley virou uma montanha escura, subindo ao nosso encontro. A

gravidade era quase inexistente e os fragmentos soltos flutuavam ao nosso redor — uma nuvem de flocos de neve pretos e estilhas de gelo com tamanhos variados. Alguns batiam no módulo e ricocheteavam, rodopiando no espaço.

Tínhamos sete cargas explosivas para colocar em pontos determinados e marcados pelas sondas automáticas. Assim nos separamos, Sílvia e eu, de modo a terminar o trabalho no menor tempo possível.

Nossos trajes espaciais eram como uma segunda pele ajustada ao corpo, com capacetes anatômicos e uma musculatura biônica a cobrir nossos corpos naturais, amplificando nossas forças. Com isso, não nos cansávamos como os antigos astronautas. Mas lembro que olhei por alguns instantes para a silhueta feminina de Sílvia, girando como uma bailarina de G-zero, sob o impulso dos minijatos expelidos por botões em suas pernas e braços.

Coloquei a primeira carga e me encaminhei para o segundo ponto no lado voltado para o Sol. Foi lá que encontrei a “terra das fadas”. Enquanto a cabeça do cometa girava e as camadas de gás congelado iam se sublimando para o espaço, surgiam formas estranhas, bizarras, mas não sei exatamente que fator de congelamento ou vaporização criara aquele canteiro de formas cristalinhas, eriçadas como esculturas de coral, no fundo de uma depressão de gelo cianogênico.

MORTE NO COMETA

Só sei que era uma coisa tão linda e tão efêmera que eu perdi algum tempo admirando aquelas formas que logo desapareciam sob a luz do Sol. Acho que foi isso que salvou minha vida.

Eu disse “salvou”? Perdão, diário, não é verdade; apenas adiou minha morte.

Terminei de colocar meus artefatos nucleares e chamei Sílvia pelo comunicador. Ouvi ela praguejar e perguntei o que estava acontecendo. Ela me disse que tinha problemas com o detonador

de sua última carga.

Os detonadores desses explosivos são peças de equipamento tão sofisticado que não se espera que alguém penetre em seus segredos, fora de um laboratório cibernético. Falei com ela que esperasse e me dirigi para sua posição. Acho que ouvi ela dizendo alguma coisa como “o código de acesso não confere” e pude vê-la agarrada à superfície de gelo lá embaixo, como uma espécie de mulher aranha.

Pedi que esperasse enquanto eu buscava um novo detonador e flutuei na direção do *Teseu*.

Acho que tinha atravessado uns 500 metros quando a vela do *Ariadne* se transformou num triângulo de luz cegante, e o universo ao meu redor sumiu numa bolha de luz colorida.

A estática de pulsação termonuclear EMP deu um estouro em meus fones de ouvido, deixando-me momentaneamente surdo. Meus olhos ardiam e eu sentia um calor muito forte em meu rosto.

Quando consegui enxergar de novo, estava flutuando sem controle, além do módulo de excursão. Procurei o núcleo do cometa e Sílvia, enquanto tentava recuperar o controle de altitude do traje.

Sílvia se fora, vaporizada pelo impacto da explosão. No lugar onde ela estivera havia uma região oval em que a superfície de gelo fora desintegrada, formando um vulcão de gases que se projetavam no espaço num longo penacho.

Na hora, achei que tinha tido sorte, sorte de não ter sido atingido por nenhum dos fragmentos de matéria sólida expelidos para o espaço. Então senti a primeira ponta de enjôo e compreendi que não tivera tanta sorte assim.

Quando consegui voltar ao *Ariadne*, descobri que meu traje estava muito chamuscado pela energia radiante da explosão que consumira Sílvia. Na distância em que eu estava, nem todo o isolamento daquela pele plástica fora suficiente. Não sei a quantidade exata de raios gama e nêutrons rápidos que peguei, mas sei que peguei o suficiente. Posso senti-los em cada fibra do meu corpo.

Se eu estivesse na Terra ou em qualquer um dos hospitais orbitais, acho que ainda teria uma chance. Mas o socorro médico mais próximo está a uma semana de viagem, e eu não tenho tanto tempo assim.

Olho para a Terra e para o olho de rubi que nos impulsionou desde Selene. É lá, na cidade-anel circulando o globo, 36 mil quilômetros acima do Equador, que está o controle da missão. O dever sugere que eu posicione o favo cristalino do emissor *laser* e mande algum tipo de mensagem para eles. Mas acho que este diário gravado vai servir de bilhete de adeus para todo mundo.

Não vou esperar pelas cólicas e vômitos. Quando esta gravação estiver terminada, vou lá fora, faço minhas pazes com o universo e arranco o selo do traje.

Por favor, não me mandem flores. Se não conheci o amor em vida, não quero tê-lo na morte.

O computador de bordo já disparou todas as outras cargas, tentando corrigir a trajetória louca que aquela explosão acidental provocou. Mas foi inútil.

Os dados que chegam à central lógica indicam que o Halley não vai mais se fragmentar no calor do Sol. Mas também nunca mais vai brilhar nos céus da Terra, qual risco de aerógrafo sobre o firmamento.

Está numa trajetória de escape para as estrelas e, se for visto novamente, não será sob o brilho dourado do Sol.

Acho que há algum tipo de justiça poética em tudo isto. Não estávamos contentes em domesticar o velho cometa. Tínhamos que aprisioná-lo no portão de casa, colocar uma coleira em seu pescoço e tratá-lo como um cachorro de estimação.

Ah, velho Halley, você se rebelou contra tudo isso. Disse adeus ao mundo dos homens e partiu para um exílio eterno.

EPÍLOGO

Luciana Villares em editorial para *Teletexto*:

— Um ano já se passou desde a trágica morte do casal de astronautas encarregados da missão de resgate do núcleo do Halley. Não obstante, parece que muita coisa ainda resta para ser revelada a respeito do controvertido Projeto Fênix. O destino final do Cometa de Halley não precisa aguardar, entretanto, o resultado de nenhum inquérito. Pode ser determinado a partir da simples leitura de uma carta formal de protesto enviada pela Comissão de Patrimônio Histórico da Terra à Corporação Norland, em Júpiter.

“A cabeça ou núcleo do Halley, revela essa carta, foi interceptada além da órbita de Netuno por uma usina processadora volante, e prontamente reduzida a seus elementos constituintes. Os processadores de matéria da Norland têm muita fome de carbono, hidrogênio e oxigênio, e o núcleo do Halley tinha um bilhão de toneladas desses elementos, principalmente na forma de água e neve carbônica.

“Assim, na próxima vez que vocês comprarem cosméticos, pintura corporal ou ração para cães e gatos da Corporação Norland, prestem seus respeitos ao velho Halley e aos dois seres humanos que morreram, inutilmente, tentando salvá-lo.”

MESTRE-DE-ARMAS

BRAULIO TAVARES

Um dos mais respeitados autores brasileiros de ficção científica, Braulio Tavares venceu em 1989 o Prêmio Caminho Ficção Científica, concurso promovido pela maior editora de Portugal, com o livro de contos A Espinha Dorsal da Memória, publicado na coleção Caminho Ficção Científica naquele ano e agraciado com o Prêmio Nova de Melhor Livro de Ficção Científica no ano seguinte. O livro traz contos avulsos de FC, fantasia, horror e fantástico literário na sua primeira parte, e uma sequência de histórias interligadas com certa continuidade de situações — o que no campo da FC se costuma chamar de “fix-up” —, na sua segunda parte. “Mestre-de-Armas” faz parte desse fix-up, e recebeu o Prêmio Nova de Ficção Científica para Melhor Ficção Curta, em 1990.

A segunda coletânea de Tavares chamou-se Mundo Fantasma (1994) e seu primeiro romance, A Máquina Voadora: História do Sapateiro Gamboa e de sua Maravilhosa Máquina de Voar (1994). Em 1999, publicou o livro de poemas O Homem Artificial.

No século XXI ele tem se dedicado a organizar antologias para a Editora Casa da Palavra, do Rio de Janeiro: Páginas de Sombra: Contos Fantásticos Brasileiros (2003), Contos Fantásticos no Labirinto de Borges (2005) e Freud e o Estranho: Contos Fantásticos do Inconsciente (2007), todas muito bem ilustradas por Romero Cavalcanti. Seu conto mais recente foi publicado em Ficção: Revista de Contos nº 15 (2006).

“Mestre-de-Armas” é outra narrativa com um quê de New Wave — movimento que esteve em voga de meados da década de 1960 até a primeira metade da década de 1970, na Inglaterra e Estados Unidos — na sua evocação do mítico e na desconstrução irônica da glória militar e da expansão humana no espaço, tema tão caro à FC da Golden Age. Sobre ele o premiado escritor Nelson de Oliveira disse: “Esse conto, admirável como os de José J. Veiga e Samuel Rawet, merece constar de qualquer antologia dos melhores contos brasileiros, dentro e fora da FC.”

Eu abri meus olhos, e vi meu rosto pela primeira vez. Essa imagem sumiu e surgiram vários homens, vestindo uniformes diferentes apenas na cor; esses homens colocaram a primeira estrela em meus om-

bro, a estrela de Instrutor. Disseram que meu corpo estava aprovado, que tinha mostrado em si o pulsar forte da verdadeira vida; e que agora estava na hora de me ser dada uma alma. Puseram-me numa cabine e ali fiquei durante um tempo que me pareceu sem fim, um tempo que quando mais se estendia mais se alargava; liguei-me às máquinas que tinham, e eram muitas e belas. Através daqueles microssensores cavaleguei uma horda de almas que julgavam me cavalgar; retornei a algumas para examiná-las melhor; escolhi uma, marquei seu código, recebi-a.

Depois fui à presença de um homem que me apertou a mão e disse: "Sou Escudeiro do Mestre-de-Armas. Um Mestre-de-Armas comanda dez Escudeiros como eu e dez Instrutores como tu. Cada Instrutor tem uma nave para si, com quinhentos Combatentes, e essa nave é administrada por um dos Escudeiros. O Mestre se teleporta entre essas dez naves; está praticamente presente em todas o tempo inteiro. Um Instrutor é um Combatente como tu, que se destacou entre os outros, e que antes de partir para o Duelo dirige os testes de um outro grupo. Um Mestre-de-Armas é um Instrutor que foi tornado imortal, por merecimento. Pode ser o teu caso. . . Só vai depender de ti."

Levaram-me a uns aposentos. O armário estava cheio de uniformes diferentes; examinei-os todos, eram feitos sob medida para mim. Corri a porta do armário de alimentação: as etiquetas e os rótulos que vi me despertaram uma boa Memória; não me ocorria nenhuma imagem ou fato, mas brotava uma boa sensação. Deitei-me naquela cama, estirando as pernas, as mãos cruzadas na nuca: o teto era um céu estrelado, um céu de verão onde as estrelas eram estrelas avistadas por olhos míopes, estrelas cheias de raios, e não aqueles pontos cuja única vantagem é a nitidez. . . As frases terrestres me vinham de jorro ao pensamento, fui me acostumando. E, como se fosse pouco, havia umas palhas de coqueiro a compor o quadro, farfalhadas por uma brisa tropical. . . Eu gostei de pensar isto: farfalhadas por uma brisa tropical. E nuvenzinhas brancas. Estendi o braço e toquei no teclado desenhado na parede, troquei aquilo pelo céu de uma tempestade no Ártico; depois por uma manhã nublada com gaivotas em voo rasante; depois por um crepúsculo com vários sóis. Isso me encantava, porque era meu primeiro dia após receber minha alma terrestre; mas fui ficando cansado, desliguei o teto, adormeci pela primeira vez, e foi ainda mais estranho que acordar.

*

Estavam todos ali à minha frente, à frente do palco de onde os olhávamos: eram cinco blocos de Combatentes, em dez por dez. O Escudeiro, ao microfone, descreveu o funcionamento da nave, os meios de locomoção em seu interior, o sistema interno de comunicações, as áreas de exercícios, a organização dos alojamentos e dos refeitórios. O Escudeiro era também terrestre. No instante em que pensei isto outro pensamento se apresentou, informando: "Todos os Escudeiros o são." Essa era a Memória Informativa, que faz parte da alma que recebi, e só surge quando necessária. Já a Memória de Sentimentos surge independentemente de precisarmos dela ou não. A energia-em-ida das ideias, a quem é preciso caçar; e a energia-em-vinda das emoções, contra as quais convém se proteger. Pensei estas frases e fiquei sem saber se de fato as pensara, ou se era mais Memória. Tanto faz. Agora, tudo quanto faz parte de mim sou eu.

Eu também sou terrestre de corpo, e a alma que recebi era terrestre. Olho os batalhões enfileirados em dez por dez: pelo menos dois terços são também terrestres, e o resto se compõe de humanoides de várias raças. É preciso, no entanto, considerar terrestres todos eles; um terrestre não é quem é feito com células terrestres, ou quem nasce na Terra. "É quem luta pela Terra", conclui o Escudeiro. Todos batem forte com os pés no chão, esquerdo-direito, esquerdo-direito. Sinto um arrepio no corpo inteiro; eu conhecia aquele som, eu já tinha sido Combatente.

Depois, no quarto, conferi as informações sobre eles. Eram trezentos e setenta e três terrestres e cento e vinte e sete humanoides; entre os terrestres, duzentos e dois homens e cento e setenta e uma mulheres. Cada um era o produto de espermatozoides e óvulos recolhidos aleatoriamente no Banco de Tipos, seguindo-se então um processo de *vita in vitro*, nascimento, educação e vida-em-horda. Quando completam quinze anos, um novo sorteio decide se serão Combatentes e deverão subir até aqui, até às naves.

Em minha segunda noite não durmo; ocorre-me que me assemelho ao vampiro, um ente mítico terrestre que, segundo a lenda, jamais dormia. Enquanto os Combatentes dormem em seus alojamentos com o corpo ligado aos microsensores, eu também ligo meu corpo aos meus e começo a passear por todos, detendo-me em cada um por vez, sem lhe saber o rosto, sem poder no dia seguinte distingui-lo de qualquer outro: durante essa noite eu passeio em todos, sopeso suas emoções, vejo aqui coragem, ali medo, vejo em toda parte a vontade de ficar com

vida o maior tempo possível. Não são homens nem mulheres ainda, são quase iguais, são partes de uma psicolmeia, são humanos e humanoides ainda não tornados pessoas e, portanto, ainda no ápice de sua entidade-id; ainda desconhecem a plenitude da palavra *eu*, são tranquilíssimas feras (saboreio essas frases terrestres), máquinas vivas de sobreviver.

No outro dia, audiência com o Escudeiro. Há todo um ritual: determinadas roupas, gestos, palavras, e tenho antes que assistir várias gravações no Ideovídeo.

Mandou-me entrar. Entre nós havia uma mesa. À frente dele, uma pasta cheia de papéis. À minha frente, mas quase no meio da mesa, uma bandeja cheia de frutos terrestres, miúdos, todos diferentes, mas todos vermelhos com pontinhos escuros, a base amarelada, e tendo nessa extremidade um pedúnculo de folhinhas verdes que o Escudeiro arrancava num gesto preciso e punha de lado, levava em seguida o fruto inteiro à boca, na ponta de dois dedos, como se me indicasse de que modo proceder. Os terrestres dizem às vezes três ou mais coisas com um só gesto. Ele estava me dizendo: vê, não estão envenenados. Ou: vê, este gesto vem sendo lapidado há milênios. Ou: vê, sei que é a tua primeira missão como Instrutor, precisas começar a pensar na morte.

Um Combatente tem de sobreviver a todos os testes para ganhar uma alma; até então, é como se a morte não existisse. O gesto da morte é apenas um gesto a mais. Passamos a infância nas psicolmeias, fervilhantes viveiros onde praticamos ginástica, esportes violentos ou graciosos, ações coletivas. . . O Escudeiro exortou-me a ser bravo, a não temer a morte, repetiu a Lei: um Mestre-de-Armas é um Instrutor que foi tornado imortal. . . Não falei nada. Ele me estendeu as pastas com documentos, disse que aquilo era minha história, meu desempenho, meu currículo, minha folha de serviços, entendi? Sim, senhor. Que os lesse nessa noite e os devolvesse amanhã, era proibido mostrá-los, mas a nossa equipe tinha de ser a melhor de todas, e ele achava que quanto mais dados eu tivesse, melhor. Disse: vái, leva isso, a audiência está encerrada.

No teto do meu quarto vejo agora nossas dez naves, acopladas à Base Orbital de Buridan-3, terceiro planeta do sol Buridan, um sol muito semelhante ao da Terra. A humanidade terrestre tem em Buridan a

sua décima oitava Estação. As Estações são os Portais sucessivos em uma linha de Hipertempo, e através delas a humanidade vem se espalhando há milênios. Da Terra saltam para o sistema as estrelas duplas Odín; daí para o sistema de Craven, com quatro estrelas, e onze planetas habitados; daí salta-se para o sistema de Eloi; e o novo salto às escuras leva a Miraceli; e assim vinham os homens há um tempo sem conta, eternamente na mesma ordem, Estação sucedendo a Estação, e a décima oitava é Buridan, o mundo em que nasci.

Cada salto era sem volta, sem retorno possível; os homens despediam-se para sempre da Estação onde tinham nascido, e saltavam para a próxima, que ninguém entre eles podia imaginar qual era. Essas Estações, esses sistemas, estavam irregularmente espalhados pela Galáxia: uns próximos, outros afastados, e nem mesmo uma cultura grau dezoito como a nossa tinha discernido entre esses pontos algum tipo de padrão. Em todo o caso, sabia-se que eram pontos topologicamente contíguos, e quando um dia fosse possível ordená-los a humanidade deixaria de se arrastar ao longo de uma linha unidimensional do Hipertempo — poderia se deslocar nesse Hipertempo em mais de uma direção. Alguns homens pensavam: o que haverá na próxima Estação? Talvez lá, justamente lá, tivesse surgido uma nova e fantástica descoberta. . . Saltavam.

Nós não saltaríamos jamais; não para onde os viajantes saltavam, depois de chegar à Estação Buridan. Na data marcada, as naves com os nossos Combatentes se encontrariam num ponto qualquer do espaço com uma nave dos Intrusos, que a levaria consigo para um Duelo, como era sua tradição. Os Combatentes que participavam dessas façanhas pediam para ir duelar na Estação-17, Nikto; outros escolhiam Miraceli, a Estação-5; e outros, mais ousados ainda, pediam para ir morrer na Terra.

Tenho os olhos abertos, e os fones em meus ouvidos, continuam desafiando as descrições, os relatos, as leis. Sobre minha cabeça flutua a imagem da Estação Buridan, onde estou, um imenso pentáculo com uma nave acoplada em cada um dos lados de suas cinco pontas. Amanhã teremos nosso primeiro teste, que será escolhido pelos Escudeiros e posto em prática pelos Instrutores. Preciso me sair bem. . . Caso o atual Mestre-de-Armaz decida saltar para a próxima Estação, um dos Instrutores será escolhido para ocupar sua vaga — e tornar-se imortal. Dizem os relatos que há grande possibilidade de que isso ocorra agora, nesta geração (cada geração abarca um ano, desde quando os

Combatentes são sorteados e arrancados às psicolmeias até a vinda dos Intrusos, e a partida sem volta para o Duelo).

Os Escudeiros escolheram um teste que estava no arquivo há muito tempo mas era raramente usado: um labirinto de campos de força, num vasto espaço cúbico com dois quilômetros de aresta. O cenário era uma vasta cavidade branca, o chão como um gelo ártico, o quadrado negro dos emissores destacando-se na superfície. Os Combatentes desciam de uma nave imóvel, deixavam-se cair pelas aberturas invisíveis; quando caíram os últimos aquilo já era um vagaroso fervilhar de corpos minúsculos, como vermes numa carne, pensei em sobressalto, como vermes numa carne. Passaram horas nadando naqueles tubos; e havia uns truques geométricos para armadilhar os mais sugestionáveis, ou então truques como o de (é uma Memória, eu nunca vivi isso, mas está vindo a mim) o indivíduo que entra num corredor do labirinto onde a luz passa do vermelho para outras cores e por fim o violeta, depois do que o corredor fica estranhamente escuro e ele continua, contínua, até o corredor banhado de raios gama. . . Tive um sobressalto maior e afastei essa Memória, a energia-em-vinda dela era muito forte.

Dos que passaram sobrou uma turma boa, senti o quanto eram obstinados, eficientes, o quanto tinham sorte, o quanto tinham a vida a seu favor. O número de baixas (algumas dúzias) ficou maior do que a média prevista pelos Escudeiros; anotei. O segundo teste iria demorar uns dias, enquanto isso receberíamos pelo Ideovideo a transmissão dos testes de algumas das outras equipes.

Escolhi uma mulher. Uma Combatente de cabelos claros, uma boca diferente, um jeito de mover os ombros que a tornava quase-pessoa. Conforme a tradição terrestre, escolhi-a e calei. Nessa noite fiquei em meu alojamento; no teto do quarto coloquei um programa com trinta e dois minutos de um amanhecer terrestre, que chegando ao fim dava marcha à ré e se reproduzia às avessas, era como um sol chegando, vendo aquilo tudo e resolvendo voltar, desistindo.

Lembrei o dia da apresentação, os batalhões enfleirados, as instruções secas do Escudeiro ao microfone, a holoface do Mestre, um rosto com seis metros de altura, fitando e vendo tudo que acontecia em dez salões de dez naves, sem dizer nada, apenas acompanhando as cerimônias, os olhos com uma expressão desapaixonada, como se estivesse ali apenas verificando se o que tinha sido posto a funcionar

funcionava mesmo. E quando o Escudeiro me cedeu o posto, eu me adiantei e fiz o meu discurso, sem saber o que minha boca iria dizer até ao momento em que cada palavra era enunciada, e a voz saía redonda, sonora, na firmeza certa, sem um tremor, modulando com desembaraço as longas frases e traçando com graça as curvas das ênfases; dali eu não distinguia olhos nem rostos, mas o calor deles aumentava e chegava até mim, até que saudei, o punho erguido no ar: *Combatentes, gritei, boa morte!*... *Boa morte!*, gritaram os punhos erguidos.

O segundo teste era o de combate aberto. Minhas Memórias dele não eram muito claras. A parte inicial consistia em emissões de Ideovídeo com descrições da Terra Antiga, relatos, descrições, ficções; os Combatentes aprendiam palavras como Mesozóico, Cretáceo, aprendiam a distinguir a vegetação, os animais menores, experimentavam-se respirando aquele ar diferente, viam pela primeira vez os seres que imperavam nos pântanos dali. Na reunião de preparação a mulher pediu uma pergunta, concedi. Ela disse: Mas, se esta guerra. . . Eu corrigi: “Guerra não, este duelo.” Ela consertou: “Mas, se este duelo é com os Intrusos, se é a eles que vamos enfrentar, por que essas criaturas no meio, por que ter de abatê-los também? Eu disse: Está nos relatos, nós escolhemos o local do duelo, e pedimos a Terra; coube aos Intrusos escolherem as armas, e as armas serão esses seres.” Transportamos os Combatentes para o terceiro módulo da nave, onde o cenário estava todo pronto, uma ilha com trezentos quilômetros quadrados cercada por oceano de água e sal, coberta de selvas e atoleiros, e doze droides T-Rex à solta, programados para resistir à invasão. Destruímos cinco deles, um bom número em comparação com a média final de todas as equipes, que foi de quatro ponto três.

Ao visitar os feridos na enfermaria parei ao lado do leito da mulher. Eu tinha na véspera examinado as gravações dos rituais. Tomei a mão dela na minha, segurei-a em silêncio, enquanto os outros observavam tudo, meio à distância. Aquele gesto significava que iríamos juntos ao duelo, caso ela sobrevivesse às outras provas. Repetir esses velhos gestos terrestres me emociona, as Memórias borbulham. Penso que aquele instante não é só meu, que estou repetindo algo para mantê-lo vivo, passá-lo adiante; sou o mero trampolim para que um gesto milenar tome impulso e salte através do Tempo — lá vem ele, passa através de mim, sumiu, lá se foi. Eu o vejo vindo do futuro (“vou erguer a minha mão e tomar a mão dela”), me atravessando, e sumindo no passado

("tomei-lhe a mão, já a soltei"); mas esse é o tempo do indivíduo. No tempo da Espécie o gesto vem do passado (as Memórias que herdei, e as gravações do Ideovídeo que seis vezes por dia impregnam mais fundo minha alma em mim) e através de nós se prolonga e desliza para o futuro (esse gesto milenar, repetido por mim, aumenta sua chance de varar mais milênios). Por isso entre nós vale menos uma vida que um gesto, porque ao longo das infindáveis linhas do tempo há um desses gestos que será importante, há uma dessas palavras que um dia será pronunciada na hora certa e mudará a sorte dos terrestres, mudará o rumo dessas guerras sem ódio com os Intrusos. . . Não sabemos que gestos e palavras serão esses, mas passamos adiante tudo que temos, a vida emerge pronta das Memórias, e cumpre-se. Olhei novamente o cabelo da mulher, os ferimentos em seus ombros, os pés maltratados que emergiam do lençol. Pousei minha mão sobre um deles, era a primeira vez que eu tocava um pé; ela fechou os olhos, abriu-os de novo; era minha.

O teste seguinte de cada equipe seria de escolha de cada Instrutor. Fui aos arquivos, e durante a busca ocorreu-me uma Memória: conduzimos a nave até Buridan-2, o segundo mundo do sistema. O Escudeiro, de início, avisou que era impossível, que o planeta estava desativado desde que a selva avançara sem razão aparente e apodrecera os laboratórios, as bases e os campos de testes. Mas a Memória a que eu agora recorria fazia menção a uma equipe que tinha ficado lá, recuperando um dos campos; tentou-se o contacto com eles, foi conseguido. Era um bom prenúncio, porque eu sabia que aquele era um teste de sorte, um teste decisivo.

A selva tinha crescido mesmo. Quase não reconheci o lugar. Tinha uns animais novos, com carapaças, emitindo sons. Esporos. Fungos rápidos que não perdoavam cinco minutos de imobilidade. E havia insetos, tantos que minha Memória se inquietou: estava tudo muito diferente, estava muito pior.

Mas já estávamos lá, de modo que dei um desconto nas provas costumeiras, e soltamos os Combatentes em grupos de cinco, para que pudessem se carregar durante o sono; e o prazo previsto para uma nave recolher os sobreviventes, nos vários postos de espera, foi ampliado de dois para cinco dias.

Isso os ajudou. Os que chegaram de volta aos postos vinham em tal estado que me admirei de terem voltado tantos; mas uma variável aleatória tinha se voltado contra mim. No primeiro teste eu perdera

cento e vinte, no segundo setenta e oito; mandei trezentos e dois para a hileia de Buridan-2 e só me regressaram trinta e seis. No cômputo final, comparando-se com os testes escolhidos pelos outros Instrutores, resultava que o retorno médio, nas outras naves, acabou sendo de duzentos e vinte ponto sete. Minha equipe tornou-se a menor de todas, e o Escudeiro me chamou.

Havia uma bandeja de frutos, só que desta vez amarelos, todos iguais. Imittei os gestos dele e passei a saboreá-los, eram também muito bons. Ele quis saber por que eu tinha escolhido aquele teste; falei que devido às minhas Memórias. Ele disse que nunca tinha visto tantas mortes em todos os seus anos como Escudeiro; e mostrou os cabelos brancos. Eu fiquei calado. Depois disse: Senhor, o índice de retorno esperado em cada nave é esse, em torno de dez por cento. Ele disse: "Dez por cento do total, mas você recebeu quinhentos e só tem agora trinta e seis." Eu disse: "Senhor, eu garanto, se só ficarem cinco valerão por cinco mil." A audiência foi terminada.

A mulher retornou manchada de sanguessugas, ferroadas de vespas, inchada de mosquitos, febril, tossindo; sobreviveu aos outros quatro do seu grupo, foi a primeira mulher a atingir um posto de espera, e a oitava na classificação geral.

Eu sabia o motivo da preocupação do Escudeiro. Eu passava pelo menos metade dos meus dias mergulhado em gravações de Ideovídeo em que eu próprio aparecia; descobri isso quase por acaso ao mexer no meu equipamento, pedi meu próprio código para verificar uns cálculos e descobri que em meu canal de Ideovídeo havia gravações de pelo menos quinze dos meus dezessete anos. Revi-me criança, depois lutando, ou descendo corredeiras, ou dançando; e depois, já Combatente, atraindo um droide para uma areia movediça, ou. . .

Em nossa cultura, o aleatório tem algo de sagrado. Perseguímos a eficiência, mas o que louvamos é a sorte. Essa variável estava se voltando contra mim, e eu me sentia amputado, surdo ao passado, cego ao futuro. Eu era uma pessoa ainda muito recente, um resto de bicho, um começo de rosto, despregando-me da gosma confortável de ser coletivo como na psicolmeia, onde éramos sincronizados, orquestrais, às vezes juntávamos dois grupos de dez e ficávamos conversando como duas pessoas, aquelas dez vozes erguendo-se e alteando-se uníssonas, todos improvisando juntos e simultâneos as mesmas palavras. . .

Não é nisso que devo pensar. Sorte. Tenho visto, além de mim mesmo, gravações sobre a corporação dos Escudeiros. Apreendi algo sobre seus hábitos (lá embaixo, no planeta, não sabíamos nada sobre isto, estas naves com estes homens no seu interior; não sabíamos o que eram naves ou o que era a Terra ou os Portais ou os Intrusos; só os que se tornam Combatentes têm acesso a esses conhecimentos, mas nunca descem de novo ao planeta para contar a história). Os Escudeiros prezam muito a variável aleatória, o fator desequilibrante, a segunda lua, a terceira margem do rio, o sexto lado do pentágono. Cultuam a sorte. Faziam-me participar de avaliações durante pelo menos duas horas todos os dias: escolher um objeto entre muitos, apertar botões ao acaso, jogar dados e roletas, apostar em números. . . testes de *random-positivo*.

O próximo teste para os Combatentes era a criação da ego-área, a mente enfeixada numa só e que daí por diante assumiria o controle pronta para receber a alma. Aplicamos alguns miligramas de lisácido em cada um, e os colocamos nas cabines da centrífuga; uma vez em movimento, seriam submetidos a uma programação contínua para preservar-lhes os reflexos, os comandos, a capacidade de reter Memórias e tomar decisões. Quarenta e oito horas girando, com alimentação endovenosa, sob estimulantes, sob pressão, e sendo forçados a manter a consciência, porque os fones de ouvido estariam proferindo os comandos, e a voz teria de responder ao microfone, ou os dedos teriam de premir as teclas corretas, girando, girando, girando. Um ou outro estourava.

Passaram quase todos; a mulher não passou. Vi quando a trouxeram numa padiola, o cabelo arrastava pelo chão e a boca vertia saliva, o olhar chapado em duas dimensões, mongol. O Escudeiro ergueu os olhos da cifra final: vinte e um homens, sete mulheres; dezesseis terrestres, doze humanoides. Perguntou: "Por que essa mortandade toda?" Eu disse: "Senhor, são os testes." Ele disse: "Sabes que fomos a antepenúltima equipe, que só duas foram piores do que nós?" Eu disse: "Lamento, senhor."

Mas aquilo já era quase o final. Aqueles vinte e oito tinham sido aprovados, tinham tido sorte, tinham em si o pulsar forte da verdadeira vida, e agora estava na hora de ganharem uma alma, libertarem-se de vez da colmeia, conhecerem a solidão. As semanas após o último teste foram preenchidas por treinos com equipamento, com as unida-

des de comunicação, a preparação dos acampamentos e das estações, a alimentação, a medicina. E mais material sobre a Terra Antiga, onde iríamos enfrentar as armas dos Intrusos.

Fizemos então os implantes de superfície: informações sobre os Intrusos, praticamente tudo que tínhamos até àquela data. Como encontramos por acaso os homens da Terra Nova, os quais já iam por conta própria ao espaço, e como lhes ensinaram o salto no Hipertempo, o acesso aos outros pontos da Galáxia. Os terrestres construíram o primeiro Portal do Hipertempo e foram parar em Odin, um sistema de estrelas duplas onde construíram penosamente a Estação-2. Durante a colonização desse sistema, os terrestres perceberam que o Portal era apenas a seção de um tubo onde se corria numa só direção, de modo que em Odin o Portal trazia terrestres sem parar, mas os que nele embarcavam pela segunda vez não rumavam de volta à Terra, e sim para algum lugar desconhecido. A maioria recusava; o medo de jamais voltarem à Terra ofuscava em suas mentes até mesmo o medo de morrer, e eles preferiam ficar em Odin, esperando uma solução. Mas os que entravam no Portal em Odin iam emergir no sistema de Craven, com quatro estrelas, onde começaram a colonizar os onze planetas, e onde construíram a Estação-3.

Nós que somos uma cultura grau dezoito, ficamos às vezes a imaginar se uma cultura grau cinquenta, com quarenta e nove Estações a lhe fornecer História, irá um dia se lembrar de nós. "Eram os Combatentes", dirão, "os Combatentes de Buridan; nenhuma outra raça matou tantos Intrusos, nem antes nem depois." Nós não saberemos disso. Ficaremos aqui, de pé diante do Portal, que de um lado nos liga com Nikto, a Estação-17, num trajeto só de vinda; e de outro nos leva para o abismo, para a provável Estação-19, que não sabemos qual é, nem como será.

Provavelmente os homens de lá caçarão os Intrusos, como nós. . . e só algumas vezes terão conseguido, como os nossos, pôr os olhos nesses inimigos ocultos, que a cada vez têm uma forma diferente: moluscos, cristais de minério, cristais de energia, antropoides de uma habilidade feroz, psiplantas. Os terrestres os perseguiram e os exterminavam às cegas em qualquer ponto ao longo da linha das Estações, sempre recorrendo a técnicas diferentes. Em Miraceli, Estação-5, usavam-se invocações mágicas; em Turmalion, Estação-10, feixes de ultra-sons. Em Buridan, vivia-se apenas para colonizar o solo árduo do planeta, e

para os Duelos periódicos, quando uma nova geração de Combatentes estava pronta, e a nave dos Intrusos despontava nas telas de radar.

Desta vez não havia bandeja com frutos, a mesa estava vazia, e o Escudeiro tinha um aspecto cansado. Disse que as dez naves estavam, no final dos testes, com uma equipe total de trezentos e onze Combatentes; e que no dia seguinte o Mestre-de-Armas se reuniria com os Escudeiros para escolher, entre os Instrutores, aquele que deveria sucedê-lo. Disse também que eu deveria indicar, entre os meus vinte e oito Combatentes, o Instrutor que me substituiria quando partíssemos para a Terra Anriga.

Fizemos os Implantes profundos. Não bastava saberem quem eram e saberem quem eram os Intrusos. Era preciso implantar-lhes na mente as estruturas-de-impulso capazes de superar o medo da morte que dali em diante os acompanharia: dávamos a essas estruturas nomes tradicionais, como o Sentido de Finalidade, a Imaginação, a Fé, a Vontade de Realizar, o Impulso Modificador. No final de tudo, o amor pelo Jogo, e as regras do Jogo.

A imortalidade, disse o Escudeiro, é o sonho de todas as raças, e nenhuma delas domina esse sonho, nem mesmo os Intrusos; somente nós. Eu o escutava com um receio inexplicável; de minhas memórias estava brotando a sensação de pisar terreno sagrado. A imortalidade, continuou ele, não significa a eternidade, e sim uma vida prolongada indefinidamente, através de drogas, de banhos moleculares, de biólise, de tal modo que apenas a morte violenta poderia interrompê-la. Sabia eu por que só os Mestres-de-Armas tinham esse direito? Respondi de acordo com a lei: que os Mestres-de-Armas tinham sido Instrutores, e antes de serem Instrutores tinham sido Combatentes; cada um deles era o melhor guerreiro de sua geração. Ele retrucou com suavidade: "Sim, é isso, mas é mais do que isso, e chegou a hora de ficares sabendo."

Todos os Combatentes são imortais, disse ele: todos, ao chegarem à Base Orbital em forma de pentáculo, se submetem ao mesmo tratamento, quando ainda não têm alma; todos viveriam para sempre, não houvesse os duelos. Só o Mestre-de-Armas, disse ele, vive para sempre — porque sua missão não é lutar e morrer, e sim estar presente nas naves, ser um ídolo, um símbolo. Só morreria se alguém o matasse, e

os Escudeiros cuidam para que isso não aconteça; ou se matasse a si próprio, e contra isto ele recebe um Implante; ou por acidente, o que é raro. Tive dificuldade para entender aquilo. Perguntei o que ia acontecer ao Mestre atual, uma vez que ia ser substituído. O Escudeiro respondeu: Geralmente saltam em busca da Estação-19; há uma lenda entre os Mestres-de-Armas falando de um deles que conseguiu voltar, e diz essa lenda que a Estação-19 chama-se Torbus, e travam-se ali bellos combates, e os Mestres-de-Armas que buscam a morte podem encontrá-la sob aquele sol azulado, naquele planeta cheio de torres vazia deixadas pelos Intrusos, onde vivem humanoides tecelões e pastoris.

Acho que foi naquele instante que minha alma se instalou de vez em mim. Brotou-me uma Memória intensa, a mais intensa de quantas tinha recebido até então, uma Memória de Sentimento que era uma mistura da alma que eu recebera com as vontades de que meu corpo era capaz. Essa Memória me passou uma carga violenta de desejo, de não precisar viver, de querer somente os combates, o fascinante horror de estar-matando: os gritos dos que morrem a meio passo de distância, o gorgolejar do sangue, o vácuo impactante das explosões, o bafo das chamas, feras rugindo, a porta da nave Intrusa que se abre e dali surge algo...

Emergi, num sobressalto. O Escudeiro me perguntou o que eu acabara de ver. Minha voz estava fraca quando respondi: "Vi, senhor, a única vida que vale a pena ser vivida." Ele se ergueu e disse: "Pois terás de esquecê-la, porque essa vida será a deles, a tua é a imortalidade. Foste o escolhido, ajoelha-te, nós te nomeamos Mestre-de-Armas."

São cinco blocos de Combatentes, alinhados em dez por dez. São dez salões iguais à minha frente, e em cada um deles um Escudeiro de cabelos brancos explica o funcionamento da nave, explica o regulamento, os estatutos, as leis. Lembro-me do dia em que eu estava ali, com quinze anos de idade como todos os outros, e meus pés calçados de botas bateram, esquerdo-direito, esquerdo-direito, esquerdo-direito. Lembro do outro dia em que, já Instrutor, bradei meu discurso. Agora olho esses dez salões cheios de meninos que irão duelar. Desde que me tornei Mestre-de-Armas, trinta e duas gerações deles passaram aqui, diante dos meus olhos, fitaram de longe esta minha imensa holoface que os examina e inveja. Eu comando dez naves, em todas elas, enquanto decido... se saltarei ou não em busca de Torbus (se é que Torbus existe), em busca da única vida que vale a pena ser vivida.

Agora os dez Instrutores terminam ao mesmo tempo o seu discurso, bradando as mesmas palavras, as mesmas que bradei um dia. Os cinco mil punhos fechados se erguem no ar; e eu murmuro baixinho: *Combatentes, boa morte!*

PÁSSAROS NA LUA

Marcelo Cortez

Nas aulas de história, Marcus estudara a chegada do homem à lua como a descoberta de um novo continente, a apenas alguns mares de distância; os astronautas exploradores, provenientes da Terra, desbravavam céu, horizonte e infinito a bordo de sua pequena embarcação na esperança do inexplorado. Americanos, russos, ou como quer que se definissem na sua ultrapassada noção de nacionalidade, descreviam todos um efeito curioso ao enxergarem o próprio planeta de fora pela primeira vez: um sentimento confuso, misto de insignificância e grandiosidade que culminava com uma sensação de empatia e união pelos outros seres humanos; era como se a ideia de povo terrestre, entidade única e coerente, dotada dos mesmos ideais, valores e idiossincrasias, finalmente fizesse sentido.

Para Marcus, nascido e criado na lua, a Terra não parecia mais que um papel de parede, decoração colocada para amenizar a saudade de um lar que poucos conheceram; a essa altura, para a maioria dos habitantes do satélite, a Terra não passava de uma lenda que pouco diferia dos mitos antigos passados de pai para filho como uma herança, memória de uma era de deuses jamais vivenciada, mas preciosa demais para deixar morrer.

No entanto, qualquer noção de coleguismo ou companheirismo se esvaía à visão de um bico, capaz dos sons mais estridentes e belos que já ouvira, anexado a um corpo plumado e colorido, capaz de voar independentemente da gravidade artificial.

Marcus encostou os dedos finos contra as grades – um cinza prateado que contrastava com os azuis, vermelhos, ama-

relos, verdes, pretos e brancos das araras, cacatuas, sabiás, curiós, pintassilgos e tiatãs — e sacudiu as gaiolas. O movimento rápido e agressivo lançou as aves em um voo frenético e barulhento dentro do contêiner; em seu pavor, os pássaros alimentavam a curiosidade e o fascínio de um homem que só as conhecia por imagens e relatos.

Marcus tocou o comunicador no braço esquerdo e enviou uma mensagem cifrada para a distribuidora. Ela chegou em menos de meia hora.

— Como você passou com eles pela alfândega? — foi a primeira pergunta que ela fez.

Marcus deu de ombros, deixando a resposta no ar. Enquanto a distribuidora retirava as gaiolas do contêiner, ele puxou um cigarro para ocupar as mãos e a boca.

— Isso é de verdade? — foi a segunda pergunta que ela fez.

— Quer? — ele ofereceu. A fumaça tinha um cheiro amargo e pesado; ela tossiu incrédula.

— Quanto isso vai me custar?

— Amostra grátis.

Ela experimentou o cigarro e tossiu de novo. Com força. Os pássaros se alvoroçaram, piando e gritando e ruflando suas asas. A distribuidora socou as grades.

— Cala a boca! — gritou, mas as aves não pararam, e os dois foram obrigados a fechar o contêiner até que elas se acalmassem, ou apenas causassem e se resignassem ao seu destino.

— Por que será que esse negócio é proibido? — ponderou a distribuidora, encarando o cigarro.

— Qucima oxigênio — ele respondeu, e soltou uma baforada intensa sobre os pássaros, sobre eles, sobre a lua.

— Onde você conseguiu?

Ele sorriu e apontou para o contêiner.

— Veio junto.

Ela abriu um sorriso tímido e apagou o cigarro, guardando o restante no bolso, e retomou a atividade de organizar os pássaros nas gaiolas.

— Pra onde eles vão? — dessa vez, foi dele a pergunta.

Ela terminou de guardar um pássaro negro de peito avermelhado antes de responder.

— Esse curió aqui vai pra um velho do cixo norte.

Ele ponderou a informação.

Será que não vai chamar muita atenção esse pássaro cantando por lá?

— Se a polícia vai bater na porta do velho, se um vizinho invejoso vai dar uma surra nele, se o bicho não vai aguentar ficar no lado escuro, aí já não é problema meu.

Ela guardou o pássaro assustado junto dos outros na van e foi verificar a última gaiola no contêiner.

— Estranho. Tem uma gaiola sobrando — ela puxou a gaiola vazia, a porta abrindo e fechando com um ruído metálico.

Marcus terminou o seu cigarro e jogou o que restara no chão. Ele quase pisou na bituca para apagá-la, mas mudou de ideia de repente, e permitiu que queimasse até o fim. Ele entrou no contêiner e dirigiu-se até o fundo, caminhando em meio a punhados de plumas e merda de pássaro.

— Achei.

Ela se aproximou.

— Um dos pintassilgos — não havia compaixão nem tristeza em sua voz; seu tom era seco e definitivo.

Marcus se abaixou para vê-lo mais de perto.

— Cuidado pra não tocar. Vai saber do que esse bicho morreu.

Marcus puxou um par de luvas do bolso traseiro da calça e admirou o colorido daquele corpo: a cabeça vermelha, preta e branca, as asas pretas com brilhantes faixas em amarelo, o bico da cor do marfim, grande e pontiagudo. Ele afastou a plumagem em pontos diversos, procurando por marcas ou sinais.

— Escuta — começou a distribuidora — eu já terminei a minha parte. Coloquei tudo o que dava na van.

Marcus olhou ao redor: as gaiolas estavam amontoadas feito caixotes cheios de coisas e objetos; coisas e objetos que chamavam, resmungavam, vibravam e cantavam com as vozes mais bonitas que ele já ouvira.

— E os pássaros? — ele perguntou. — Por que será que eles são proibidos?

A distribuidora olhou ao redor.

— Queimam muito oxigênio? — ela abriu um sorriso forçado, mas ele apenas a encarou, impassível. — Sei lá, de repente os terrestres querem guardar todos pra eles? Talvez eles não se adaptem à atmosfera lunar? Ou talvez seja só pra inflacionar o preço e dar mais uma coisa exclusiva pros ricos poderem comprar. Que diferença faz?

Marcus não soube responder. Ao invés disso, apenas comentou:

— Nunca pensei que ouviria pássaros na lua.

A distribuidora apoiou a gaiola vazia no chão e o encarou de cima a baixo.

— Boa sorte — disse, e deixou-o com o pássaro nas mãos.

Sozinho, Marcus olhou ao redor: para os ganchos, as cintas, as fivelas e todo o aparato montado para manter as gaiolas fixadas e os pássaros presos. Vazio e sem vida, o contêiner ficara curiosamente menor. Marcus dirigiu-se ao centro do contêiner e abriu os braços; esticou-os ao máximo, tentando tocar as paredes, mas não as alcançou. Então, depositou o corpo do pássaro no chão da gaiola, esticando-o com delicadeza e cautela; encostou a cauda contra uma das paredes, enquanto o bico lascado quase agarrava-se à outra.

Sem saber por quê, Marcus prendeu a gaiola no banco do carona. O carro ergueu-se a três palmos do chão e saiu flutuando pela cidade. Ele cruzou com viaturas da polícia alfandegária no caminho, mas ele terminara a limpeza muito antes, e elas não encontrariam nenhuma evidência da carga; teriam de atentar a cantos, trinados, gorjeios e chilreios inéditos mas inesquecíveis em locais diversos da cidade, se quisessem descobrir alguma coisa.

Marcus observou o eixo norte e fez uma notação mental de passar por lá em breve. Os prédios suntuosos, as casas espaçosas para padrões terrestres, gigantescas para lunares, os monumentos aos desbravadores, a ponte orbital; era claro que

lá, e apenas lá, tais mercadorias poderiam ser adquiridas. E usufruídas.

Marcus subiu até o apartamento com a gaiola escondida sob um pano largo — fingiria carregar uma caixa para as câmeras de segurança. Não haveria encontros inesperados nem conversas constrangedoras: ele era apenas um homem carregando suas coisas, e havia três mil moradores por prédio, todos tentando viver suas vidas, não havia tempo nem interesse para um homem com suas coisas.

No apartamento, Marcus soltou a gaiola e postou-se no meio da sala. Respirou fundo e abriu bem os braços. Encostou em ambas as paredes com as pontas dos dedos; foi assim na sala-quarto, na cozinha, no banheiro.

Quando pegou o pássaro, algo no piso da gaiola, diante da porta, chamou sua atenção: a lasca do bico partido. Quanto tempo, quantas horas aquele animal teria lutado para escapar, apenas para descobrir que não havia escapatória? Que sua gaiola não passava de uma cela dentro de uma prisão maior?

Não soube se em sinal de respeito ou de ironia, mas Marcus decidiu levar o pássaro até o banheiro. O corpo inerte e diminuto entrou facilmente na lixeira a vácuo. Aí, foi o apertar de um botão — sem palavras nem cerimônias — e seu corpo foi lançado ao espaço sideral, onde não definharia nem apodreceria.

A redoma mantinha a mesma atmosfera e o mesmo oxigênio para todos, mas isso, Marcus sabia, não era condição suficiente de igualdade; a humanidade teria de viajar muito mais longe do que a lua, Marte, Júpiter ou Saturno se estivesse verdadeiramente determinada a fugir de si mesma, obstinada a encontrar um planeta onde não fosse forçada a se deparar com sua própria natureza, como se em algum canto do universo houvesse um segredo, uma chave mágica que a libertaria e permitiria seguir adiante, sem receios nem legados, apenas a promessa do novo e a expectativa da descoberta.

Marcus abriu a basculante, a ver se encontrava um pássaro voando além da redoma.

LUNA

Juliane Vicente

A emissária entregou os meus documentos e disse sem levantar os olhos:

– Tenha um bom dia.

A equipe de fiscalização era inteiramente padronizada: mulheres em idade da menopausa, unhas aparadas, lábios retorcidos para cima. Sempre imaginei que elas gargalhavam depois de acionar a segurança e desaparecer atrás da porta vedada à direita dos comunicadores públicos. Desde os doze anos, acompanhada pelos remanescentes habitantes originais, vira inúmeros espécimes das mais variadas raças e descendências adentrar àquela grande porta verde. Porém, eu jamais vira alguém sair.

Próximo, por favor – alertou a emissária, com a voz grave.

Desviei o olhar, não sem antes derrubar os papéis do homem que se postara atrás de mim. Junto aos selos carimbados pude ver a insígnia roxa dos viajantes de passe livre. O homem balbuciou palavrões, subindo as calças antes de se abaixar para juntar os documentos, o rosto vermelho inchado. Segui andando, ouvindo a reclamação sendo registrada sobre o tipo de gente que não deveria frequentar aquela parte da estação. Eu bem sabia disso. Embora as regras fossem claras quanto à circulação, separadas por níveis de acesso, havia um truque ou dois que fazia com que o guarda me deixasse passar pelo portão H, éramos objeto de fetiche para a maioria dos trabalhadores. O Novo Mundo funcionava assim desde os primeiros decretos da expansão de 307. A ida à Lua em 1969 havia sido apenas o primeiro passo do processo de tentativas de coloniza-

ção que se deu nas décadas subsequentes. O custo de pesquisas e construção de satélites para estudo de solo tornaram os investidores descrentes do possível estabelecimento de estações na superfície lunar. Aconteceram três grandes problemas nessa empreitada: a radiação do Sol, a baixa pressão e a produção insuficiente de alimentos. Assim, durante décadas os cientistas se dedicaram à resolução desses empecilhos para recriar a atmosfera terrestre em uma estrutura fechada.

Em 2073 iniciou-se a construção de Luna, a primeira estação lunar. Pouco depois disso foi decidido que finalmente faríamos contato com os terráqueos. Vivemos em silêncio até que o Homem decidira construir em nossa superfície. Poucos estudiosos haviam previsto que a Lua era crivada de tubos de lava, o subterrâneo era a única opção de enfrentar mudanças de temperatura, radiação cósmica e as colisões frequentes de micro asteroides. Olhando para trás, me pergunto se não teria sido melhor que tivéssemos reforçado a malha protetora e permanecido sem comunicação. A exploração do homem à Lua trouxera o fim da vida como conhecíamos. Os vilarejos, as cidades e até mesmo o capitólio central foram reorganizados e destinados aos nossos vizinhos, restando a nós os habitantes originais trabalharmos na estação da superfície. Hoje em dia, a maioria das crianças lunares nunca puseram os pés no subterrâneo, que dirá ter o prazer de saborear o néctar dos frutos originais. Todo dia chegam carregamentos destinados somente à alimentação dos habitantes do subsolo. Para os humanos, comida; para os lunares, ração. Algum decreto certificara que a ração diária de 300g por pessoa era o suficiente para nosso consumo. Dessa forma, toda semana carregamos dois ou três que morrem de inanição para o depósito de incineração.

Luna nunca fora planejada para ser apenas a porta de entrada para o centro do Universo, era o que controlava as revoltas e permitia que os recursos circulassem em um câmbio cada vez mais frenético. Nos primeiros anos de edificações, os antigos contavam que não havia trabalhadores que não perdessem partes do corpo pela recusa em construir a estação.

Ninguém sabe ao certo como os invasores dominaram tão rápido os nossos recursos. Dizem que tiveram auxílio de traidores. A derrota se sucedeu também para os marcianos reduzidos a estações de férias e aos nicanos espalhados pelo sistema solar, implodidos no grande inverno de 201 no Concílio de Tantus. Um a um, todos ajoelharam diante da supremacia bélica construída com capacidade para fazer sumir tudo o que existia.

Éramos culpados, afinal. Fomos os primeiros a estabelecer comunicação, escravos da cegueira por subestimar a espécie que destruíra metade do próprio planeta. A Eufrásia era o centro de inteligência e sede da Organização das Nações Unidas; a América, reduzida ao Brasil, parte do Chile, Colômbia e México, era responsável pela educação das crianças enviadas logo aos 4 anos de idade para iniciar os estudos colegiais. Trabalhadores braçais ganhavam chips de condicionamento aos 8 anos e eram direcionados para diversos postos de serviços. A Oceania era responsável pelo desenvolvimento de todos os produtos utilizados nos demais continentes, desde relógios de pulso que analisam diariamente o sangue dos moradores para prevenir epidemias como a volta da escarlatina que assolara a Alemanha em 2065, como os andróides controladores da massa que eram responsáveis pela segurança contra os reacionários do Grupo Emblema que luta contra a ONU, responsável por 13 ministros assassinados após o término da Terceira Guerra Mundial.

Depois disso, só havia duas possibilidades de fugir ao destino de morrer na estação espacial: o casamento inter-racial, que era o mesmo que trocar de patrão, e a promoção, que garantia uma casa e emprego nas fábricas da Oceania, com a vantagem de um dia de folga e a liberação de concepção de uma criança por casal. Eu sonhava com o dia que as injeções mensais cessassem. Não é como se eu quisesse engravidar ou algo do gênero, eu jamais conceberia uma criança lunar em tempos como esse, nada pesa mais que os efeitos colaterais da injeção. Nossos corpos não são preparados para os medicamentos desenvolvidos pelos terráqueos, por isso perecemos de

doenças que não eram alarmantes para nossos vizinhos, como o Tétano, que dizimara nossa população em um quarto. A luz da campainha acendeu, eu era a próxima.

— Sente-se, por favor. Temos tempo para conversar e é preciso que você entenda tudo que envolve a sua promoção — disse o homem em um tom descontraído.

Sorri e meus lábios docram, não conseguia lembrar há quanto tempo os músculos do meu rosto não se acomodavam para montar um sorriso.

— Para começar eu vou colocar você na transmissão interna visual padrão. E depois farei algumas perguntas, ok?

— Sim, obrigada — sussurro enquanto ele instala os fones de ouvido.

O escritório se dissolve e sou levada a uma simulação histórica sobre a colonização lunar, a imagem do líder subterrâneo dando um aperto de mão no presidente Theodore enquanto assina os decretos que nos tornaram escravos. Em seguida, aparecem crianças felizes em sair dos subterrâneos embarcando para a Terra, de mochilas coloridas nas costas e os pais acenando em despedida. No trecho de história da Terra, líderes como Gandhi eram introduzidos com frases motivacionais sobre a convivência entre povos. A câmera então trocava de foco para a primeira pessoa, retratando o dia de um trabalhador subterrâneo na Luna recheado de cumprimentos entre as pessoas e colaboração coletiva. Tudo uma grande mentira, diante das agressões gratuitas e estupros autorizados. As luzes se apagam e a mensagem estampada é a mesma que embala os produtos e a camisa que eu visto: Luna — União sem fronteiras!

O que você tem a dizer sobre a visualização?

Abri os olhos, e respirei fundo. Eu trabalhara para esse dia, a vida em Luna era uma prisão para qual eu não podia voltar.

— Uma bela demonstração das conquistas da Terra que nos trazem ao nosso presente glorioso — respondi, colando os dentes para que a boca permanecesse aberta, congelada num sorriso.

- Perfeito! Eu não poderia responder melhor. Há muito tempo que lhe observo. Nós precisamos de alguém como você - o dedo do homem em riste apontado na direção do meu peito desceu para a mão que descansava no papel de dispensa que ele precisava carimbar para me dar liberdade.

- Eu sempre farei o melhor pelo bem de todos - disse apressada, outro slogan que eu decorara das campanhas anuais sobre fraternidade da ONU.

- Você é uma subterrânea nativa, está ciente das dificuldades que ainda encontramos para convencer a sua raça a colaborar, somos uma só comunidade. Nós precisamos de alguém que nos ajude a ter acesso a essas pessoas, queremos que eles vejam que as coisas podem ser melhores se eles colaborarem. Posso contar com você?

- Com certeza - respondi. Ele carimbou o documento, acenando com a cabeça em afirmação.

- Eu volto em seguida, preciso dar um encaminhamento de promoção para um dos meus. Retorno em seguida.

O homem saiu, deixando a transmissão ligada, pensei em avisá-lo, mas ele já havia fechado a porta. Ele se encaminhou para outra sala igualmente mobiliada, a sua frente cumprimentou um dos guardas que costumava ser atencioso comigo. O homem estampava felicidade pela promoção, pude ver através de seus olhos as lágrimas tornando a visualização opaca. A transmissão começou, a sala se dissolveu até se tornar a imagem do líder subterrâneo forçado a assinar o acordo com o Presidente Theodore. A história da Terra em imagens de bombas nucleares, assassinatos em massa, um urso polar em um pedaço pequeno de gelo ainda sólido. Quando acabou, o homem suspirava para controlar a respiração. Outra imagem sobreveio a anterior, subterrâneos sendo chamados para a promoção semanal, em letras vermelhas acima da imagem estava escrito "Promoção com sucesso", e o subterrâneo apertava a mão do responsável e seguia para uma instalação médica, anestesiado, tinha seu chip reiniciado e então se acordava sem expressão, vestia um uniforme e era encaminhado para as mansões e os

estabelecimentos comerciais das cidades subterrâneas. As letras menores estampavam o seguinte: "Trabalhadores subterrâneos só podem ter seu chip reiniciado após concordar com os termos do decreto interplanetário, em assinatura obtida na sala de promoção. Após assinatura, encaminhar para o setor de condicionamento, onde serão direcionados para o local de trabalho disponível. Todos os procedimentos são gravados, decreto 34, alínea c."

Não havia Oceania para os subterrâneos. Jamais houvera chance de vivermos como refugiados na Terra. Me perguntei o que acontecera com as crianças nascidas sem autorização que eram retiradas de suas famílias. Revirei as gavetas procurando informações. Algo deveria ser feito! A pasta dizia "crianças bastardas", era um manual de passo a passo de recolhimento das crianças de suas famílias até que fossem destinadas ao setor de engordamento. A página a seguir continha instruções para raspagem de pelos se o destino fosse a cozinha e manter o cabelo se fosse venda. Havia dois códigos de contato abaixo das estampas do *Restaurante Subterraneus* e da *Sub Sauna* — seu prazer, com discrição.

O choque me fizera derrubar a mochila no chão, tentei arrancar os implantes sem sucesso. A porta não abria, não havia escapatória. Procurei por um objeto cortante, optei pelo peso de papel, uma pedra irregular. Escondi-a no bolso do casaco e aguardei o retorno do homem engravatado. A porta se abriu com um clique, minutos depois.

— Pronto, agora é só você assinar aqui e aqui. E terá o seu futuro na Terra. Não é maravilhoso?

Me virei para ele sem demonstrar a ansiedade que me tomava. Como poderia me aproximar? Não era permitido. Se eu corresse para o atacar ele acionaria a segurança imediatamente. Engoli em seco e baixei as alças da blusa, os olhos dele se estreitaram, a carranca de desejo que domina todos os homens de seu tipo. Ele se aproximou, desabotoando as calças em minha direção. Quando a distância diminuiu, vi a mão que segurava a pedra bater na sua cabeça até que o sangue escorresse

em meus dedos. Ele caiu ainda consciente, as mãos tentando agarrar meu pescoço. Em cima dele impedi que o chamado de emergência fosse acionado, golpeando cada vez mais forte. Uma, duas, três vezes. Os braços dele afrouxaram, no relógio em seu pulso as letras vermelhas "emergência" piscavam sem parar. Levantei em pânico, sentia uma dor aguda no peito, me encolhi até que a sala desaparecesse, não sem antes vultos de guardas armados me arrastarem para o escuro sem fim.

Desperto confusa. Visto o uniforme e me encaminho para o trabalho. O cartaz com a foto de uma praia na Oceania me parece familiar. É quase como um sonho. Sem conseguir lembrar o porquê continuo andando, dou bom dia aos guardas e sigo em direção à recepção. O primeiro cliente é sempre o mesmo senhor careca de uniforme do Comando Superior da Luna. Preparo o mais perfeito sorriso, afinal esta é a minha função e devo fazer sempre o meu melhor:

-- Bom dia, seja bem-vindo à Sub Sauna.

PARAGON

Diego Mendonça

Era uma vez um trio de otários que estavam muito fodidos porque fizeram merda. Nesse oceano de néon, onde os balidos de prazer e o cheiro de esgoto se misturam no ar rançoso das vielas e becos; onde as trevas noturnas perdem feio para a escuridão das sombras dos arranha-céus da cidade de Nova Porto Alegre, estamos para lá de fodidos. E quer saber por quê? Bem, a resposta para isso não é tão simples: não bastasse nossa inegável culpa em criar a Última Luz, uma arma anticapitalismo capaz de destruir todo o mercado de ações com um único disparo (sério, não estou brincando, é mesmo capaz disso, caso tivéssemos a chance de chegar a Wall Street). Tivemos a audácia de roubar o projeto do século da Corporação Paraíso, uma empresa da própria ONU, o projeto que diziam que revolucionaria vidas, que iria tornar as ruas mais seguras, ou que podia muito bem servir de empregado perfeito, um amigo; um androide que podia passar por um humano sem ninguém perceber. Nós do Grupo Mariposa não concordamos com esse tipo de coisa, achamos um absurdo máquinas se passarem por humanos — já há máquinas demais nesse mundo, se quer saber. Há implantes biônicos em nossos braços e pernas, contas bancárias neurais e conexão obrigatória com a internet, e querem mais isso? Robôs se passando por pessoas? Não conseguimos aceitar. Fizemos o que achávamos certo a se fazer. Somos um grupo de três pessoas, mas somos os três mais perigosos do mundo. Soubemos que a sede da Corporação Paraíso que cuidava do projeto Paragon era uma daqui da Velha República, Nova Porto Alegre, e não pudemos nos conter. Onde há néon, as mariposas estão na volta.

Com nós três empunhando a Última Luz, numa investida bastante planejada, conseguimos invadir a sede da Corporação Paraíso. Em 2203 quase tudo é tecnológico, o mecânico se tornou arcaico, e embora ainda utilizado, cada dia que passa ganham versões eletrônicas e computadorizadas. A morte dada pela Última Luz ao eletrônico nos garantiu acesso livre, porque os implantes biônicos dos guardas morriam, ou se necessário atirávamos nas próteses neurais deles (embora evitássemos isso a todo o custo) para deixar-lhes em estado vegetativo. Para dar morte a energia, um disparo bastava.

— Como vamos saber que estamos diante do Paragon? — Andy, meu noivo, perguntou.

— Acho que vamos saber quando virmos — eu disse.

E eu não estava errada, soubemos mesmo, quando vimos.

Era um androide de aparência feminina, que se parecia mesmo com uma humana. Zombaram de mim dizendo que ela era parecida comigo, como uma irmã mais nova.

— Minha irmã não é uma aberração feito essa — eu disse.

Rimos, é claro. Estávamos contentes. Vencemos uma fortaleza com um exército de três: Andy, Wendel e eu, usando uma arma improvável como a Última Luz. Então, diante da Paragon, nos restava apenas disparar e acabar com ela ali. Mas não. Tivemos a brilhante ideia de usar o androide projetado pelo sistema para lutar contra o sistema. Assim sendo, a desconectamos dos cabos e a transportamos para o nosso furgão.

Viramos notícia no mundo inteiro, o Grupo Mariposa ganhou seguidores e esses hastecaram o símbolo da mariposa em lágrimas de sangue contra o governo manipulador. Sim, manipulador. Não nos importamos necessariamente com a tecnologia, mas contra o excesso disso para manipular nossas vidas. A tecnologia devia ser uma ferramenta, um facilitador, não obrigatoriedade para se viver. A internet, por exemplo, se tornou tão necessária quanto um copo de água. Junto com as primeiras vacinas de um recém-nascido, o governo também aplica um chip neural com conexão de internet 10G e vivemos uma

infância tola sendo bombardeados por informações de certo e errado que não nos diz respeito. Muitos, quando se tornam adultos, estão tão acostumados e confortáveis com seus deveres cívicos e as rotineiras informações que recebem na lente focal que sequer reprogramam a configuração das notícias ou mesmo as desabilitam, coisa que eu fiz há muito tempo. Ainda temos autonomia para desativar se quisermos, mas em breve, suponho num futuro não muito distante, seremos incapazes disso. Não duvido que os bebês que estão nascendo nesse exato momento não serão fantoches do governo (bem como alguns adultos de agora são). Sabe o que é engraçado? Se te pegam no metrô lendo um livro de papel, riem de você. Dizem que você é um punk. Você pode estar lendo um livro erótico, ou mesmo de fantasia, coisa que não tem nada a ver com politicagem ou filosofia, mas vão sempre pensar que esse seu ato de ler em papel é para se rebelar contra o sistema. No começo não era, porque eu gostava do toque do papel, de ler como os antigos liam um livro, mas agora faço de birra e para mostrar que se uso um chip neural, foi porque me obrigaram a usar, não porque eu quis.

O Grupo Mariposa, apesar de já contar com alguns gatos-pingados de membros ao redor do globo, cresceu exponencialmente com a notícia do roubo da Paragon. Achavam decerto que éramos apenas punks indisciplinados, que não sabiam o que estavam fazendo. Sim e não. Bem, como eu disse no início, somos um bando de otários bem cagados. Sim, sabíamos o que estávamos fazendo, porque, porra, fizemos algo poderoso como a Última Luz, que impõe medo até na CIA, KGB, Al Qaeda, e mesmo na ONU. Eles são os grandões que podem fazer o mundo explodir com um botão, mas nós somos os pequenos que criaram a arma que desativa esse botão. Estávamos com tudo até cometer a imbecilidade de levar a Paragon para nossa base. Esse foi o momento que jogamos a merda no ventilador.

Sou a perita em robótica do trio, a que saberia como arrebentar as defesas nano tecnológicas da Paragon, além de passar pelos firewalls e bloqueios inteligentes. Coisa que fiz, e com afinco. Burlei todo o hardware e software dela com dificuldade

e muita determinação. Em duas semanas, pus Paragon a funcionar, obedecendo aos nossos comandos.

Isso, na verdade, era o que eu achava. O que *nós* três achávamos.

Paragon, como descrita, era a modelo perfeita, a excelência em andróides de ponta. Paragon era a ímpar, a um, perfeita em todos os aspectos. Tinha beleza semidivina, tinha a voz perfeita para os homens e a voz perfeita para as mulheres; se programada corretamente podia ser meiga ou durona, burra ou inteligente, e também forte ou fraca. Podia ser pacífica ou bélica, o que quer dizer que podia ser usada tanto como uma doméstica quanto andróide de guarda. Os rapazes do Grupo Mariposa, não duvido, ficaram tentados em tratá-la como boneca sexual.

— E isso é só o protótipo — Wendel disse. — Imaginem só quando estiver pronta, realmente perfeita. Que tipo de monstruosidade vai ser?

Sim, monstruosidade, porque o monstro não é aquele que tem 50 metros de altura, é grotesco e sai por uma grande metrópole devastando prédios e cuspidando um raio de energia pela boca, o monstro na minha concepção é aquele que se camufla e faz parte da paisagem. Aquele que você acha que é só mais um, e, no entanto, é um monstro debaixo da pele de humano.

Desde que Paragon acordou, ela tem sido passível ao que nós a ordenamos; ela dizia ter sensações e sentimentos, bem como nós humanos temos. Dizia que se sente presa e sufocada, mesmo eu estive em dúvida por um breve momento sobre estarmos lidando com uma humana de verdade. No entanto, ela não comia, não tinha necessidades básicas: dormir, mijar, cagar. Por mais que fosse uma criatura agradável e manipulável, ainda era potencialmente um monstro.

Monstro.

Ela se fez de desentendida, de andróide boba e idiota, mas nenhum de nós três do Grupo Mariposa foi capaz de imaginar o que processava naquela mente cibernética dela. Enquanto dormíamos, ela deu um jeito de criar autonomia, se conectar à internet e entender quem ela era. Sabendo que era a Paragon, e

que éramos do Grupo Mariposa, se revelou e também se rebelou. A criatura perfeita criada pela mão do homem nos ameaçava.

— Vocês são bandidos, e bandidos precisam estar na prisão — ela disse.

Eu saquei uma Última Luz, Andy e Wendel também, e apontamos para aquela maldita sucata.

— Eu sabia que devíamos tê-la destruído lá — Wendel disse.

— Lá ou aqui, tanto faz. Um tiro e já era — Andy disse.

A Paragon nos encarava com aquele olhar intimidador, e fez menção de atacar. Não hesitamos em alvejá-la. Três disparos de Última Luz a atingiram. Devia ter sido fatal, morte ao eletrônico, incontestavelmente, mas ela resistiu. Ela oscilou por um instante, mas estava vindo em nossa direção. Ela me pegou pelo colarinho e disse:

— Me dê roupas suas — ela sorriu. Mostrou dentes sintéticos perfeitos e seus dedos de nano fibra envolveram minha carne. — Ou irei matá-la e arrancá-las de você a força.

Tirei as que vestia, ficando apenas de calcinha e sutiã. Ela vestiu minhas roupas. Esteve nua o tempo todo, com um corpo perfeito para o padrão da indústria da moda. Ela me largou e eu caí no chão cuspidando saliva e arfando. Ela se vestiu com saia xadrez, camisa preta de banda de rock e uma jaqueta de couro por cima de tudo.

— As botas — disse ela, se acocorando diante de mim. Me dê as botas.

Mas ela não esperou que eu as desse, ela puxou dos meus pés com força e rispidez. Meus tornozelos estalaram. Wendel andou silenciosamente até ela com uma barra de aço e desceu com tudo sobre a sua cabeça. A barra de aço no impacto fez um estampido doloroso e ricocheteou para cima e voltou com tudo contra testa dele. Usando a abertura que isso criou, Paragon se levantou ligeira e o atacou rápida e precisa como um bote de serpente, e depois se voltou para as botas.

Wendel caiu desacordado no chão.

Andy parou diante dela com uma Cyber-Winchester e engatilhou. A Última Luz não funcionou nela por motivos que

desconhecemos, mas a escopeta energética iria arrebentar o que quer que acertasse. No caso, a Paragon.

Saia de perto de Linda - Andy disse.

-- Se ousar atirar em mim, morrerá - Paragon disse.

E ele ousou.

Outro bote.

O disparo da Cyber-Winchester subiu e alvejou o teto, em seguida ela nocauteou Andy também. Ele caiu em cima de vários de nossos computadores, arrebentando-os e fazendo um barulho terrível.

Vai tentar me parar também? - ela me questionou.

— Não.

-- Sábio de sua parte. Humanos sabem mesmo se adaptar às adversidades.

Ela calçou as botas e depois me socou.

Acordei há pouco com um dos meus dentes lascados e uma terrível dor de cabeça. Escuto as sirenes do grupo tático da polícia do lado de fora do QG do Grupo Mariposa, bem como a Cavaleira da ONU que usa uma das armaduras de poder, a Ártemis Cibernética me sugerindo uma rendição pacífica através de um megafone - estão mesmo nos tratando como terroristas. Mas... ah, somos mesmo três idiotas. Paragon fugiu do QG enquanto nós dormíamos e ela limpou o dinheiro da minha conta neural, e imagino que tenho tenha roubado de Wendel e Andy também. Se tivéssemos atirado com a Última Luz nela antes do QG, saberíamos que a Corporação Paraíso estava projetando algum tipo de tecnologia imune aos disparos da Última Luz. Lá saberíamos com que estávamos lidando, mas não, convidamos o vampiro para nossa casa.

Com lágrimas nos olhos, rezo para que eu ao menos consiga morrer com dignidade. Ao que vejo, Wendel e Andy não estão desmaiados, mas mortos.

Ao menos, com uma Última Luz, posso fazer milagres contra aqueles que me rodeiam.

A tecnologia é uma doença.

www.com

Maurício Schames

Acordei com a vibração do *Smartphone* acusando o recebimento da mensagem. O e-mail que enviei em 1998 havia enfim sido encontrado e respondido.

As palavras que usei naquele tempo continham erros crassos de linguagem e me envergonhavam tanto quanto a agressividade relida.

A resposta dele continha o mesmo teor. Entre tantas coisas, o que mais lembro foi a citação pouco amistosa sobre minha falta de coragem para um encontro pessoal.

Escrevi uma nova mensagem ao longo de algumas horas falando sobre meu arrependimento. Apesar do constrangimento inicial, cada caractere introduzido na confissão me confortou. Era libertador dizer o quanto condenava a pessoa que fui vinte anos antes. E o quanto mudei.

Talvez se não fossem todas aquelas repulsas alheias que causei, jamais tivesse amadurecido. Afinal, quem havia terminado só era eu. Merecidamente, não é mesmo?

Propus um encontro pacífico. Talvez em algum dos lugares que nossa geração tanto frequentou na década de 90. Ainda deveriam existir alguns desses, eu acreditava, embora nunca mais tivesse abandonado meu quarto.

Segundos após o envio da minha tréplica, o aparelho vibrou anunciando dois avisos. A mensagem não pudera ser entregue ao destinatário, cujo endereço de e-mail era oriundo de um provedor de internet antigo e aparentemente desativado. O segundo aviso foi mais intrigante. Acusava o recebimento de um novo e-mail, do mesmo endereço agora inexistente.

As últimas ameaças dele salientavam minha obrigação de clicar naquele link para evitar outras consequências. Recomendou que não duvidasse, afinal já encontrara a localização da minha residência graças ao IP das mensagens trocadas.

E foi assim que aquele mesmo chat, que caiu meses depois do World Trade Center, abriu-se por inteiro na tela do meu Smartphone, que por sua vez contraiu pequenas teclas, como espinhas.

Estávamos sozinhos naquela sala de bate-papo, onde tantas ameaças públicas e infantis foram trocadas. Impressionante como os demais frequentadores virtuais acreditavam que éramos hackers de verdade.

Curiosamente lembrava mais do nick do meu rival do que o apelido que uscí naqueles tempos, onde o ambiente virtual tantas vezes acobertou minhas atitudes.

Escrevi mais uma vez sobre meu arrependimento, mas era tarde. Seria impossível amarelar após tantos insultos.

Já que eu não havia comparecido pessoalmente no encontro marcado através do meu e-mail de vinte anos atrás, o duelo seria virtual.

Meu quarto foi absorvido por todo aquele ambiente. O som de internet discada começou de forma sutil, traduzindo aos poucos frases absurdas e com entonação metálica crescente. Minhas paredes vazias ganharam diversos caracteres. Algumas palavras interrompidas por arrobas e hashtag me deram a noção das regras do embate.

O último que gritar Ctrl+Alt+Del seria o novo dono deste ciberespaço.